REVISTA DA SEMANA

N. 23 [illegible] Cr$ 5,00 em todo o Brasil



Extra:

CHURCHILL ABANDONA A ARENA

FOTO-
RASIL.

NOTAVEL!

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado



Cr.$ 20,00



1951

1952

1953

1954

BREVEMENTE EM TÔDAS AS BANCAS

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 23 ★ 5-6-54

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Nestor Moreira, assassinado pela Polícia 4/7
Rio, capital mundial da sujeira 11/15
Isto é Nova York 20/21
Quem tem talento vai a Roma 22/24
Florença, o lírio e o leão 28/29
O crime da francesa 38/39
Nelson Rodrigues, tumulto na platéia 45/47
Churchill abandona a arena 48/52
Quebra-quebra no Pará 54/56

POLICIAL

Rosedá no mapa do crime 30/31

HUMORISMO

O riso dos outros 8/9
Cuco 59

SEÇÕES

Rádio 10
Astrologia 16
Palavras cruzadas 18
Página dezenove 19
Cinema 25
Plantão noturno 26/27
Femininas 32/35
Literatura 37
Coisas e graças de São Paulo 44
A semana acabou assim 57
Champanhota 58
Último flash 58

CAPA:
Winston Churchill
(Foto Camera Press)

● Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
● Assistentes .. HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
● Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
● Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR
S. L. GUIMARÃES, A. MENDES,
S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
● Desenho .... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor .... GRATULIANO BRITO

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



GADO HUMANO NAS PRISÕES DO RIO

● O assassinato, pela polícia, do jornalista Nestor Moreira fêz com que tôda a imprensa e, com ela, a opinião pública se detivessem diante das medonhas condições em que se encontra a maioria dos presídios da Capital Federal. Revelações as mais espantosas surgiram, então, através das quais o país inteiro tomou conhecimento dos indesculpáveis e vergonhosas falhas do aparelho policial, carente não só de profissionais honestos e humanos, mas, também, de recursos para atender as levas diárias dos detidos que são levados para os Distritos e Delegacias especializadas.

● Entre tôdas as reportagens que, nos últimos dias, se escreveram a respeito, avulta, como a mais impressionante, a que os repórteres Edmar Morel e Jader Neves, de «Última Hora», conseguiram levar a efeito nas intimidades da Delegacia de Vigilância e Capturas, em cujas infectas celas foram encontrar, numa promiscuidade de curral de matadouro, dezenas de presos. Na próxima semana, Edmar Morel, em entrevista à REVISTA DA SEMANA, contará como conseguiu realizar a espantosa reportagem. (V. foto acima) que estarreceu o país inteiro, ilustrando suas declarações com outros instantâneos fotográficos ainda inéditos e igualmente impressionantes.

EPITÁFIO DE NESTOR MOREIRA:

ASSASSINADO P



O corpo de Nestor Moreira ficou exposto na redação de «A Noite», onde o jornalista tra-

O LUTO MARCOU AS PAGINAS DA IMPRENSA



NESTOR MOREIRA nasceu em 1[illegible] de junho de 1909, no Distrito Federal. Faleceu no dia 22 de maio de 1954, no leito de um hospital, 11 dias após ser agredido brutalmente pela Polícia. Exercia a função de repórter policial há 23 anos no jornal «A Noite». Contava [illegible] anos de idade, era casado com [illegible] Antonieta Moreira. Deixou [illegible] filhos: Amir, de 20 anos, e Hayton, de 1[illegible]. Residia na rua Nascimento Silva 120, apt. 203, em Ipanema. Era um bom chefe de família e um profissional cumpridor de seus deveres. Seu epitáfio é bem um retrato vivo do Brasil de hoje: «Assassinado pela Polícia».

Após 11 dias de luta corpo a corpo, a morte venceu o velho repórter e a violência (roti-

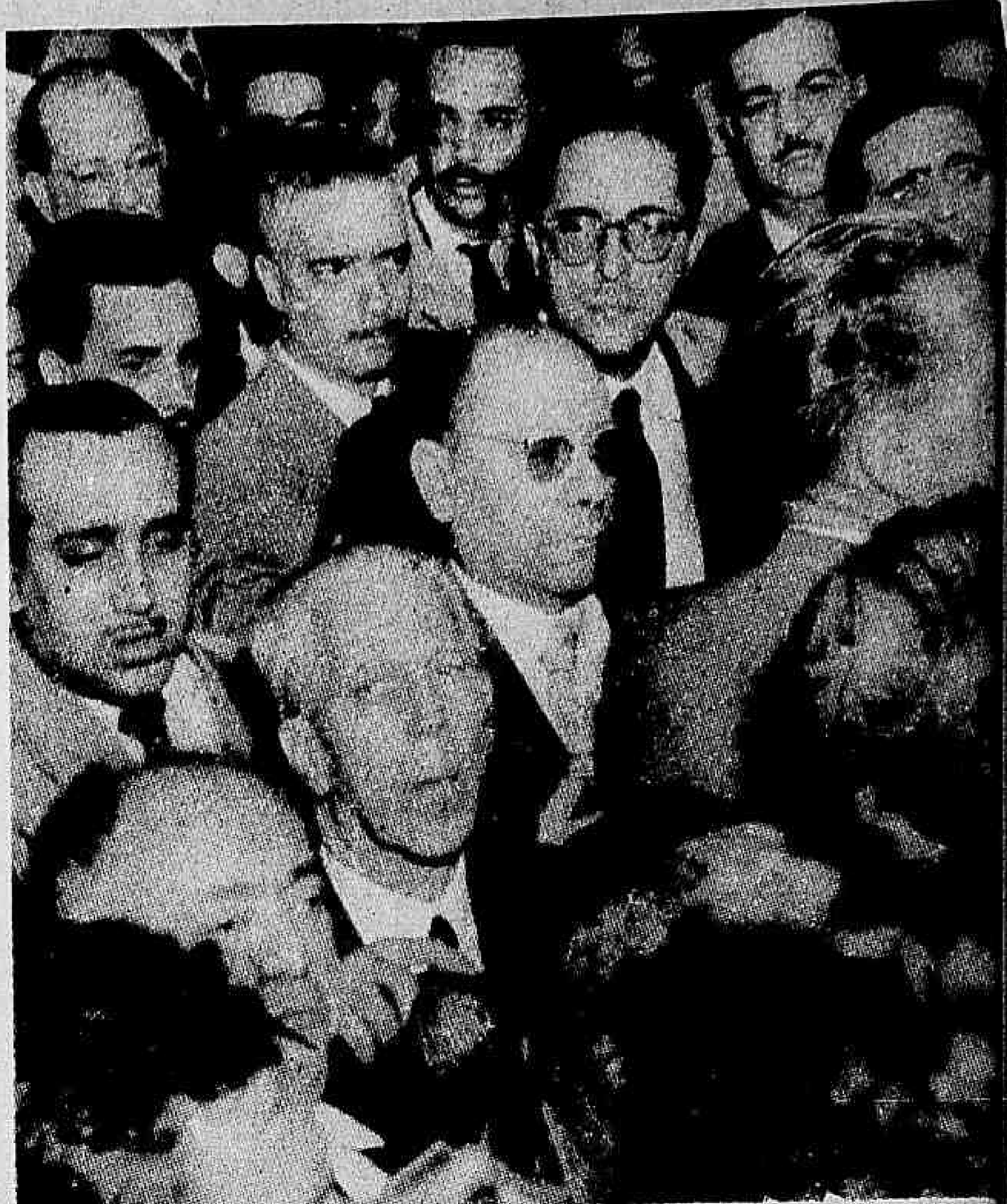
Reportagem de LEON ELIACHAR

ÀS 2,35 da madrugada o repórter Nestor Moreira deu seu último suspiro. Foram 11 dias de agonia, conseqüência da brutal agressão de que foi vítima, no 2º Distrito Policial. Ainda na sexta-feira, tôda a população da cidade acompanhava a progressão de seu estado de saúde através dos boletins médicos: o diretor do Hospital Miguel Couto, dr. João Soares da Silveira, declarava que a fase «post-operatória», com seus perigos próprios, havia sido superada. Nestor Moreira passava um dia tranqüilo. Fisionomia serena, barba feita, sorria. Mas o seu sorriso era amargo: «Foi uma monstruosidade. Sei que não resisto. Estou morto». Mas o dinamismo e o entusiasmo do jornalista estavam bem vivos ainda: «Já estou farto desta cama e desta posição. Quero levantar-me e ir para

O PELA POLÍCIA



sta tra- balhou dedicadamente 23 anos. Sua filha inconsolável beija o rosto do pai pela última vez.



HERBERT MOSES: «Foi um atentado bárbaro, tanto mais grave por se tratar de um jornalista, que, pela sua profissão de informar o público, devia ter a sua segurança preservada».



MANOEL BARCELOS: «O chefe de polícia deve ser demitido». CARVALHO NETO: «Repórter profissional, Moreira possuía tôdas as qualidades de um grande profissional. Além disso, era profundamente humano».

o a / elho / oti- neira) da polícia transforma-se num dos mais hediondos e bárbaros crimes dos últimos tempos

Fotos de ARNALDO VIEIRA

mo sus- / gressão / tôda a / de saú- / outro, dr. / », com / sava um / sorriso / morto». / os ainda: / e ir para

casa». Durante a tarde, Moreira recebeu visitas de colegas e amigos, tendo à cabeceira da cama a espôsa e os filhos. Alimentou-se regularmente e seu sono invadiu a noite. Os médicos mostravam-se satisfeitos. E o dr. Junqueira Leite fornece o último boletim: «O jornalista Nestor Moreira passou a tarde e a noite de hoje relativamente calmo, tendo conseguido dormir um pouco. As melhoras obtidas ontem mantiveram-se hoje com tendência a acentuar-se. Alimentou-se a suco de frutas, mingau e algumas colheres de canja. Os exames de laboratório revelaram uma diminuição de uréia e normalização da creatinina. A sua temperatura máxima foi de 37°2; pulsação, 96; pressão arterial, 14x7; respiração, 38; estado clínico, bom».





O assassinato do jornalista é o símbolo de uma época que regride ao

A MORTE: VISITA DA MADRUGADA

A 1,30 da madrugada, Nestor Moreira acorda e chama a enfermeira. Pede um suco de laranja. Bebe e agradece. «Vire-me. Quero mudar de posição. E amanhã cedo poderei ir para casa. Sinto-me bem melhor». Foram suas últimas palavras. Minutos depois entrava em estado de coma. Que não durou muito. A agonia foi rápida e os médicos atestaram: colapso cardíaco, em conseqüência de toxemia por estercoremia. Dera-se a absorção das toxinas produzidas no intestino levando o paciente à morte, confirmando assim o receio dos médicos desde os primeiros instantes. Agora Nestor Moreira era um simples cadáver, mais uma vítima da ferocidade atroz de uma polícia cruel e incivilizada. A imprensa tôda cobriu-se de luto e o clamor público fêz-se sentir nas mais revoltadas opiniões.

CALA-SE UMA VOZ: LEVANTAM-SE MILHARES

Vários oferecimentos foram feitos, da A.B.I., da Câmara dos Deputados, da Câmara dos Vereadores e do Senado, mostrando o desejo de que ali se instalasse a câmara ardente. Mas o seu corpo foi transportado para a redação de «A Noite», vontade de sua família, pois ali o jornalista exerceu dignamente a sua profissão durante 23 anos de sua vida. Sua voz calou brutal e covardemente. Mas a imprensa livre continuará bem viva, gritando protesto por êsse hediondo crime que não se estende apenas a uma vida humana, mas que toma características sérias, como uma ameaça à liberdade de opinião e do pensamento. Nestor Moreira foi um mártir que veio marcar os limites das violências policiais, num país onde a lei se impõe com o cassetête inconsciente e criminoso de verdadeiros bárbaros, que não hesitam em espancar um ser humano até a morte.

JUSTIÇA: O PQVO MEXE O FIEL DA BALANÇA

A morte de Nestor Moreira provocou profunda revolta no espírito público. Seu corpo, já no edifício de «A Noite», foi rodeado de amigos, colegas e milhares de pessoas que, indignadas com o barbarismo policial, foram prestar o seu tributo ao jornalista assassinado. A manhã chuvosa



O último diálogo

A última pessoa que conversou com o jornalista Nestor Moreira foi o repórter radiofônico Mário Garófalo, da Rádio Tupi. Aqui vai reproduzido êsse diálogo:

Garófalo — Quem mandou bater em você?
Nestor — Eu acredito que foi o delegado.
Garófalo — Bateram muito?
Nestor — Um massacre. Socos e ponta-pés sôbre a região externa (exterps). Uma coisa tremenda.
Garófalo — Quem bateu em você?
Nestor — Você insiste?
Garófalo — Hein?
Moreira — Você insiste?
Garófalo — Fale!
Moreira — Foram os dois guardas que ficam no telefone. Mas o número eu não sei.
Garófalo — Os números você não sabe né?
Moreira — Não.
Garófalo — Mas êles ficam onde? No telefone que você disse?
Moreira — É.
Garófalo — No telefone?
Moreira — É. São os encarregados do pôsto de pronto-socorro da Delegacia.
Garófalo — E todos dois bateram?
Moreira — Todos dois.
Garófalo — Chegaram a derrubar você?
Moreira — Chegaram.
Garófalo — Caiu no chão?
Moreira — Caí.
Garófalo — E quando você caiu no chão o que fizeram?
Moreira — (incompreensível).
Garófalo — Hein?
Moreira — Disseram que eu era burro...
Garófalo — Hein?
Moreira (com mais (ênfase) — Disseram que eu era burro!
Garófalo — Ah! Disseram que você era burro.
Moreira — É.
Garófalo — Por que você acha que disseram isso?
Moreira — (longo trecho incompreensível).
Garófalo — Você está me reconhecendo?
Moreira — Não.
Garófalo — Sou o Garófalo.
Moreira — Sim, Garófalo!
Garófalo — Sabe que estamos aqui ao seu lado.
Moreira — Muito obrigado.
Garófalo — O ministro da Justiça estêve aqui pela manhã.
Moreira — É?
Garófalo — É. Êle e o Herbert Moses...
Garófalo -- Nestor?
Moreira — Hein?
Garófalo — Você quando chegou na Delegacia o que fizeram com você?
Moreira — Procurei o Delegado perguntando onde estava o processo.
Garófalo — Que processo?
Moreira — É... (suspiro). O guarda...
Garófalo — O que é que disse o guarda?
Moreira — Que achava que não era hora para se trabalhar sem levar dinheiro. Que só me entregava o processo mediante uma gaita.
Garófalo — Ah. O guarda disse isso?
Moreira — Disse (grande número de palavras incompreensíveis).

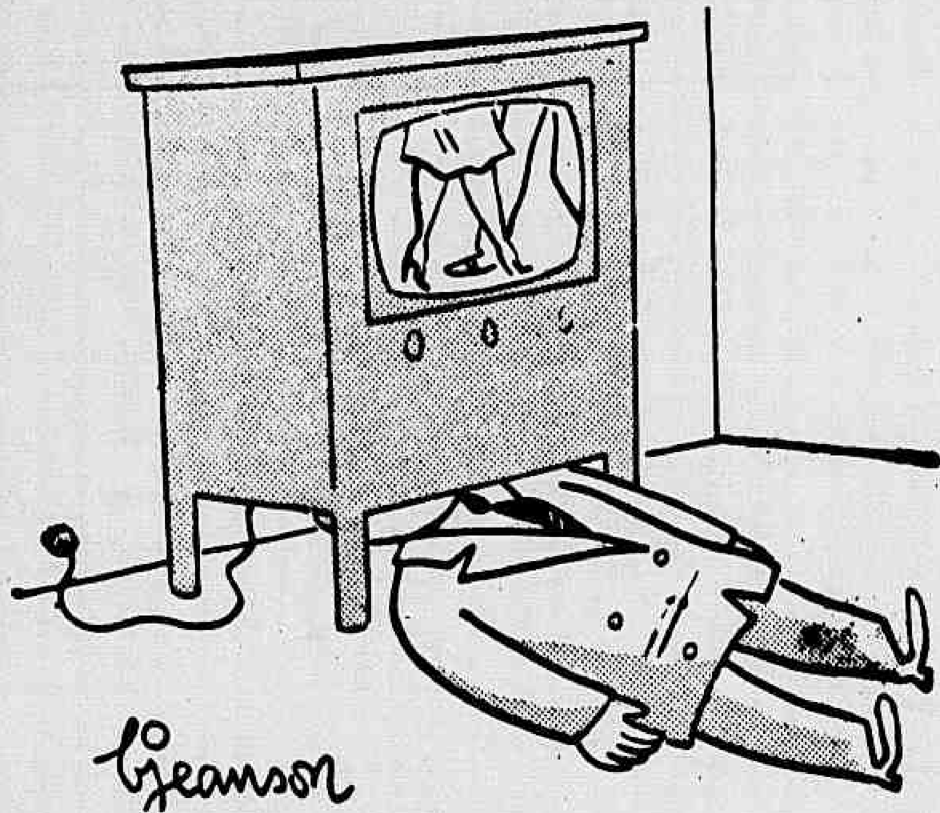


O prefeito Dulcídio Cardoso estêve no velório e acompanhou o entêrro a pé. Tôda a multidão, comovida, queria ajudar a carregar o caixão.

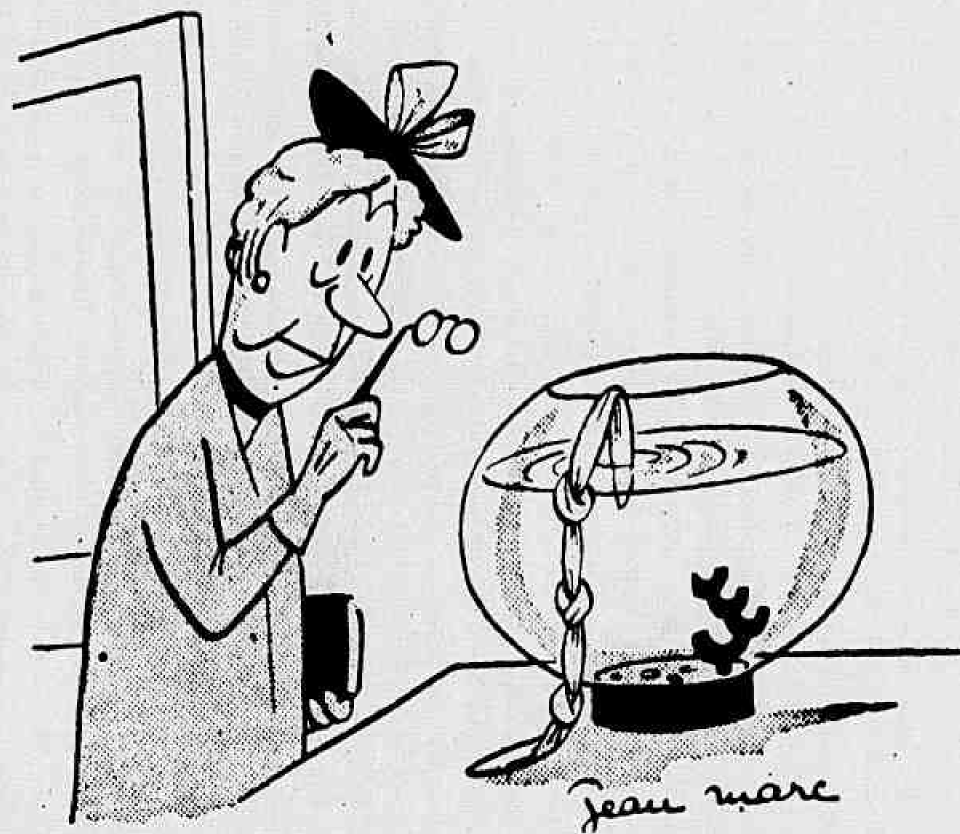
barbarismo. E o povo sabe disto

não impediu que todo mundo viesse à rua para acompanhar o seu sepultamento. Carregado, a pé, da Praça Mauá até a praça Paris, daí seguiu para o cemitério São João Batista. Não se via na rua nenhum policial civil; o policiamento foi feito por soldados das Fôrças Armadas. No cemitério, à beira de seu túmulo, oradores se inflamaram e clamaram justiça. Muitos olhos foram umedecidos por lágrimas sinceras de pesar. No último momento, o caixão desce e um silêncio pesado domina todos os pensamentos: é preciso que se faça justiça a essa vida sacrificada. Nestor Moreira não existe mais; mas é o símbolo de uma época, onde a fôrça bruta regride aos tempos primitivos. Todos os corações estão unidos, o povo sente que é chegado o momento de reclamar os seus direitos de cidadãos livres, e que uma providência enérgica deve ser tomada para que cada ser humano tenha garantidas as suas vidas dentro da sociedade, e não entregues, como até agora, à sanha assassina de uma polícia selvagem. A lição do jornalista foi trágica demais. Foi preciso que Nestor Moreira fechasse os próprios olhos para que o govêrno abrisse os seus



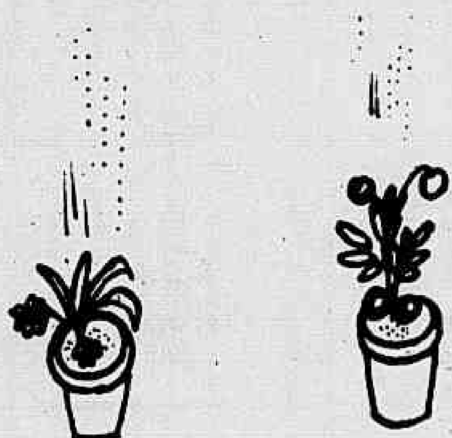


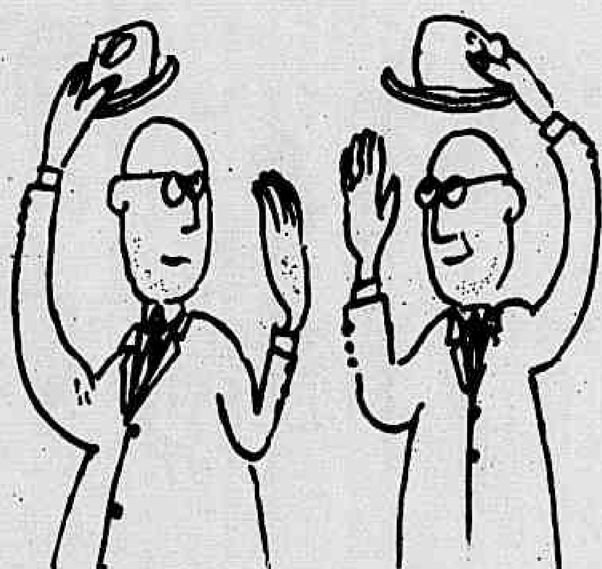
SEM LEGENDA



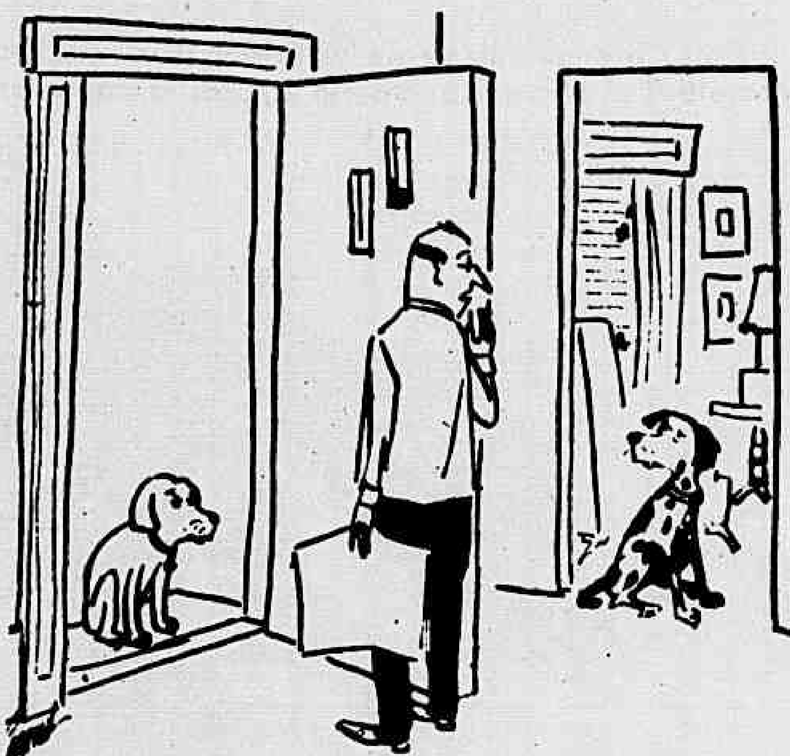
SEM LEGENDA

RISO DOS OUTROS

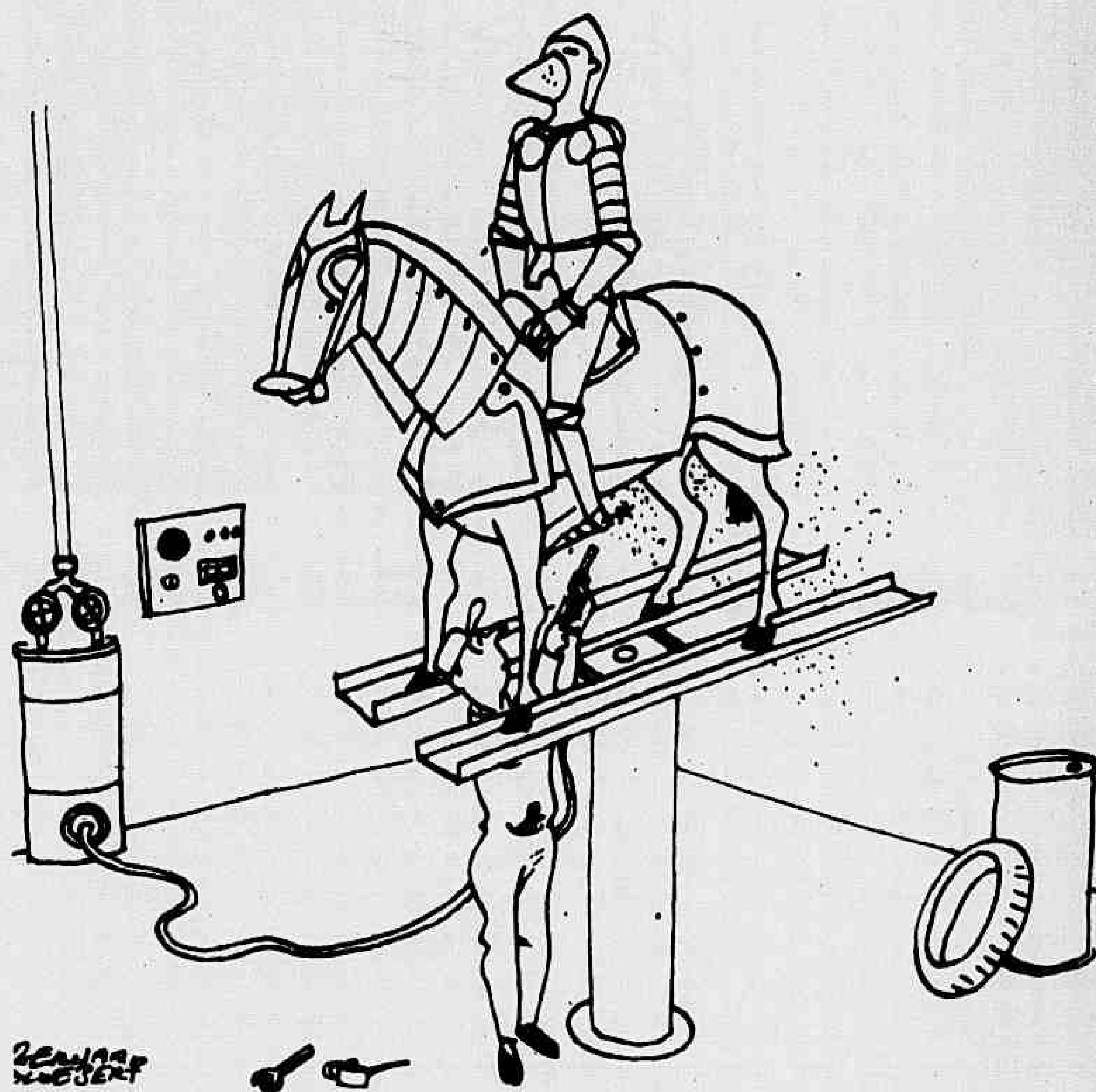




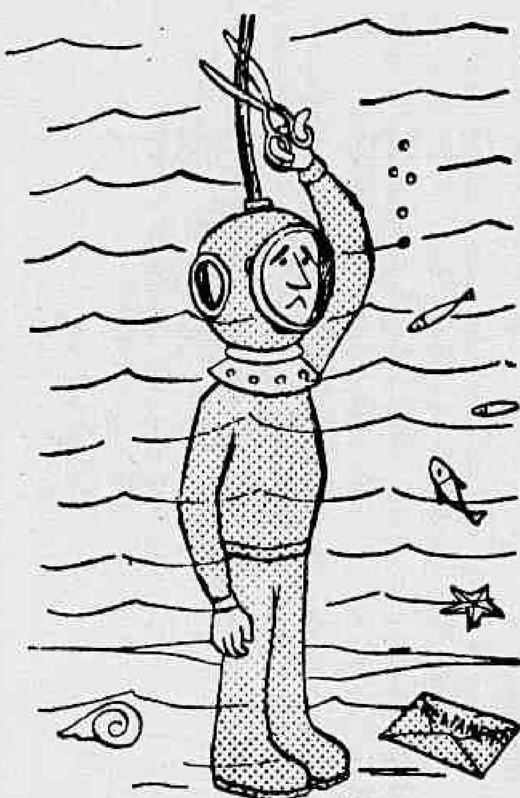
— Até logo, e felicidades!



— E' para você...



SEM LEGENDA

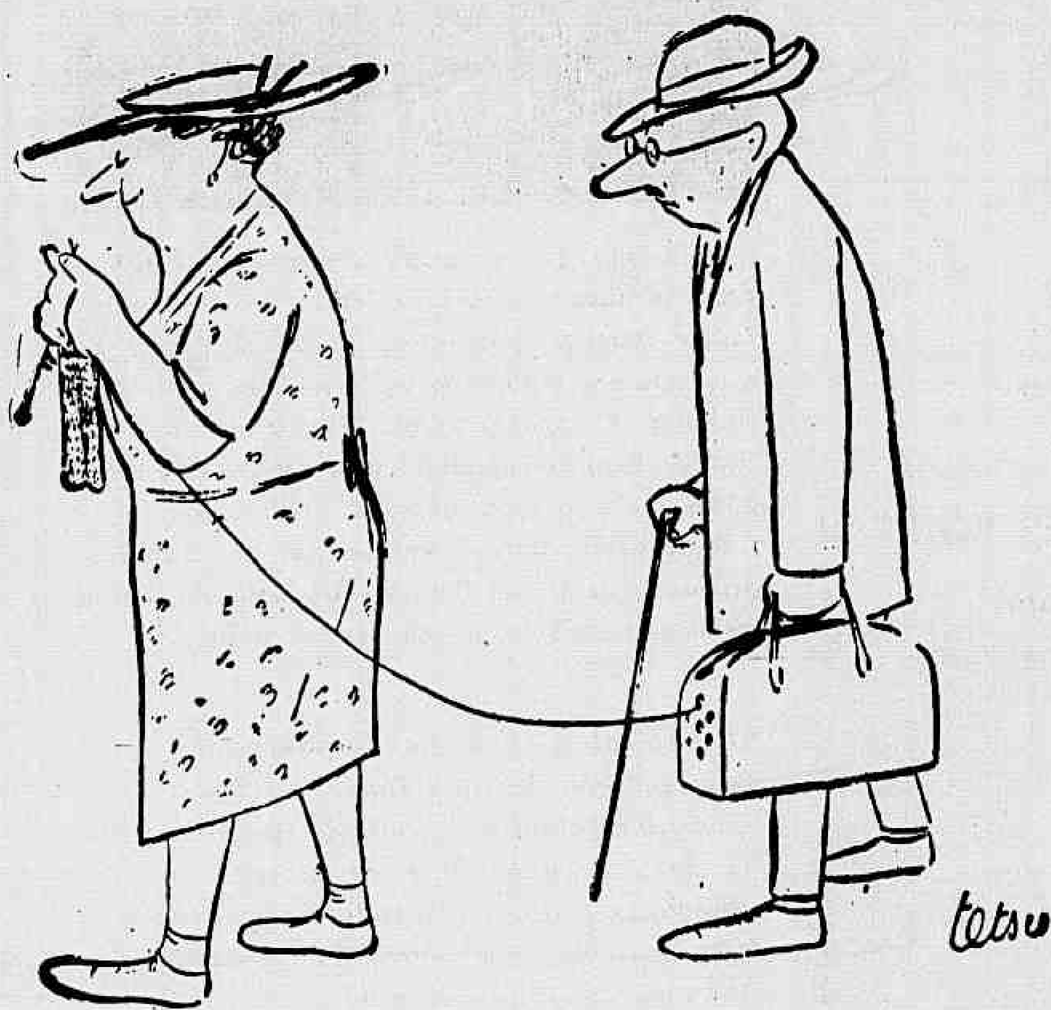


SEM LEGENDA



(Dis. di Bertolato)

SEM LEGENDA



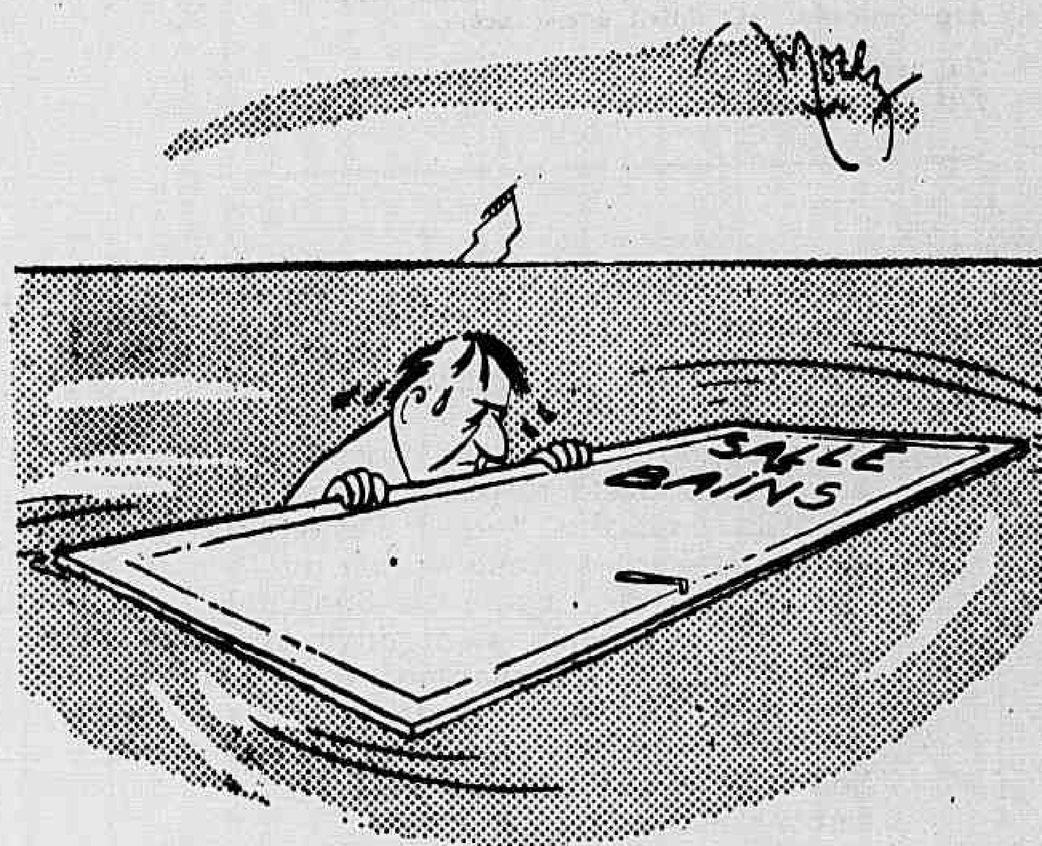
SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



SEM LEGENDA

DE UMA DENÚNCIA

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Soube, ontem, numa roda de velhos cantores, que um mal novo está acontecendo na música popular brasileira. Diziam que surgiu um autor novo, senhor DI VERAS-VERO (trata-se de um pseudônimo, é claro), que é riquíssimo e impõe o êxito de suas músicas a pêso de ouro. De antemão, gostaria de dizer que não sou contra o autor Di Veras-Vero pelo simples fato dêsse senhor estar com a erva. Há o caso do senhor Carlos Guinle Filho, milionário que também faz música, e até hoje não encontrei uma só restrição aos seus sambas, é bem verdade que feitos de parceria com Caymmi. Mas queixavam-se, os autores, de que o Di Veras patrocinou o lançamento de Cauby Peixoto (um ato digno) e conseguiu, nas emissoras, que suas músicas sejam cantadas, em cada uma, pelo menos três vêzes por dia. A outra intérprete do Di Veras é Angela Maria — samba «Foi um Sonho», gravação Copacabana nº 5217 — tocadíssimo hoje em dia. Se a coisa é como dizem os cantores, trata-se de uma concorrência desleal. Estamos vivendo uma época em que, diàriamente, é inaugurada uma nova fábrica de discos. Os suplementos são imensos e as estações de rádio, se bem que muitas, não dão conta de um lançamento geral de cada suplemento. Se há prioridade para um autor, a maioria será prejudicada. Gostaria de dar a essa crônica um tom de denúncia e pedir aos diretores do rádio que examinem essa irregularidade. Quanto à música do senhor Di Veras-Vero (tanto a de Angela Maria como a de Cauby Peixoto) é fraca. Não traz nada de novo ao gênero popular.

MAYRINK VEIGA DISPARADA



Ganhou fácil o título de rainha do rádio e deve, em parte, sua carreira ao prestígio da PRA-9.

Em começos de 1952, os grandes elementos da Tupi mudaram-se armas e bagagens para a PRA-9. Um jornal «associado», comentando a migração dos «astros», chegou a dizer que a Tupi facilitou a saída dêsses elementos, «já velhos e superados». E acrescentava: faremos um rádio jovem, ágil e noticioso. Completaram-se agora dois anos e a Mayrink Veiga é, na realidade, a emissora mais ouvida do Distrito Federal, em seus horários noturnos. Isto a gente constata, fàcilmente, visitando casas de amigos, passando pelos automóveis dos outros ou parando num café para comprar cigarros. Todos os rádios estão quase sempre ligados para a emissora do senhor Antenor Mayrink Veiga. Dos seus programas, aconselhamos: «Vai da Valsa», «A Cidade se Diverte» e «Levertimentos», de Haroldo Barbosa. «Alegria da Rua», «Regra de Três» e «Musical Antártica», de Antônio Maria. Há outros «shows» interessantes, como: «A Rainha Canta», de Angela Maria, e «Rei do Baião», com Luís Gonzaga. Como vemos, os elementos que se mudaram para a Mayrink Veiga ainda não estavam superados.

VERSOS DE MARLY SOREL

Marly Sorel, do Ceará para o cinema, do cinema para o rádio (via Heitor Muniz), do rádio para a poesia (via audácia). Eis os seus versinhos, publicados há um mês numa revista especializada: «O difícil é esquecer».

Os pensamentos me devoram a alma
Por que insistir nessa paixão?
Se minha'alma e meus olhos choram
E não encontro solução?!...

Como é fácil de amar.
O difícil é esquecer
E fazer o coração calar
Pois se êle é que nos faz viver.

O mundo me decepcionou
O que eu quis não encontrei
Quem eu amei, não me amou
Quem me amou, eu não amei.

Receita para Marly: diàriamente, em jejum, ler Manuel Bandeira.

AS 10 MULHERES MAIS BONITAS

(Do Rádio, é claro)



Dóris Monteiro, uma das mais bonitas e a mais fotogênica. Ótima no cinema.

Dizem que o rádio de hoje não é tão forte em belezas como o de 1938, por exemplo, tempo de Roxane e Silvinha Melo, de Carmen Miranda e Violeta Coelho Neto de Freitas. Aqui estão as mais bonitas de hoje: Dóris Monteiro, Julie Joy (em férias), Silvana (da Mayrink), Dircinha (mais cara que corpo), Marlene (mais corpo que cara), Dulce Martins, Olivinha de Carvalho, Emilinha (mais cara que corpo), Esther de Abreu (a mais bonita de tôdas) e Gilda Valença. Dessas 10, a mais elegante é Marlene; a mais inteligente é Dircinha; a mais viva é Julie Joy e a mais portuguêsa é Esther de Abreu, «com certeza». Do grupo, são solteiras: Dóris Monteiro, Julie Joy, Dircinha (porque quer), Dulce Martins, Olivinha de Carvalho e Emilinha. A mais noiva de tôdas é Esther de Abreu.

NOTICIAS DE SÃO PAULO

A esta hora já deve estar havendo a grande batalha entre a Nacional e a Record por causa de Angela (Anelando as noites calmas) Maria. De um lado Paulinho de Carvalho acena com 40 mil cruzeiros e, do outro, Vitor Costa responde: «eu cubro». ★ Em romance aberto pelas ruas da paulicéia, Teresa Austregésilo e Renato Consorte. O comediante da Record (dono de um dos maiores narizes do Brasil) diz que vai casar. Teresa ficará em São Paulo, fazendo coisas na TV paulista. ★ Indiscutivelmente, Osni Silva está com a bola branca. Seus programas são aplaudidíssimos (no novo auditório da Nacional, que é uma beleza!) e seus discos não chegam para quem quer. ★ Está no Rio, brilhando, a ex-locutora da Piratininga e bonita moça, Silvana. Não confundir com a Silvana da Nacional carioca, que é bonita também, embora menos um pouquinho.

CANDIDATOS DO RÁDIO



Barcelos já se considera eleito.

O rádio apresenta, êste ano, mais uma grande lista de candidatos. Ei-los: Paulo Roberto, Humberto Teixeira e Almirante (não quer aceitar) para deputados. Para vereadores, temos: Manoel Barcelos, Carlos Frias, Paulo Gracindo, Urbano Loes, Raul Brunini, Ari Barroso, Silvino Neto, Sagramor de Scuvero, Jair Martins (Indio), Emilinha Borba (hesitante) e Saint Clair Lopes (notícia de última hora, não confirmada). Provàvelmente serão eleitos: Barcelos, Frias, Brunini (nas águas de Carlos Lacerda), Sagramor e, se souber trabalhar, Ari Barroso. A meu ver, Jair Martins, pelo ar de ódio com que fala na TV, terá pouquíssimos votos, apesar da proteção de Carlos Lacerda.

ESTA LETRA É RUIM

Cada vez que botamos o papel na máquina para focalizar as pobres letras de nossas coitadas canções populares, uma coisa nos diz que estamos malhando em ferro frio. Que êsse trabalho é, apenas, uma fábrica de inimigos. Vencer esta campanha seria vencer o mau gôsto . . . e o mau gôsto é invencível.

Aqui estão alguns versos de «O Gira-Sol», gravação de Odete Amaral. De hoje em diante, publicaremos sòmente os versos piores:

"O gira-sol é uma flor ornamental"
"Meu coração é uma flor sentimental
Que adora alguém — fonte de lágrimas e dar"
"O astro-rei vive longe de mais"
"Enquanto a flor se estiola de ansiedade
Meu coração fica morrendo de saudade"
"Do gira-sol e do coração
Que padecem de um mal
Que não tem remissão"... etc.

Isso de não publicarmos os outros versos, não quer dizer que êles sejam bons. Não. São ruins também, embora perdendo para os que foram agraciados com esta publicação. Quando os diretores artísticos das gravadoras serão homens capazes de selecionar as palavras da nossa música? Usa-se, no Brasil, chamar verso ruim de verso «comercial». Isto é errado. Verso ruim é ruim mesmo, aqui e em Santana do Livramento, quiçá em Aracaju.

★

ELDORADO A VENDA

● Na hora em que escrevemos estas notícias e comentários, chega uma notícia sensacional. A Eldorado estaria sendo negociada por 40 milhões com um grupo de industriais e comerciantes de Pernambuco. Não temos tempo para ouvir a senhora Ana Koury que, certamente, nos esclareceria sôbre o assunto. No caso da transação ser concluída, recomendamos aos compradores que mantenham quase todo o sistema de irradiação inventado por Gilberto Martins.

CADA CARIOCA PRODUZ 600 GRAMAS DE LIXO POR DIA

RIO DE JANEIRO: CAPITAL MUNDIAL DA SUJEIRA



NO CORAÇÃO DA CIDADE: O MINISTÉRIO DA FAZENDA PRESIDE A INFLAÇÃO DO LIXO.

O lixo





Em cada ponto da cidade, mesmo no centro, montanhas de lixo provam a





E dizer que, num tempo não muito distante, o Rio já ostentou o títul de





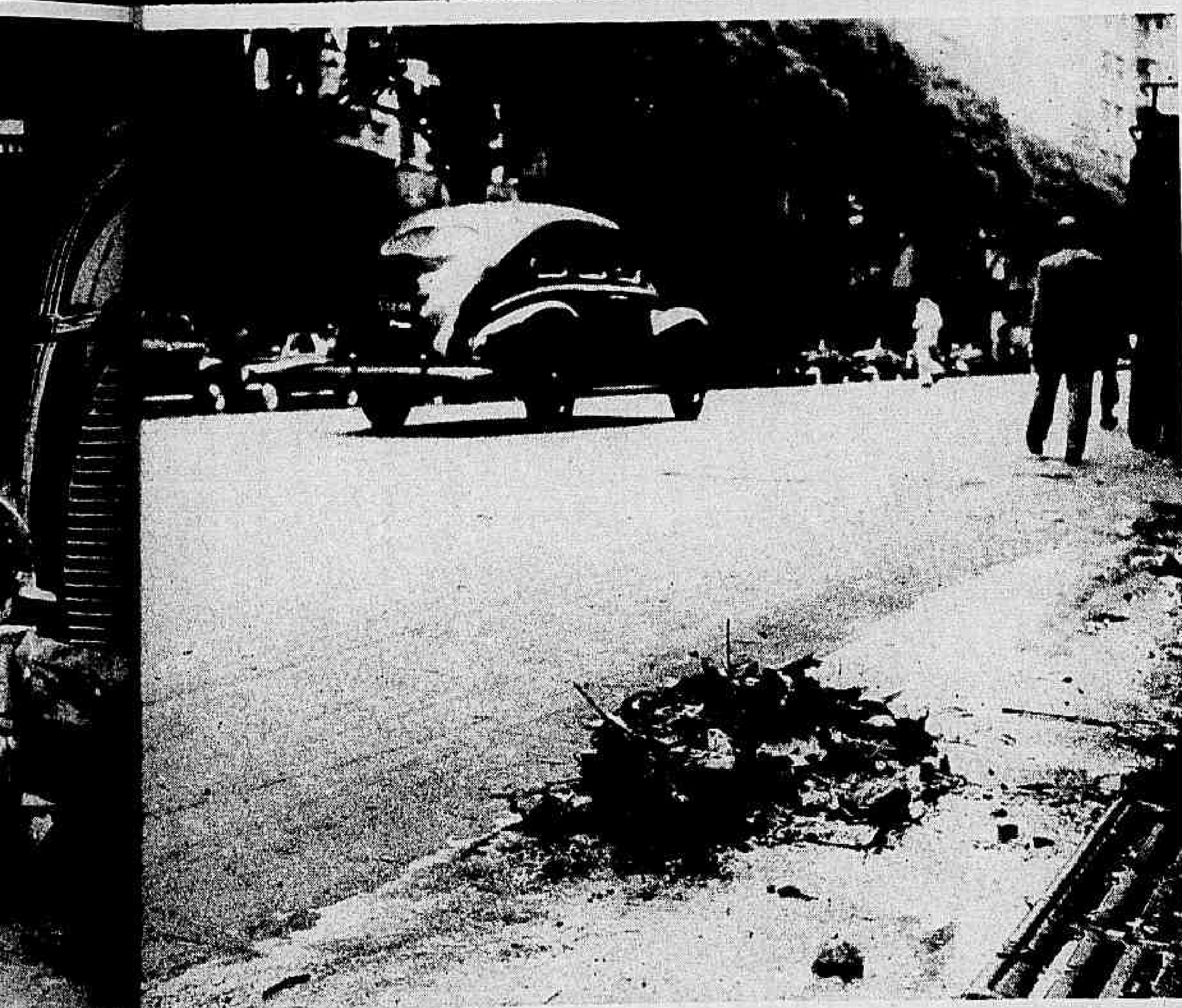


Sòmente no perímetro Engenho Novo-Olaria-Zona Sul, são recolhidas diàriamente 1.676 toneladas de lixo, perfazendo a média de 611.740 toneladas anuais, afora 4 depósitos suburbanos e o volume de 108 viagens diárias de caminhões particulares ao vazadouro do Retiro Saudoso ★ Completamente anacrônico e deficiente o sistema de limpeza urbana ★ Fracassada mais uma tentativa para a construção de uma usina incineradora de lixo.

Reportagem de ROGACIANO LEITE

Fotos de ALBERTO FERREIRA e ARNALDO VIEIRA

ovam a inoperância das autoridades



títul de "cidade mais limpa do mundo"



SE houvesse em qualquer parte do planêta um concurso para classificar a cidade mais suja do mundo, não temos a menor dúvida de que o Rio de Janeiro conquistaria folgadamente o primeiro lugar. Sim, porque a nossa concorrente apresentar-se-ia com todos os requisitos e sobejas possibilidades de bater o recorde em matéria de lixo, podridão e imundícies diversas, a começar da famosa e decantada praia de Copacabana — o orgulho máximo do povo carioca e no entanto um dos balneários mais porcos do mundo.

Talvez a nossa ex-maravilhosa cidade não precisasse sequer apresentar-se ornada de entulhos, sargetas infectas e dezenas de recantos de dejetos e fedentina existentes entre a Lapa, a Avenida Presidente Vargas e Praça 15 de Novembro — em pleno coração da cidade.

Se a nossa concorrente (seríssima) fizesse questão de se apresentar um pouquinho mais modestamente (para não ser também uma «barbada» muito grande), talvez alcançasse o primeiro lugar exibindo apenas uma ligeira amostra do lixo que se alastra pela Avenida Rio Branco e outras principais artérias comerciais do centro. Do contrário, mostrar-se-ia mesmo em tôda a sua pujante imundície inclusive com a avalanche de detritos que descem das favelas, com os rebotalhos que ficam nos bairros após uma feira e com a numerosa coleção de vasos que permanecem dia e noite nas calçadas das casas residenciais.

Isto sem falar nos montes de terra nem nos lençóis de lama que se exibem garbosamente na via pública depois de qualquer chuvinha mais forte.

DESLEIXO INCONCEBÍVEL

O problema da limpeza pública no Rio de Janeiro representa um desleixo superlativamente inconcebível para uma Capital onde vivem quase três milhões de habitantes e cuja percentagem de lixo diário é de 600 gramas «per capita», verdadeiro recorde mundial. Se o Serviço de Limpeza Urbana não dispõe de eficiência e técnica moderna para solucionar o grave problema, grandes responsabilidades (notadamente durante o inverno) pesam também sôbre o serviço de escoamento dos esgotos pluviais, pôsto que, após cada enchente, é verdadeiramente assustadora a quantidade de terra, pedaços de pau, objetos caseiros, entulhos diversos e até mesmo uma boa remessa de bichos mortos que descem da periféria para invadir a zona central da cidade.

Conforme sabemos, quase todos os morros cariocas estão totalmente desflorestados, sujeitos a constantes erosões e sem qualquer obstáculo natural ou artificial para reter ou canalizar as águas durante a chuva. Resultado: os detritos soçobram no Canal do Mangue, entopem os ralos das sargetas adjacentes e uma enorme quantidade de lixo grosso fica boiando sem destino até encalhar num declive ou num obstáculo qualquer — onde ficam expostos durante horas e dias.

Então o Serviço de Limpeza Urbana, já por si só enfastiado de sua completa ineficiência, é ainda obrigado a pagar grande parte do «pato» que deveria ser paga pelo aludido serviço de escoamento pluvial, ao qual competeria lògicamente o dever de desobstruir prontamente o caminho para nova enxurrada.

EXEMPLOS QUE DESABONAM

Procuraremos nutrir nesta reportagem a máxima imparcialidade não sòmente no sentido de bem informar o público mas também de colaborar com os poderes competentes na solução do velho e encruado problema do lixo no Rio de Janeiro. Antes de tudo, atentemos para o anacronismo e primitividade que caracterizam o serviço de limpeza pública no Distrito Federal. Não precisamos sequer trazer para o campo dos exemplos o que ora se faz em São Paulo neste sentido. Basta-nos dizer que Recife, Maceió, Fortaleza e Manaus já dispõem de fornos crematórios e de um sistema de limpeza urbana relativamente muito mais aperfeiçoado que o existente na Capital da República. Se é verdade que a maior parte do nosso povo ainda não possui noção de higiene à altura de ajudar a manter limpa a cidade, também não é menos certo que o Serviço de Limpeza Urbana não pode justificar a quase completa ausência de varredores e de pequenos depósitos que deviam ser postos ao menos nos logradouros públicos e nas principais artérias da Capital. Daí o acúmulo de sujice que vai aumentando gradativamente.

24 ANOS DE ATÊRRO

Desde 1930 quase todo o lixo do Rio de Janeiro (a começar da zona sul até Engenho Novo e Olaria) vem sendo depositado nos terrenos pantanosos do Retiro Saudoso, tendo começado o atêrro no local onde é hoje a Avenida Brasil. Presentemente a continuação dêsse atêrro já vai atingindo as proximidades de Manguinhos, cobrindo uma área aproximada de 15 mil metros quadrados que limita ao Sul com a Avenida Brasil, a Este com os fundos do Cemitério do Caju e a Oeste e Norte, com as águas do mar. Ali funciona a Chefia do Serviço de Destino do Lixo, em cujo escritório colhemos a maior parte das informações que dão vida a esta reportagem.

O lixo coletado na zona Copacabana-Gávea-Urca é levado em carros «garwood» para a Avenida Bartolomeu Mitre e dali transportado por 4 bondes que fazem apenas uma viagem diária ao vazadouro do Retiro Saudoso. A fim de ampliar essa frota (presentemente incapaz de atender às proporções do serviço), a Prefeitura encomendou à Light a construção de mais 4 bondes que ainda estão parados em vista das linhas internas do




Sôbre as montanhas de lixo acumulado, os urubus voejam aos bandos. E se espalha pelos arredores das «sapucaias» uma fedentina insuportável e malsã.



Ao lado de uns poucos veículos modernos, carroças obsoletas





Com a «produção» de 600 gramas de lixo diárias por parte de cada carioca, a Limpeza Pública, no Distrito Federal, estaria a exigir a mobilização de

O lixo...

atêrro não estarem em condições de recebê-los.

RECORDE MUNDIAL DE LIXO

Na zona de Botafogo o lixo é recolhido também por «garwoods» e conduzido para o mesmo depósito numa prancha com capacidade para 18 mil quilos. (Das 4 que possui o Serviço de Limpeza Urbana apenas uma se encontra funcionando). Enquanto outros veículos operam no centro da cidade, as zonas mais afastadas do perímetro urbano vão sendo servidas por carroças de tração animal.

E' a seguinte a média de viagens diárias dêsses veículos ao Retiro Saudoso: autos, 187; carroças de tração animal, 155; prancha, 8 e bondes, 4, levando um total (diário) de 1.676 toneladas — donde se conclui que a zona Sul-Engenho Novo-Olaria produz anualmente u'a média de 611.740 toneladas de lixo, sem falar na grande quantidade levada ao mesmo depósito pelos caminhões do Exército, da Aeronáustica, da Marinha, do Cais do Pôrto e inúmeros outros (além de uma emprêsa particular que no momento trabalha na remoção da lama do Canal do Mangue), que fazem u'a média de 108 viagens ao referido local.

DEFICIÊNCIA GENERALIZADA

A deficiência do Serviço de Limpeza Urbana se restringe apenas ao seu reduzido número de carros coletores. Esta também se faz sentir no próprio equipamento material do Retiro Saudoso, onde apenas 2 tratores (assim mesmo um dêstes emprestado pelo D. E R.) trabalham na remoção das descargas para o pântano. Não obstante êsse número absolutamente incapaz de atender às grandes proporções do trabalho, o Serviço de Destino do Lixo mantém uma oficina de conservação e reparação de seus tratores, como também uma bomba d'água e uma caldeira a vapor destinada a desinfetar os carros após as descargas. Todavia, inúmeras lacunas podem ser apontadas, entre estas a de existir ali apenas uma bomba de incêndio a motor de explosão absolutamente incapaz de atender a constantes incêndios de grandes proporções, razão pela qual o referido depósito de lixo permanece dia e noite num geena de labaredas e fumaceiro asfixiantes.

OS HERÓIS DA PODRIDÃO

Segundo informações prestadas a êste repórter pelo sr. Luís Gregório de Sá, distinto e atencioso chefe do Serviço de Destino do Lixo, trabalham atualmente ali cêrca de 150 homens, entre funcionários administrativos (apenas 4) e servidores diversos, sendo que a maioria dêstes está classificada na letra «E», percebendo mensalmente um salário de Cr$ 1.720,00 e mais um abono de emergência de Cr$ 1.000,00. Tivemos o ensejo de presenciar demoradamente a podridão e fedentina em que vivem atolados êsses verdadeiros heróis. Uma espêssa nuvem de urubus (conforme demonstram as fotos) sobrevoa ininterruptamente àquela redondeza enquanto incalculável quantidade permanece catando detritos na maior intimidade com os trabalhadores. A cortina de môscas e insetos diversos alastra-se por tôda aquela circunvizinhança, ao mesmo tempo que o mau cheiro é sentido a longa distância. O trabalho de descarga (bondes, pranchas e tração animal) é feito exclusivamente a mão, motivo pelo qual se registram diàriamente numerosos e graves acidentes com os trabalhadores.

VAGABUNDOS E CRIMINOSOS

Ainda conforme declarações do sr. Luís Gregório de Sá, o depósito de lixo do Retiro Saudoso é um permanente foco de vagabundos e criminosos — principalmente da Barreira do Vasco — que vivem ali catando ferro velho e objetos aproveitáveis, para o que chegam a usar fardas idênticas à dos trabalhadores. Quase diàriamente registram-se discussões e agressões físicas dêsses maus elementos contra os homens que ali trabalham. Ainda há pouco, 16 desordeiros invadiram aquêle recinto a mão armada, sendo grandes as dificuldades para dispersá-los. Em dia de pagamento, os trabalhadores dificilmente se livram da horda de vagabundos e salteadores que rondam aquelas proximidades. Mas, por incrível que pareça, a Guarda Municipal só fornece um homem para policiar o referido local.

DESPERDÍCIO DE GÊNEROS

Abramos um parêntesis para focalizar certas coisas evidentemente contraditórias e absurdas

Ainda há poucos dias o Entreposto de Pesca despejou no Retiro Saudoso (de uma só vez), nada menos de 35 toneladas de peixe, havendo no momento quem constatasse perfeito estado de conservação dêsse produto, pois o mesmo havia saído recentemente do frigorífico e ainda se encontrava completamente congelado. A COFAP, por sua vez, manda diàriamente para o dito vazadouro uma enorme quantidade de carne industrial e farelo de carne que poderia muito bem ser aproveitada industrialmente ou mesmo vendida a preços condizentes com a bôlsa e a fome dos pobres. E isso acontece todos os dias e em grandes proporções, enquanto aumenta cada vez mais a falta de gêneros alimentícios para abastecer a cidade. Mas não falta quem encare êsse desperdício como uma das formas de justificar a escassez do produto e seu conseqüente aumento de preço.

MAIS UMA TENTATIVA FRACASSADA

Sem falar de outra tentativa inteiramente fracassada em 1950, citamos um exemplo recente que bem mostre o quanto vem sendo descurado o problema da limpeza urbana no Rio de Janeiro. Em novembro do ano passado foi publicado edital de concorrência pública para a construção de uma usina inceneradora de lixo no Distrito Federal, concorrência esta que teve o comparecimento das seguintes firmas interessadas: Adalberto A. Nogueira, representando um forno suíço; S. Manela & Cia. Ltda., representando um forno dinamarquês; Sociedade Brasileira de Estruturas e Construções Metálicas (SOBEMEC), representando um forno francês; Companhia Técnica Nacional, representando uma usina «morse-boulger» de Nova York, e finalmente a Companhia Construtora Nacional S.A., representando um forno alemão.

A dita concorrência foi realizada com a presença de representantes das firmas acima, tendo a Comissão encarregada da mesma estudado as propostas e remetido o seu parecer ao dr. Carlos Shweri, então Secretário da Viação e Obras da Prefeitura, que o encaminhou ao cel. Dulcídio Cardoso, não se sabendo até hoje de qualquer solução para o caso.

E O LIXO CONTINUA

Conforme é sabido, mesmo através da imprensa carioca, logo após a efetivação dessa concorrência e sem saber o resultado da mesma, a Câmara dos Vereadores, por intermédio de alguns de seus membros, propôs entregar a construção de uma usina do mesmo gênero a uma firma que não compareceu nem tomou conhecimento da referida concorrência legalmente efetivada. Parece que, por êsse motivo, fracassou mais uma tentativa para resolver (dentro da técnica e da higiene modernas) o calamitoso problema do lixo no Rio de Janeiro. E a «Cidade Maravilhosa» continuará mesmo ostentando o deprimente título de campeã mundial das cidades sujas!

...etas mostram o empirismo de um serviço público em plena falência



...ção de todo um exército numeroso, motorizado e eficiente. Mas exatamente o contrário é o que acontece, conforme verá o leitor nesta reportagem.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 5 E 11 DE JUNHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período não lhe favorecerá as viagens e a mudança de posição, tanto na profissão como na vida social. Mantenha-se no lugar ora ocupado. As inovações, no momento, não lhe convém. Os dias mais carregados serão 6 e 8.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Há uma forte ameaça de perturbarção na vida doméstica, com reflexos desfavoráveis nas atividades profissionais. O dia 10 será o mais ameaçador. Acautele-se e evite desinteligências e discussões no lar.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor terá uma semana muito desfavorável à vida de relações e de cultura do espírito. A recreação, igualmente, estará bem astralizada e, quanto aos negócios, a situação, apesar de fraca, não será desfavorável.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não haverá firmeza nos negócios, no curso da semana entrante, especialmente nas transações de maior vulto. Não alimente grandes ambições nem solicite favores aos parentes ou às pessoas íntimas, a fim de evitar desilusões certas.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A nova semana será bastante favorável aos negócios e influenciará, de modo altamente benéfico, as iniciativas que o leitor tiver. O período desaconselhará, apenas, a propositura de ações em juízo.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não viaje por via marítima ou aérea, na vigência da próxima semana. O planêta que lhe orienta o destino, na sua feição terrestre, receberá maus aspectos de Uranus. Haverá perigo de acidentes sérios.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Apenas o dia 10 não lhe será favorável, no curso da semana em pauta. Diligencie o reajustamento da sua situação profissional. O momento será o mais propício no seu caso. Suas pretensões serão acolhidas com simpatia.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não poderá haver insucesso nos seus empreendimentos e nos seus negócios. Pode atuar com absoluta confiança, desde que não ultrapasse os limites do razoável e das suas possibilidades.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Modificações de pequena monta, insignificantes, mesmo, vão ser operadas na ambiência astral do leitor. Dêsse modo, suas possibilidades serão as mesmas da semana anterior. As soluções amigáveis serão conseguidas com facilidade.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Com exceção dos dias 6, 7 e 10, o leitor terá excelentes oportunidades para pôr em prática os seus projetos, as suas idéias. O setor de concurso estará bem influenciado e marcante o seu magnetismo pessoal. Imponha-se, fazendo valer seu ponto de vista, sua opinião.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — As visitas lhe provocarão desgôsto e contrariedades na vida íntima. O novo período será fértil em retaliações pessoais e em indiscrições as mais perigosas. No que tange aos negócios, sua posição não será desfavorável. Pelo contrário.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O clima dos astros, na semana vindoura, será benéfico, no seu caso, sob o ponto de vista financeiro. O leitor terá facilidades monetárias e recursos conseguidos de modo imprevisto. Aproveite as munificências do ambiente astral.

OS NOMES DA SEMANA

Junho,	5	—	Eleutero	—	Elia
"	6	—	Edgar	—	Frida
"	7	—	Sálvio	—	Júlia
"	8	—	Eudoro	—	Eunice
"	9	—	Leôncio	—	Judith
"	10	—	Clétio	—	Auta
"	11	—	Ezequiel	—	Débora

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do sol ao meio-dia de Greenwich

Junho,	5	—	14º - 16' - 52''	(Signo dos Gêmeos)
"	6	—	15º - 14' - 18''	(" " ")
"	7	—	16º - 11' - 43''	(" " ")
"	8	—	17º - 9' - 7''	(" " ")
"	9	—	18º - 6' - 30''	(" " ")
"	10	—	19º - 3' - 51''	(" " ")
"	11	—	20º - 1' - 12''	(" " ")

LOTERIA FEDERAL SÃO JOÃO

23 DE JUNHO

PREMIOS MAIORES:

1 PREMIO DE CR$ 20 MILHÕES
1 Premio de Cr$10 Milhões
1 Premio de Cr$5 Milhões
1 Premio de Cr$3 Milhões
1 Premio de Cr$2 Milhões

Total dos Premios:

84 MILHÕES de CRUZEIROS



III CONGRESSO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS

A TRADICIONAL CIDADE DE S. LOURENÇO ESCOLHIDA PARA SEDE DO IMPORTANTE CONCLAVE.

EM sessão solene, realizada no Parque da Emprêsa de Águas de São Lourenço, foi instalado às 17 horas do dia 15 de maio, o III Congresso Nacional de Municípios, sob a presidência do sr. Emílio Abdon Póvoa, prefeito desta cidade e presidente do Congresso. Tomaram parte na mesa o governador do Estado de Minas, sr. Juscelino Kubitschek, cardeal D. Jaime de Barros Câmara, governadores Munhoz da Rocha, do Paraná e Arnon de Melo, de Alagoas, sr. Cunha Bueno, representante do governador do Estado de São Paulo, srs. representantes dos governadores do Rio Grande do Norte e Santa Catarina, general Juarez Távora, srs. representantes dos ministros da Marinha, da Guerra e da Educação, sr. Inocêncio Engelk, os secretários do Interior, de Minas, do Interior e Justiça do Paraná, do Interior do Rio Grande do Sul, cel. Hélio Braga, presidente da COFAP, srs. Atílio Carvalhaes e Rafael Xavier, monsenhor Távora, sr. Osório Nunes, prefeito Américo René Gianetti, de B. Horizonte, cônego José do Patrocínio Lefort, sr. Soares da Rocha, chefe de Polícia, srs. Maurício Bicalho, Sebastião Patrício de Souza Bolivar, delegado regional, sr. Moacyr Costa, presidente da Câmara Municipal de São Lourenço, sr. Ubirajara Azevedo Chaves, prefeito de Sertânia, Pernambuco, e srs. Manoel M. Moran, secretário da Comissão Interamericana de Municípios.

Em discurso pronunciado logo depois de composta a mesa, o sr. Emílio Abdon Póvoa exaltou a campanha municipalista e assinalou a convicção de que os congressos promovidos pela A.B.M. realizarão, dentro em breve, o supremo milagre da unidade nacional. Mereceu especial destaque, em sua oração, o exaustivo estudo de que se vêm ocupando os pioneiros do municipalismo, com o objetivo de revitalizar o Município, como primeiro passo para a recuperação econômica, evitando o êxodo de braço trabalhador e conseqüente deslocamento dos problemas de ordem rural para o âmbito das grandes metrópoles.

A linda e tradicional estância hidro-mineral viveu dias de grande movimentação e alegria, hospedando mais de 3.000 Congressistas vindos de todos os pontos do país, os quais tiveram excepcional e carinhosa acolhida por parte do povo, do prefeito e dos demais organizadores do Congresso. Nesta página estampamos dois aspectos colhidos durante a solenidade inaugural realizada no majestoso Parque da Emprêsa de Águas São Lourenço, vendo-se no de cima, entre as pessoas de destaque que tomaram parte na mesa que presidiu à reunião, o Governador Juscelino Kubitschek, o cardeal D. Jaime Câmara, o governador Munhoz da Rocha e o prefeito Emílio Abdon Póvoa, êste quando discursava. Em baixo vê-se parte da seleta assistência à sessão inaugural do Congresso.



ESCREVEM ÊSTES PROGRAMAS
PARA TODO O BRASIL

José Mauro
"O COMENDADOR E A MÚSICA"
segundas, às 21,35

★

Antônio José
"CARLOS GALHARDO"
têrças, às 21,35

e

Thalma de Oliveira
ANSELMO DUARTE e ILKA SOARES
quartas, às 20,35

★

Randal Juliano
"ALVARENGA e RANCHINHO"
quintas, às 20 h

★

José Mauro
"COLÉGIO MUSICAL ARY BARROSO"
sextas, às 21,35

★

Almirante
"TRIBUNAL DE MELODIAS"
sábados, às 21 h

★

Gilberto Martins
"EM BUSCA DO TESOURO"
domingos, às 20,35

na

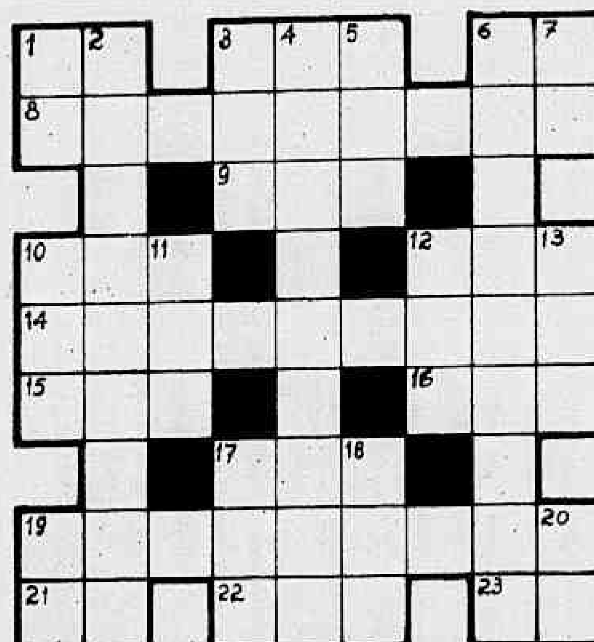
RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Palavras Cruzadas

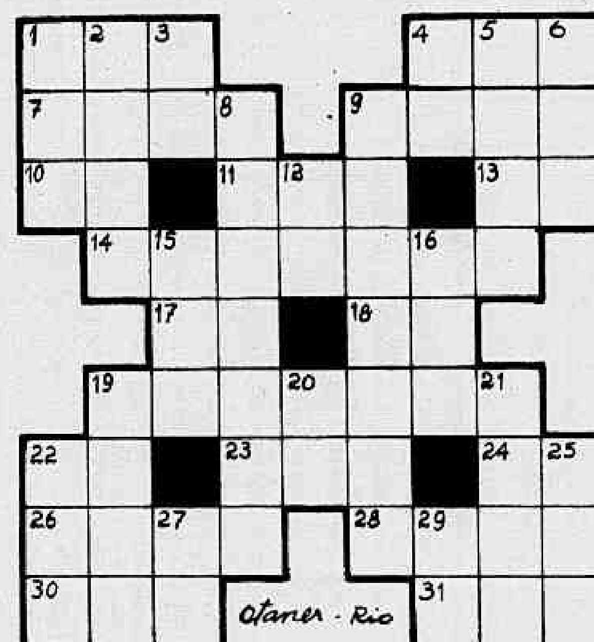
PROBLEMA Nº 17



PARA VETERANOS

Horizontais: — 1. Aum — 3. Lado — 6. Maneiras — 8. Atraente — 9. Bôlo feito de arroz e azeite de côco — 10. Criada — 12. Gênero de plantas da família das Leguminosas — 14. Relativo à ciência universal — 15. Concha bivalve — 16. Malícia — 17. Ninharia — 19. Altivo — 21. Contrária à vontade — 22. Agrada — 23. Mi-bemol, na notação alemã.

Verticais: — 1. Rio da Sibéria — 2. Tolhera os movimentos — 3. Nome de mulher — 4. Diz-se da planta que tem fôlhas delgadas — 5. Minuta — 6. Abeirar-se — 7. 17ª letra do alfabeto grego — 10. Maçã vermelha — 11. Pequena — 12. Advérbio de designação — 13. Figura de destaque — 17. Bantos — 18. Palavra tibetana que significa Deus — 19. Afluente do Irtich (Sibéria) — 20. Entrada.



PARA NOVATOS

Horizontais: — 1. Colocar 4. Sofrimento físico ou moral — 7. Vias públicas — 9. Pouco comum — 10. Desinência verbal, 2ª conjugação — 11. Reze — 13. Pessoa exímia — 14. Aquêle que ofende — 17. Pátria de Abraão — 18. Seguir — 19. Rigorosas; rijas — 22. Símbolo do ouro — 23. Interjeição de espanto — 24. Rio da Sibéria — 26. Repita — 28. Capital da Itália — 30. Lavra — 31. Entregar.

Verticais: — 1. O vencimento diário de um soldado — 2. Metal precioso — 3. Símbolo do rádio — 4. Concede — 5. — Discursar — 6. Chefe etíope — 8. Ergue-se a custo — 9. Morar — 12. Símbolo do radônio — 15. Segui — 16. Reza — 19. Desabar — 20. Andava — 21. Adição — 22. Rebordo de chapéu — 25. Oceano — 27. Sadia — 29. Luz que emana da ponta dos dedos.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 16

PARA VETERANOS

Horizontais: — **muro** — **laca** — **ecoam** — **ripostara** — **anu** — **rés** — **alforra** — **Itu** — **atá** — **palmeador** — **ausio** — **siri** — **arro.**

Verticais: — **mira** — **repulular** — **ôco** — **lat** — **amarrador** — **atas** — **osmoses** — **inata** — **reato** — **ipus** — **armo** — **mui** — **aia.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **ali** — **ama** — **rimar** — **as** — **tal** — **má** — **or** — **mi** — **ser** — **rim** — **II** — **lá** — **bá** — **era** — **rs.** — **amara** — **ras** — **cal.**

Verticais: — **ara** — **ir** — **ar** — **ata** — **it** — **mar** — **al** — **sósia** — **mimar** — **rei** — **mil** — **ora** — **bar** — **em** — **ar** — **sal** — **ás** — **A.C.**



Desenho de GIPSON

Retrato de um Bairro

MOACYR FELIX DE OLIVEIRA

LEITOR, já lhe disseram que Copacabana é, de todos os bairros do mundo, o lugar ideal para o diabo perder as botas, e a roupagem, e as luvas, e veranear, tal como êle é, por uma coleção de «partys», de antrinhos elegantes, de festinhas romanas?

Nunca um dêsses homens preocupados em saber até que ponto chegaram a beleza, a confusão, e a miséria dos homens, lhe informou que ali está o seu mais completo laboratório, montado expressamente para êle pela bandalheira crescente na indústria, na política, e no comércio dêste pobre Brasil? Êle não lhe explicou ainda o que existe de humano e o que existe de ruindade numa feira da rua Santa Clara, num mercadinho azul, numa boite Vogue, num domingo em frente ao Palace?

Não lhe mostrou o que vem guardado numa vesperal do «Rian», numa dancinha de sábado, ou numa missa das seis?

Nem clareou, para você ver, as horas difíceis, as horas duras, as horas pobres de tudo, que acontecem atrás dos tabiques dos edifícios em construção, atrás das janelinhas humildes, atrás da face bem penteada de uma classe média que sofre e não quer que vejam?

Ao menos, espero que algum poeta ou sonhador já lhe tenha contado como é, realmente, a alma dêstes edifícios, agrupados como bicharocos medrosos, em frente a esta grande conversa bonita das ondas verdes com o vestido branco da praia. E, sobretudo, já lhe tenha mostrado que coisinha complicada vive debaixo dos decotes daqueles pecadinhos morenos, que vão deixando de ser brotos, e começam, de fato, a ser pecados, seríssimos e gostosos como todo pecado que se preza.

Naturalmente, você já deve ter estudado, de longe, os orangotangos quadriculares que passeiam em frente à gente uma quantidade respeitável de músculos e um espírito tão pequenino como uma cuspadela dos deuses. Enfim, já lhe disseram que Copacabana é horrível, que é bela, que é suja, ou que tem o encanto de mil princesas?

Se, por acaso, você ainda não viu, ou ouviu, tudo isso, não se desespere. Pouco a pouco, pecinha por pecinha, iremos recompor para você, esta imensa colcha de retalhos que é Copacabana.

E, com o tempo, quando ela estiver pronta, não a descubra sem carinho, pois sob ela dorme, e espera, o coração de um deus que é brasileiro.

★

Atropela, não atropela, o lotação ia se enfiando pela Barata Ribeiro. Com suas gravuras, verniz, e o seu bloco de desenho, Eduardo fêz o sinal para descer. Já estava para lá do mau humor. E não era para menos. Pois, desde a bôca do Leme, três engraçadinhos, de quase trinta anos cada um, manguinhas arregaçadas, vinham chateando todo o mundo com lança-perfumes e piadinhas cretinas.

Foi então que, um dêles, fortíssimo, com uma perna de boi ou coisa parecida em lugar do biceps, resolveu finalizar uma esguichadela bem na cara do meu amigo. Magro e pacato, Eduardo não é covarde. Reclamou. Troca de palavras. Palavrões. Salta, não salta. Saltam os três. «Os três não, venha um só». Puxando o peito, erguendo os pés, bufando, pedindo platéia, veio o grandão. Resultado: um Eduardo de camisa rasgada, ôlho inchado, dor nas costas. O tal grandão, além de ser um centauro às avessas, sabia judo... Aliás, parece que só sabia isto. Coisas de Copacabana...

★

Noitinha. Pôsto dois. Gente para lá, gente para cá. Lua bonita, redondona, querendo tocar o mar. Na areia, onde as luzes dos bares chegavam macias e ensombreadas, o pretinho dormia. Ao lado, a lata de amendoim, ainda cheia, esperava. O pretinho, naturalmente, devia estar cavalgando algum sonho, bem longe de tudo aquilo que costumava ser o seu dia. De lá, do outro lado, do Lido, um bloco ia pingando o samba dentro da noite: «deixa o capela passar...»

E tudo ia para o mar. E tudo ia conversar com a lua. E a lata de amendoim esperando, esperando.

OS ÍNDIOS PENSAVAM FAZER BOM NEGÓCIO QUANDO CEDERAM AOS BRANCOS, POR «VINTE DÓLARES», A INSALUBRE ILHA DE MANHATTAN. MAS, SÔBRE OS ANTIGOS CHARCOS, ERGUE-SE HOJE «A COISA MAIS COMPLICADA E CUSTOSA QUE O ENGENHO HUMANO JÁ CONSTRUIU».

HENRY Hudson descobriu Manhattan em 1609; mas, então, a ilha já tinha dono: os índios. Em 1626, após uma série sem conta de escaramuças e conflitos sangrentos entre brancos e índios, entrou-se numa fase de conversações e finalmente ficou acertado que os índios cederiam a ilha mediante o pagamento de uma certa quantia. «Façam a proposta», pediram os brancos. Os índios fizeram: 30 dólares! Era muito: a ilha, deserta, húmida, dominada pelos miasmas dos charcos, não valia tanto. «Damos 15 dólares» — foi a contraposta, repudiada pelos índios. Finalmente o preço de 20 dólares foi aceito por ambos os lados. Estamos em 1626.

MAIS JUDEUS QUE EM TODO ISRAEL

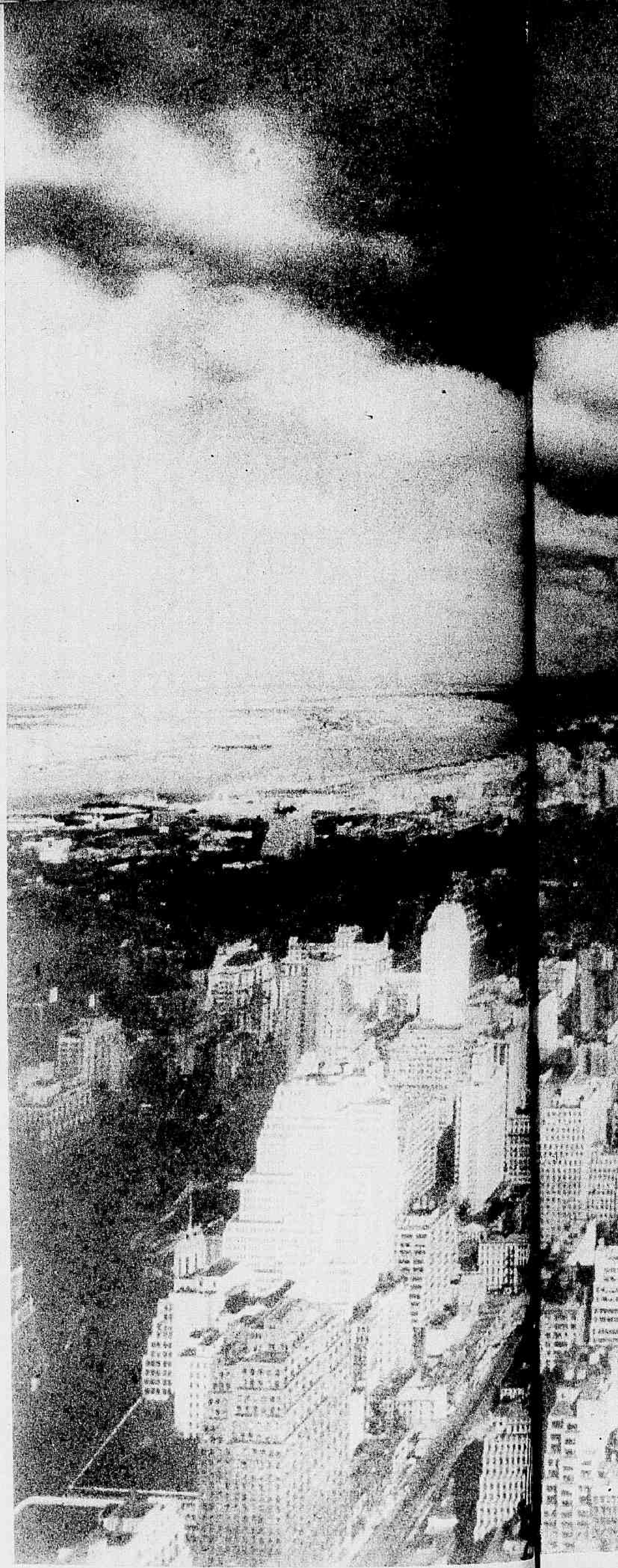
Mas de lá para cá o valor de Manhattan aumentou muito. Os charcos foram drenados e aterrados, e sôbre êles nasceu a mais incrível floresta de arranha-céus do mundo inteiro. E hoje Manhattan é o palco onde a vida humana e suas atividades se estendem e se multiplicam em todos os sentidos: horizontal e vertical.

Trezentos e poucos anos após a barganha dos 20 dólares, Manhattan cresceu e extravasou; e a cidade de Nova York transborda hoje do Bronx ao último «pier» da ponta da ilha, e se estende, confusa, atordoante e brutal, pelas margens, Brooklin e New Jersey. Sua população urbana está avaliada em 8.200.000 habitantes; e a população do distrito metropolitano, em 13.000.000 de pessoas. Vivem em Nova York 400 mil italianos, 395 mil russos, 250 mil alemãs, 210 mil polacos, 180.000 irlandeses, 29.000 gregos, 25.000 checos e 13.000 chineses. Além de 2.000.000 de judeus — o que faz de Nova York a maior cidade judia do mundo inteiro. (A população de Israel inteira é hoje avaliada em 1.900.000 habitantes). Tal a grandeza de Nova York que a cidade é chamada de «o 49º Estado da União norte-americana».

UMA HISTÓRIA (FANTÁSTICA) EM NÚMEROS

Essa grandeza é retratada impressionantemente nos números que se seguem.

Existem em Nova York 234.000 estabelecimentos comerciais, 36.000 emprêsas industriais que fabricam 312 produtos diferentes e 1.000 clubes noturnos. O Central Park, no coração de Manhattan é, no gênero, o maior do mundo, com os seus 340 hectares. Nova York consome diàriamente 15 milhões de quilos de víveres, 5.400.000.000 de litros dágua, 98.000 toneladas de carvão e 18.000.000 de litros de petróleo. A cidade se utiliza de 43.000 elevadores que fazem, diàriamente, o percurso de 200.000 quilômetros (metade da distância da Terra à Lua) e servem a 17 milhões de passageiros. Sob o asfalto de Nova York correm 20.000 quilômetros de cabos de alta tensão, 43 quilômetros de tubos pneumáticos (para o envio de correspondência a uma velocidade de 50 quilômetros a hora), 19.000 quilômetros de canos de gás e 120 quilômetros de canos mestres para o fornecimento de água. Isto é Nova York, «a coisa mais complicada e custosa que o engenho humano já construiu», segundo definição do «Life».



ISTO



O É NOVA YORK

QUEM TEM TALENTO VAI A ROMA

PIN

Tex

P
PO



RUTH DE SOUZA E' MEDROSA, MAS APESAR DISSO NUTRE, COM ARDOR E ESPERANÇA, MUITO PLANO GRANDIOSO.

RUTH DE SOUSA, DE MALAS PRONTAS E LAGRIMAS NOS OLHOS, DESPEDE-SE DOS BRASILEIROS COM UM BATE PAPO ★ VAI À ITÁLIA FILMAR "APE REGINA".

Texto de CARLOS MARIA DE ARAÚJO

Fotos de JACK PIRES

● Ruth de Souza, que já foi lavadeira e enfermeira, entrou para o teatro via Teatro Experimental do Negro. Depois, para o cinema, via Vera Cruz. Depois a Fundação Rockfeller a fêz passear pelos E.U.A., donde regressou mais sabida (em artes) e mais brasileira, se possível. Voltou ao cinema («Sinhá Moça» e «Candinho») e a TV Record a contratou para uma série de programas. «A Nêga Fulô». Agora seguirá para a Itália para fazer um filme. Seus melhores amigos: Teatro Cinema, Televisão e Mariza Prado.

PING — De quem gosta você mais?

PONG — **De um homem de óculos (que não é você) em particular, e de todos os homens, em geral. Por homens quero referir-me à humanidade.**

PING — Se necessário, trocaria êsse homem de óculos por um bom papel num filme?

PONG — **Sem hesitar. O cinema me tem dado mais alegrias que o amor.**

PING — Por quê?

PONG — **Que pergunta bôba. Porque sim. Do amor, eu falaria por música! Ninguém me ama... ninguém me quer...**

PING — Quem inventou você?

PONG — **Eu acho que foi o próprio Deus.**

PING — E quem revelou você?

PONG — **Eu mesma, animada por Jorge Amado que me levou para o cinema.**

PING — E' supersticiosa?

PONG — **Melhor direi: medrosa. Nunca subi num elevador nem mesmo a um vigésimo andar, ou mais alto. Talvez por isso tenha um coração grande demais.**



PING-PONG

PING — Você gosta de cozinhar?

PONG — Gosto, mas fracasso. Ainda hoje você viu aquêle cafèzinho que eu dei a Mariza Prado, em que não sei como entrou azeite e pimenta... E se o café saiu assim, o resto...

PING — Sofre de complexo por causa da côr?

PONG — Sinceramente não. Mas preferia ter pele verde, ou roxa. Que beleza, não acha?

PING — Você quando está aflita, reza?

PONG — Faço imensas rezas.

PING — Crê mais em S. Jorge ou em Ogun?

PONG — Não sei se é São Jorge ou é Ogun quem ajuda a gente.

PING — Que mais impressiona você num homem: os olhos, as mãos ou a bôca?

PONG — Às vêzes as mãos, outras a bôca, outras os olhos, outras vêzes ainda os pés, e outras o homem todo.

PING — Mas, o que a atrai mais num homem, à primeira vista?

PONG — Depende ao que êle vem.

PING — E à segunda?

PONG — O que êle tiver de melhor.

PING — Você vive do seu trabalho?

PONG — E muito...

PING — Que papel gostaria muito de interpretar?

PONG — O de Luiza Mahim do livro «Os Malês», de Pedro Calmon.

PING — Nunca teve mêdo da câmara de filmar ou da de televisão?

PONG — Eu não. Como se pode ter mêdo daquilo que nos dá alegria e dinheiro?

PING — Qual a melhor arma feminina?

PONG — A mulher deve fingir-se de bem boboca, bem desprotegida. Os homens adoram mulheres assim.

PING — E você utiliza essa arma?

PONG — Não. Por causa disso é que eu canto outra vez: ninguém me ama... ninguém me quer... Ah! êsse Antônio Maria!

PING — Se você fôsse homem, quem gostaria de ser?

PONG — O Presidente da República. Deve ser bom, assinar papéis à bessa...

PING — Qual a maior riqueza do Brasil?

PONG — O espírito gostoso que o brasileiro tem.

PING — Como se define você?

PONG — Uma boboca sentimental. Mas disfarço muito. Só não disfarço que sou feia.

PING — Que sentiu você quando Glenn Ford a beijou?

PONG — Senti-me assim como a Rita Hayworth.

PING — Que mais gostaria você de fazer na vida?

PONG — Depois de bons filmes, um bom cafèzinho.

PING — Você acha que vai para o céu, quando morrer?

PONG — Você não conhece aquela música «Angelitos Negros»? Então...

Glen Ford disse dela: «E' um temperamento dramático por Natureza. Fará sucesso em qualquer cinema».

O TEATRO DO NEGRO PÔ-LA EM EVIDÊNCIA. HOJE E' UM SUCESSO.

★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★

DE NOVO, LIMA BARRETO

TEDDY

● Estamos entre os muitos que acreditam necessitar o cinema brasileiro de muitos «Lima Barretos» para aprumar-se. Não vai nessa preferência nenhum menosprêzo aos demais lutadores do cinema nacional, que os há aliás em número bem reduzido, merecedores igualmente da admiração dos que esperam ver uma indústria de filmes no Brasil. Essa tendência pró-Lima Barreto manifestou-se desde a estréia de «O Cangaceiro» e concretizou-se mais tarde, quando o diretor mostrou a sua convicção cinematográfica de um modo a não deixar dúvidas de que êle nasceu inclinado para a direção de filmes brasileiros, e o que é melhor, para dirigir assuntos essencialmente brasileiros.

● É um ambicioso, todo mundo sabe disso. É um grande convencido ou cabotino, ninguém ignora. Se são defeitos, apequenam-se e somem diante da grandeza de seu ideal. Hoje é possível crer num futuro de nossos filmes com o exemplo gritante de Lima Barreto. Êle deseja levar para frente a indústria cinematográfica, porém não paga por isso qualquer preço, muito menos o preço aviltante da despersonalização. E faz muito bem! Sabe que o caminho aberto por «O Cangaceiro» não deve ser tragado pela erva daninha da vaidade e da cobiça, que infelizmente tem feito pouso na alma de muitos que batem no peito e exclamam com cinismo: Queremos fazer muito pelo cinema do Brasil. No fundo estão fazendo muito, mas para êles mesmos . . . Essa maneira de agir tem influenciado bastante — e mal, reconhecemos — nos filmes nacionais, levando-os ao descrédito. Os exemplos são tantos e tão recentes, que não vamos tomar o tempo dos leitores com citações . . .

● Lima Barreto deve voltar ao cenário de nossos filmes com outro projeto arrojado: «O Sertanejo». Se a Vera Cruz não quiser seu filme, êle o fará com o capital de amigos. Mas o fará. Jamais desacreditou que pudesse fazê-lo. E muito particularmente: sempre acreditou que pudesse fazê-lo melhor que anterior. Diante de sua convicção, quem somos nós para duvidar de «O Sertanejo»?



SEREIAS DE HOLLYWOOD — Com o seu muito original traje de banho, Nicole Maurey, a «estrêla» de «Little Boy Lost» (Paramount), apresenta-se aos futuros «fans» exibindo sua plástica admirável.



Chaplin



Fernandel



Michèle Morgan



Leslie Caron

«FLASH» EUROPEU

★ **DISTRIBUÍDO O «OSCAR» EUROPEU . . .**

A publicação francesa «Cine Revue», anualmente consagra pùblicamente os «Melhores» da Europa e êste ano os seus «Oscars» foram distribuídos a Charles Chaplin e Fernandel, «melhor interpretação masculina»; Michéle Morgan e Leslie Caron, «melhor interpretação feminina»; «O Salário do Mêdo», de Cluzout, «melhor filme». Outras menções honrosas: entre as «estrêlas» estão Martine Carol, Simone Signoret, Silvana Mangano e Françoise Arnoul; entre os «astros» foram distinguidos José Ferre, Yves Montand e Charles Vanel.

★ **CAVALCANTI E ROSSELINI JUNTOS . . .**

Fala-se nos meios cinematográficos de Roma que o diretor brasileiro Alberto Cavalcânti viria formar com Roberto Rosselini uma produtora independente, cuja «estrêla», naturalmente, seria Ingrid Bergman. A notícia não foi confirmada até agora, porém sabe-se que Cavalcânti já disse aos amigos brasileiros que embarcará muito breve para a Europa . . .

★ **A VOLTA (TRIUNFAL) DE ORSON WELLES**

Comenta-se na velha Europa o sucesso de interpretação do conhecido «gênio» Orson Welles no papel do embaixador americano na côrte de Luís XVI no filme de Sacha Guitry, «Se Versailles pudesse contar . . .», um espetáculo que tem três horas de duração. Welles regressa de maneira triunfal e para êle a Europa tem sido o melhor dos mundos . . .

O CINEMA PITORESCO

James Mason estava justamente interpretando um artista de cinema em decadência para uma cena de «Nasce uma Estrêla», quando o seu agente veio trazer-lhe a notícia de que uma cadeia de jornais americanos votara-o para o melhor ator de 1953. «Ainda bem que não é o contrário» — comentou Mason satisfeito. ★ Tyrone Power representou uma peça na Academia de West Point há 14 anos atrás e travou conhecimento com um grupo de cadetes. Ao regressar agora à famosa escola militar para fazer algumas cenas exteriores do seu novo filme — «The Long Gray Line», da Columbia — Tyrone teve a surprêsa de ver todos os seus amigos elevados a majores-instrutores e coronéis!

MEXERICOS

● Eleonor Parker foi contratada para interpretar o papel da cantora Marjorie Lawrence no filme da Metro, «Melodia Interrompida», que será baseado na biografia da famosa artista australiana que foi atacada de paralisia infantil no auge de seu sucesso. Miss Lawrence havia manifestado desejos de se ver interpretada por Greer Garson, mas desde que a veterana atriz deixou a Metro, Eleonor Parker recebeu a incumbência.

● As más línguas de Hollywood andam espalhando que Donald O' Connor e Julia Adams, dois «alegres divorciados» da colônia cinematográfica estão se amando de verdade . . .

● Depois que terminou seu «romance» com Arlene Dahl, o irresistível Fernando Lamas conquistou o coração da não menos bela Mary Castle, que uma vez já foi apontada como substituta de Rita Hayworth . . .

● Os fãs americanos de Montgomery Clift enviaram-lhe cartas de protesto ao saber que o seu «astro» favorito estaria propenso a aceitar um novo papel de padre no filme «The Leather Saint». Acontece que se Monty aceitar, como padre terá de lutar box, tal como exige o referido papel. Será sem dúvida uma experiência nova para o consagrado ator.

CASA CAIADA

ANTONIO MARIA

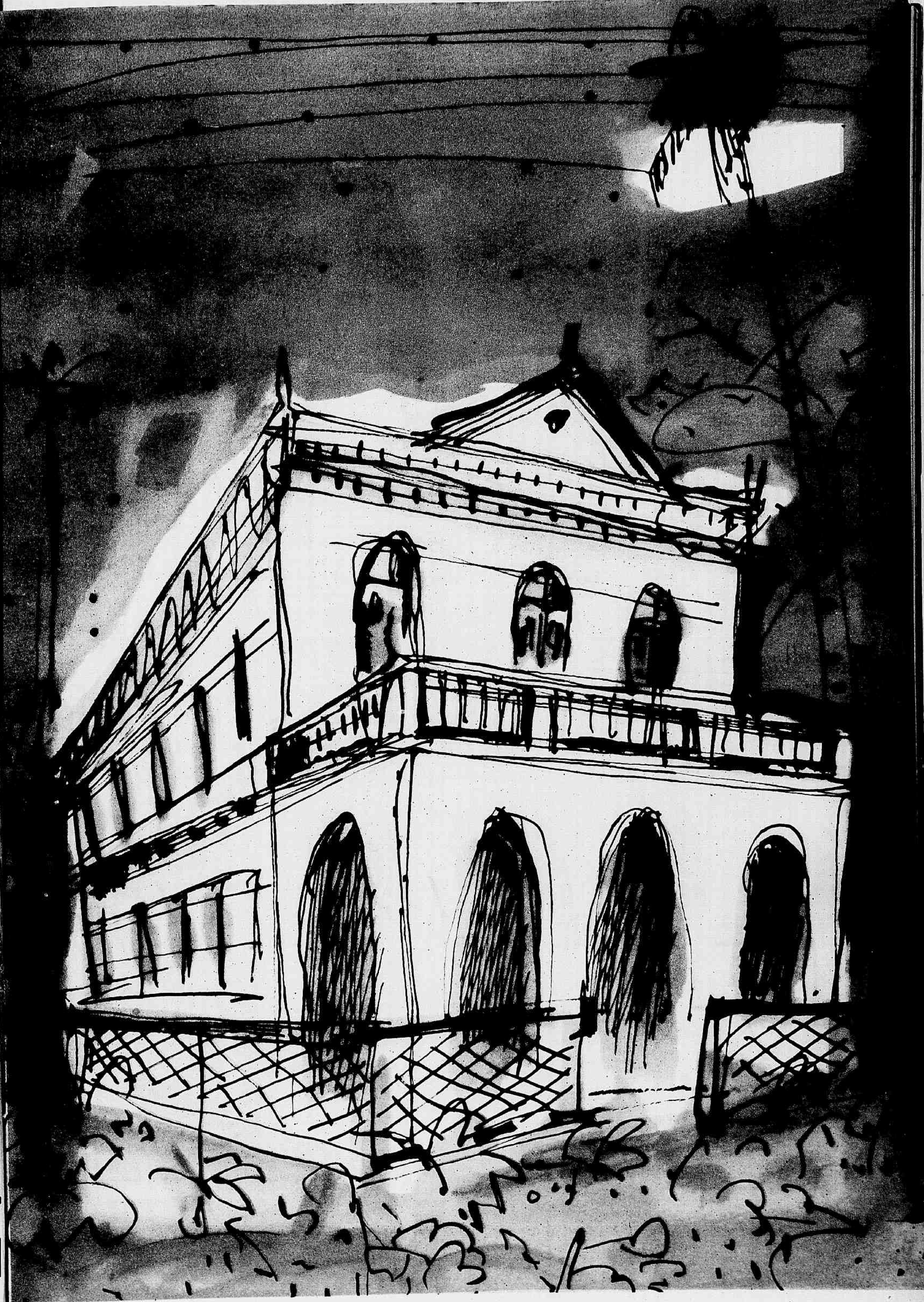
AQUELAS casas do tempo dos senhores de engenho, tristes, sòzinhas e brancas, eram tidas como malassombradas. Porque um negro morreu apanhando no terraço, ou porque a moça branca houvesse fugido na noite em que o galo cantou espichado em sete fôlegos, os lavradores corriam daquelas casas, benziam-se ao passar em sua porta e contavam aparecimentos de almas do outro mundo, tôda vez que havia serão de conversa. Eram lindas, porém. Em cada uma houve um tímido bem querer, irrevelado sempre; algumas abrigaram núpcias sem amor; noutras, as noites serviram para esconder os abraços do **senhor** no corpo da mestiça que lhe servia à mesa. Era impossível evitar que se adivinhassem dessas histórias, dêsses mistérios, porque o sangue dos nossos bisavós foi quente demais para agüentar um século de pureza. A vizinhança da capelinha e a presença semanal do senhor vigário impunham um certo ar de respeito, mas o banho de mulher assistido entre as fôlhas, sem que ela visse ou soubesse, os peitos novos de uma afilhada da casa (saltando do vestido de algodãozinho) tudo isto, no destêrro de um engenho, sob o sol ou sob a lua, tudo isto era muito mais forte. E atrás da honradez de um olhar de patrão ou da mansidão com que a **senhora** baixava sempre seus humildes e verdes olhos, maior que a dignidade aparente de todos, havia o amor que, mais do que hoje, era tido como falta grave. Todos êsses pensamentos, passando em tom forte, eram quase recordações. Tudo aconteceu antes de nós, mas, em nós, essas fraquezas se repetiram tanto que, inventá-las, é quase um ato de relembrança. O corpo que pecou na noite da véspera (talvez porque o barulho da chuva nas telhas pedisse) êsse corpo acordou e se banhou na água do riacho. Depois a alma subiu a Deus e, através das orelhas do sacerdote, confessou-se em linda contrição. E fic u o dito pelo não dito, o feito pelo não feito.

● Uns cem anos haviam passado sem que as janelas da casa mostrassem qualquer sinal de impaciência... mas, Rosa e Francisco, esperando há apenas duas horas, maldiziam-se com gestos, palavras e pensamentos. O resto do pessoal tinha ido de automóvel a um sítio, que ficava a quatro léguas. Os dois ficaram, porque foi preciso levar um guia e, com o carro cheíssimo, um achou melhor ficar e o outro fêz a gentileza de ficar para companhia. Andariam por ali, po entre as ruínas da cocheira e, depois subiriam ao asseiro da mata onde haveriam araçás deliciosos, madurinhos, derretendo n bôca. Voltariam à velha casa para pensar melhor essas coisa que inventamos, há pouco, sôbre os nossos honrados avós. Mas, noite começava a chegar e nem sinal de automóvel havia. Um o outro lavrador que passava era perguntado se vira um carro e ne nhum sabia de nada. E, nessa aflição, a noite caiu de vez, sem lu no céu. O jeito era conversar mais um pouquinho e, quando viess o sono, dormirem. Quem sabe? Talvez, na hora em que choveu, ti vesse caído uma ponte ou uma barreira. Talvez, o próprio automó vel, fordeco de 1929, estivesse — coitado — com um dêsses engui ços de carburador, muito comuns aos venerandos carrinhos do en genho. E conversaram até que um ao outro se queixaram de sono Não tinham muito o que escolher — chão é chão — e onde se de tassem estava bem. Mas, Francisco achou um ato de decência pas sar para o quarto ao lado. Disse boa noite e foi. Rosa, talvez não s houvesse desapontado mas, com certeza, pensou: o que é que êl vai ganhar com isso? Mas, como eram apenas conhecidos, talve fôsse melhor assim. Mal se acomodaram, os morcegos começaram voar, grudando-se nos caibros da telha-vã ou em descidas de reco nhecimento tão baixas, que pareciam querer aterrissar. Rosa sen tiu os primeiros arrepios. De comêço, achou que fechar os olhos se ria uma solução. Não foi. Resolveu cobrir o rosto com a saia. Tam bém não deu para evitar o trágico pressentimento de que um da queles morcegos viria lhe sugar o sangue. Então, chamou pelo ami go. De lá, Francisco perguntou o que era. E Rosa respondeu só isso

— Mêdo.

Francisco veiu pela escuridão, disse umas coisas com voz de gent encabulada. Rosa também. E, lado a lado se deitaram (cada um mai preocupado em não revelar ao outro a menor intenção de maldade e, como não eram de ferro, dormiram. Foram horas que não conta ram de sono, em chão de tijolo, até que Deus acendeu o seu dia lhes mandou um raio de luz para premiar e iluminar-lhes os bons mo dos. Francisco acordou primeiro e olhando Rosa, ao seu lado, dor mindo ainda, tão bela e descuidada, lamentou que ela, coitadinha não lhe tivesse faltado com o respeito.

Desenho de DAREL





Florença, *o lírio e o leão*

Texto de JOEL SILVEIRA Desenhos de CLÁUDIO CORREIA E CASTRO

SOU da parte Guelfa. Meu hotel se encolhe numa ruazinha por onde o Tempo se escoa como um rio sem princípio nem fim. Aqui, há seis séculos atrás, levantamos barricadas, enfrentamos e vencemos os assalariados do Imperador. Aqui, mais tarde, apupamos Savonarola e os seus «arrabiati». O leão e o lírio aqui se desfraldaram em estandartes de sêda vermelha e branca, nos dias das grandes pugnas. E lágrimas ardentes derramamos todos quando a tirania agrilhoou a cidade ilustre, cortou as garras do leão, fechou o lírio rebelde e soberbo numa estufa francesa e abriu em cada coração guelfo uma ferida que doía e envergonhava.

Sou da parte Guelfa desta Florença que não se rende: namorada de prata, noiva com véu, mas, tantas vêzes, viúva pesarosa fechada no fúnebre xale do «nebbione». Todos os sóis brilharam aqui, as auroras tôdas, e em cada esquina — em cada esquina guelfa — o tempo deixou um pendão e uma trincheira. «Ágil e rápida pantera», assim a chamou o seu maior poeta, e assim ainda ela é hoje na sua grandeza desbotada e inconformada.

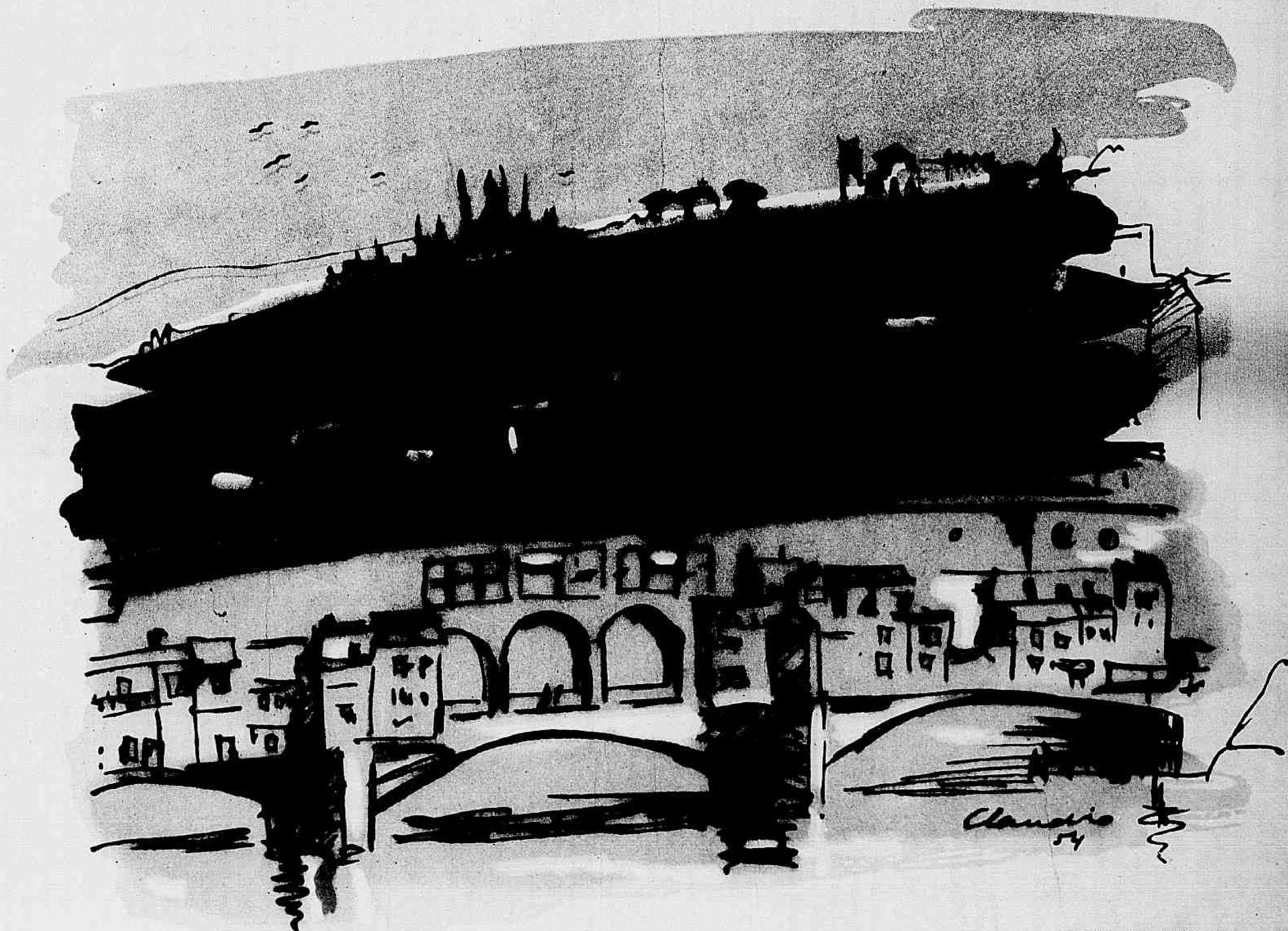
• Sou da parte Guelfa. Almoço no «Sacco di Dante», bebo o compacto «cianti» de Piasseve, escuto a fervente parolagem de Giacomo Puzzi, hoje, como há quinhentos anos, soldado fiel dos primeiros Medici. Foi lá em cima, na tôrre mais alta do Palazzo Vecchio, que fechamos a raiva intolerante do frade possesso; e foi aqui, nestas lajes de defronte, que fizemos do seu corpo endemoniado uma fogueira crepitante e de fumaceira escura. Que esta parte Guelfa não se rende, e nem o próprio Diabo a fêz curvar-se: mesmo nos mais duros anos da Era Fascista, quando os gerarcas costumavam vir catar no lado indomável da «Signoria» os fiéis e teimosos pregadores da liberdade, ela se manteve irredutìvelmente guelfa — forte como um leão, meiga como um lírio.

Sangue de lebreus e lôbos mil vêzes lavou o chão da cidade.

Mas, quando o sol se põe, Florença se faz cândida como uma noviça, e o velho Arno canta e cintila como um riso de criança.

Há quem afirme, porém, (e é uma verdade) que tal só acontece na parte Guelfa, porque foi aqui dêste lado que as mais nobres fôrças do Homem levantaram, para sempre, os seus bivaques brancos e vermelhos.





ROSE

Depde «A N PERDII publicam Luís L Coelho, NO M DO CRI meira uma hist térios; e hoje, u licial sdo a técn credenos mestre

cidades bracas. Dizian as lavouras município deixou de ser o emp iormando-o que Masci sões dos sitos. O vigá meteu interr junto a

Na noite 5 de seter de, depois demorada atingiu o l dobrou passar pelotão do p

ROSEDÁ NO MAPA DO CRIME

LUÍS LOPES COELHO

Depois de «A MAGNÓLIA PERDIDA», publicamos hoje, de Luís Lopes Coelho, «ROSEDÁ NO MAPA DO CRIME». A primeira, uma história de mistérios; e hoje, um conto policial segundo a técnica dos mais credenciados mestres do gênero.

ROSEDÁ é um vilarejo que salta dos arrozais verdes no vale do Paraíba. As tôrres da igreja, como disse o poeta, pastoreiam o casario derramado na planura. Desde a ventania de 1931, chamada de furacão pelos seus habitantes, a vida pacífica do burgo só veio a agitar-se vinte anos mais tarde, com o crime do Largo da Matriz. Foram, no entanto, as palavras do padre Ricardo que transformaram Rosedá, durante dez dias, na mais falada das [...]es br[...]as. Diziam à bôca pequena que José Mascigrande financiava [...]vouras [...] município com o dinheiro do vigário. Quando Toshio Tanaka [...]u de [...]ber o empréstimo prometido, queixou-se ao padre Ricardo, in[...]ndo-o que Mascigrande, além de juros elevados, cobrava altas comis[...]dos sit[...]s. O vigário declarou nada ter com tais empréstimos, mas pro[...] interr[...] junto a Mascigrande.

[...] noite [...]5 de setembro de 1952, a uma hora mais ou menos, Mascigran[...]epois [...]demorada conferência com o vigário, saiu da casa paroquial, [...]iu o l[...] dobrou a esquina e seguiu caminhando junto ao muro. Ao [...]r pelo [...]tão do pomar, recebeu dois tiros. Um dêles atravessou-lhe o coração. Logo depois um jipe chegava ao Largo da Matriz, estacionando no meio fio, ao lado do corpo de Mascigrande. **No mesmo instante, um vulto destacou-se do pilar que sustenta o portão e correu para o jardim da praça. Um passageiro do jipe apressou-se em socorrer a vítima e dois outros saíram ao encalço do fugitivo, conseguindo detê-lo perto da Biquinha, depois de desabalada perseguição pelas ruas desertas da cidade.**

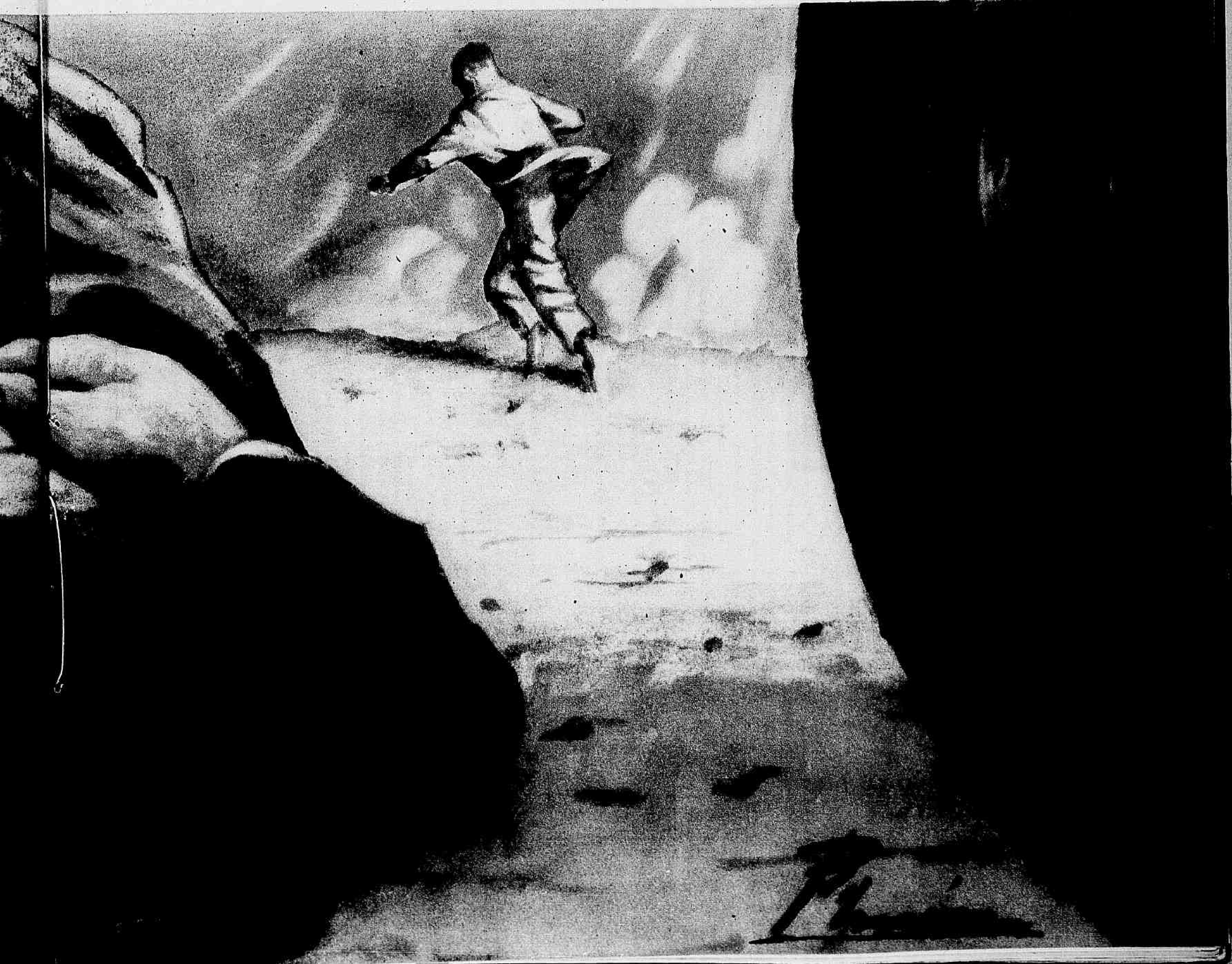
Era Toshio Tanaka o fugitivo.

Na polícia, o japonês negou com veemência a autoria do crime, contando a seguinte história: como tardasse a resposta do vigário, resolveu exigir uma solução de Mascigrande, e mesmo — se necessário — ameaçá-lo de morte para obter o empréstimo do qual dependia o destino de sua lavoura. Munira-se de uma faca, única arma, aliás, encontrada em seu poder, e fôra esperá-lo.

Embora incompleta a prova, pois o revólver não aparecera, mesmo depois de vasculhados jardins, moitas e boeiros, a maioria da população considerou culpado o japonês, estribando-se no depoimento do fazendeiro, proprietário do jipe, e de seus dois amigos. Além disso, o exame da trajetória das balas do corpo de Mascigrande demonstrou que os disparos provieram do lado esquerdo da calçada, isto é, da direção do pilar que servira de esconderijo a Tanaka.

Nada adiantou o esfôrço do advogado de São Paulo, especialmente contratado pela colônia para defender o compatriota: foi êle condenado a dezoito anos de prisão.

Dias antes do julgamento da apelação interposta pelo defensor do japonês, padre Ricardo, durante a prédica da novena, declarou, do púlpito, que se cometera grave êrro judiciário no julgamento de Toshio Tanaka, pois um homem, em confissão, afirmara ter assassinado Mascigrande. **(Cont. na pág. 56)**





Uma das rosas do estampado da blusa foi recortada e aplicada no «short» branco de popeline, nesta interessante criação de Russeks.

● As minhas leitoras brasileiras estão sempre interessadas em modelos para a praia e para esporte, pois, conforme cartas que tenho recebido por intermédio da REVISTA DA SEMANA, o sol é gostoso no inverno, na praia de Copacabana, de Atafona e de Guarapari...

Por isso, êsses modelos de "shortes", que consegui num desfile de Russeks, só de trajes para a praia, hão de ser muito bem recebidos. Escolhi-os especialmente pelas suas linhas originais e pela excelente combinação de tecidos.

Hão de agradar, certamente.



Conjunto esportivo: blusa em tricoline branca, «short» de corte muito original em lonita listrada. Modêlo de Russeks.

Dias de sol

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

● VALORIZANDO O BEIJO...

Sabe-se que, muitas vêzes, a distração do motorista motivada pela presença de uma jovem atraente, a seu lado no banco da frente de um carro, é a causa de desastres que, com um pouco mais de atenção poderiam ser evitados. O assunto é sempre ventilado nas campanhas das semanas de trânsito, mas, por mais que se advirta, os pares amorosos são distraídos. Pois os mexicanos encontraram uma fórmula que, parece, está dando certo. Afixaram cartazes que dizem: «O motorista que beija uma «muchacha» enquanto está guiando, mostra não dar ao beijo o valor que êle merece».

● MAIS UM RECORDE FEMININO

Na cidadezinha alemã de Burghause realiza-se periòdicamente interessante competição de lentidão no fumar. Consiste em fumar um charuto, de tamanho determinado, o mais devagar possível. A vencedora foi a senhora Anna Niederbüchner, de 50 anos, que bateu o recorde precedente por 19 minutos, fumando o seu charuto (de 11,5 cm.) em 2 horas e 26 minutos.

● UM FILHO POR MÊS?

Um caso interessante de parto duplo ocorreu recentemente no hospital naval norte-americano. A senhora Chapman, de 30 anos, teve um filho cêrca de um mês e meio depois de outro. Os médicos verificaram que a dita senhora possuía alguns órgãos internos em duplicata, o que possibilitou a dupla concepção. Na história da medicina só se conhecem seis casos semelhantes.

● CUPIDO NO TREM DE CARGA

Tôdas as vêzes que chegava um trem à estação de Dortmund (Alemanha), o jovem Alberto Stutz corria a examinar as paredes do carro, impacientemente.

Um dia prenderam-no quando escrevia numa delas: «Venha no sábado». «Provàvelmente é um perigoso espião», pensaram as autoridades da estação de Dortmund. E levaram-no para o mais próximo pôsto policial. Lá Alberto explicou-se:

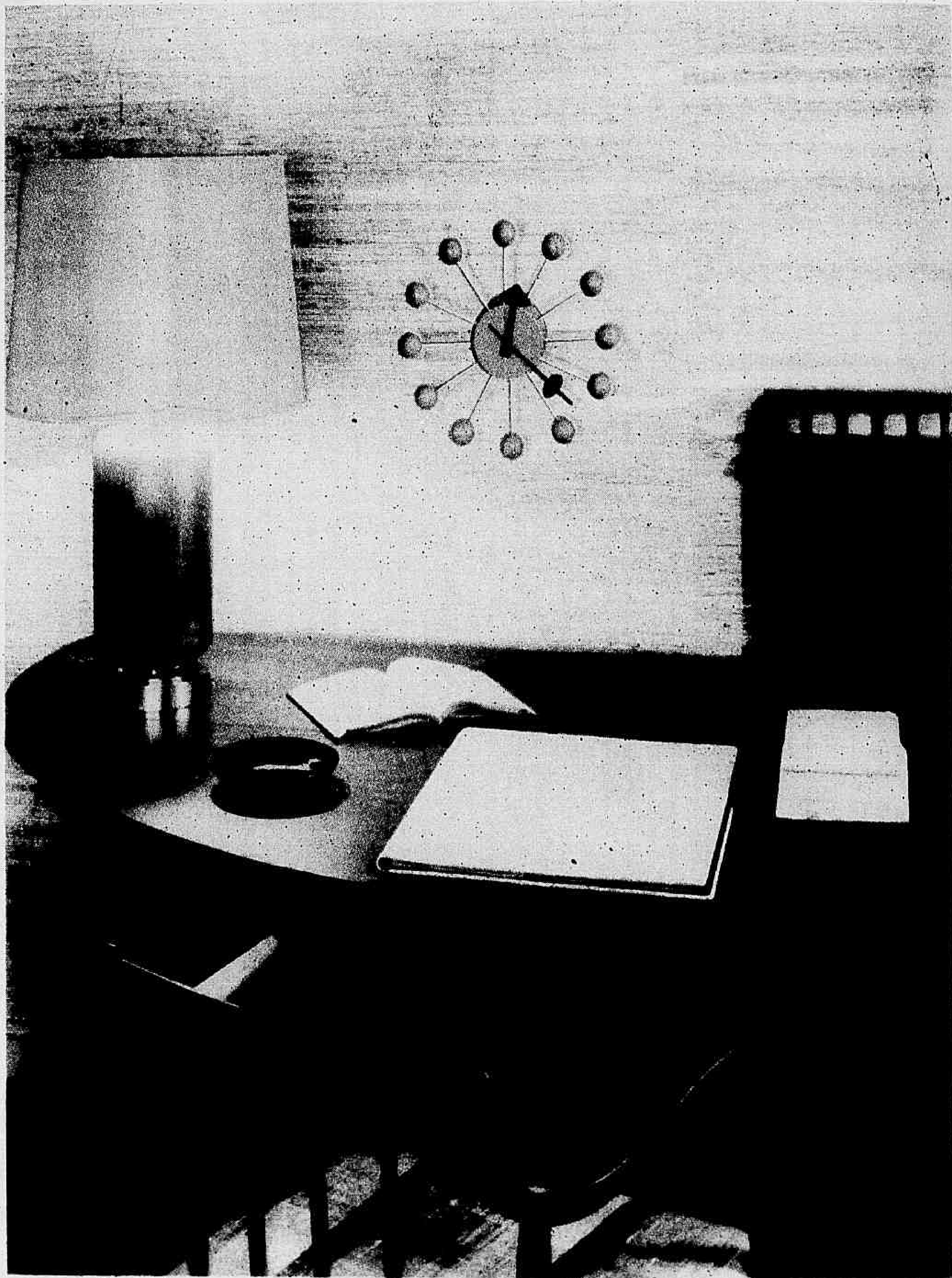
— «Namoro a filha do chefe da próxima estação... e mandamos nossos recados por êsse sistema: mais rápido que uma carta, e mais barato que um telefonema interurbano».

● E OS TEMPOS MUDARAM!

Só agora se veio a saber que no casamento de Dick Haymes com Rita Hayworth, houve uma modificação no texto lido pelo juiz, assim: «... Prometeis amar e honrar (seguia o nome do marido) durante tôda vossa **vida conjugal?»** em vez de «... **até o fim** de vossa vida?» E' que os dois atores decidiram que seria mais honesto não fazer juramentos, nem promessas, que não tinham a mínima intenção de levar a sério.

Sugestão para o lar

● Êste recanto moderno, desenhado pelo decorador Herman Miller, mostra como um simples detalhe pode ser um motivo de atração: o relógio, muito original, em que os números foram substituídos por 12 bolas de madeira, é, realmente, fora do comum. A mobília é simples: uma mesa de dobrar, com uma confortável poltrona na frente. Sôbre a mesa uma estantezinha portátil, com alguns livros, além do abajur com pé de cerâmica.



Um pouco de beleza



Pele oleosa?

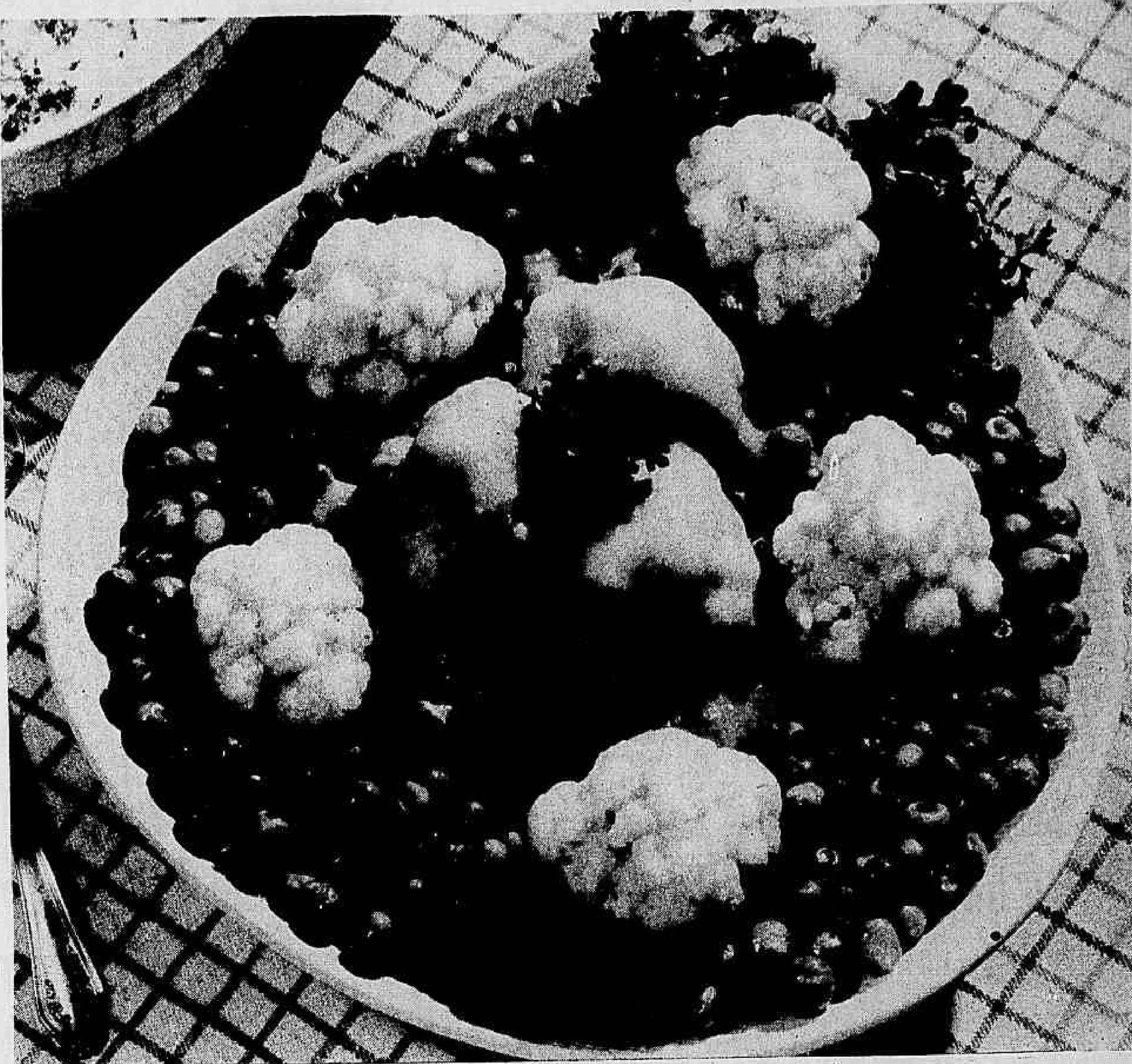
A PELE OLEOSA e o resultado de uma má circulação. Para corrigir essa situação é preciso que você mantenha os poros sempre limpos. Isso quer dizer que deve lavar muito o rosto e nunca aplicar um maquilagem nova sôbre a anterior. Também precisa tonificar a pele. Tôdas as noites use um bom creme de limpeza para retirar a maquilagem. Aplique-o cuidadosamente, fazendo leve massagem no rosto, depois retire-o totalmente.

PREFIRA PARA a limpeza um creme de lanolina, que tem a propriedade de poder ser removido sem dificuldade, e sem deixar gordura. Para seu confôrto e beleza não deixe creme no rosto durante a noite. Os poros devem estar livres. Depois de ter retirado o creme de limpeza, lave o rosto, com água morna, um bom sabão líquido e uma escôva macia. Enxagüe bem e enxugue com uma toalha.

DE MANHÃ, TORNE a lavar o rosto. Passe, a seguir, uma boa loção sem álcool, e tonificante. Enxugue bem o rosto com papel absorvente. Uma vez por semana faça o seguinte tratamento: Faça uma pasta com 3 colheres das de sopa de bicarbonato, umedecido com leite de magnésia. Espalhe sôbre o rosto. Deixe secar, e depois lave com água morna. Com êsse tratamento caseiro, verá que em pouco tempo sua pele melhorará, ficará mais lisa e com mais bela coloração.

Perfumes

USAR PERFUME é uma arte. Para obter melhor resultado passe muito pouco: nas sobrancelhas, atrás da orelha, nos cotovelos, nos punhos. E já que estamos falando de perfumes, se quer dar às suas cartas um cunho muito pessoal ponha sempre por dentro do envelope uma gôta de seu perfume habitual, daquele que a fará lembrada.



WEEK-END NA COZINHA

COUVE-FLOR E «PETIT POIS»

● Uma ótima combinação para um bom prato de legumes é couve-flor com «petit pois». Sôbre tudo isso um bom môlho de mostarda, e terá um prato digno dos deuses do Olimpo. A preparação é simples: tome uma cabeça de couve-flor de tamanho médio. Divida-a em pedaços do tamanho de uma flor. Cozinhe em um pouco dágua fervendo (uma xícara apenas) com 1 colherinha de sal, durante 5 minutos. Junte os «petit-pois» e cozinhe mais 3 minutos. Enquanto os vegetais estão cozinhando, prepare o seguinte **môlho de mostarda:**

● Ponha 2 colheres, das de sopa, de manteiga numa frigideira e derreta em fogo fraco. Junte 1 colherzinha de sal, 1 colher, das de sopa, de mostarda já preparada, e outra de farinha de trigo. Acrescente 1 xícara de leite e misture com uma colher de pau, até o môlho ficar bem grosso. Bata um ôvo, misture primeiro com um pouquinho do môlho e depois ponha na frigideira, cozinhe, sempre misturando, mais um minuto. Arrume a couve-flor e o «petit pois» num prato aquecido, e por cima espalhe o môlho de mostarda, acrescentando-lhe duas colheres, das de sopa, de caldo de limão, no último momento.

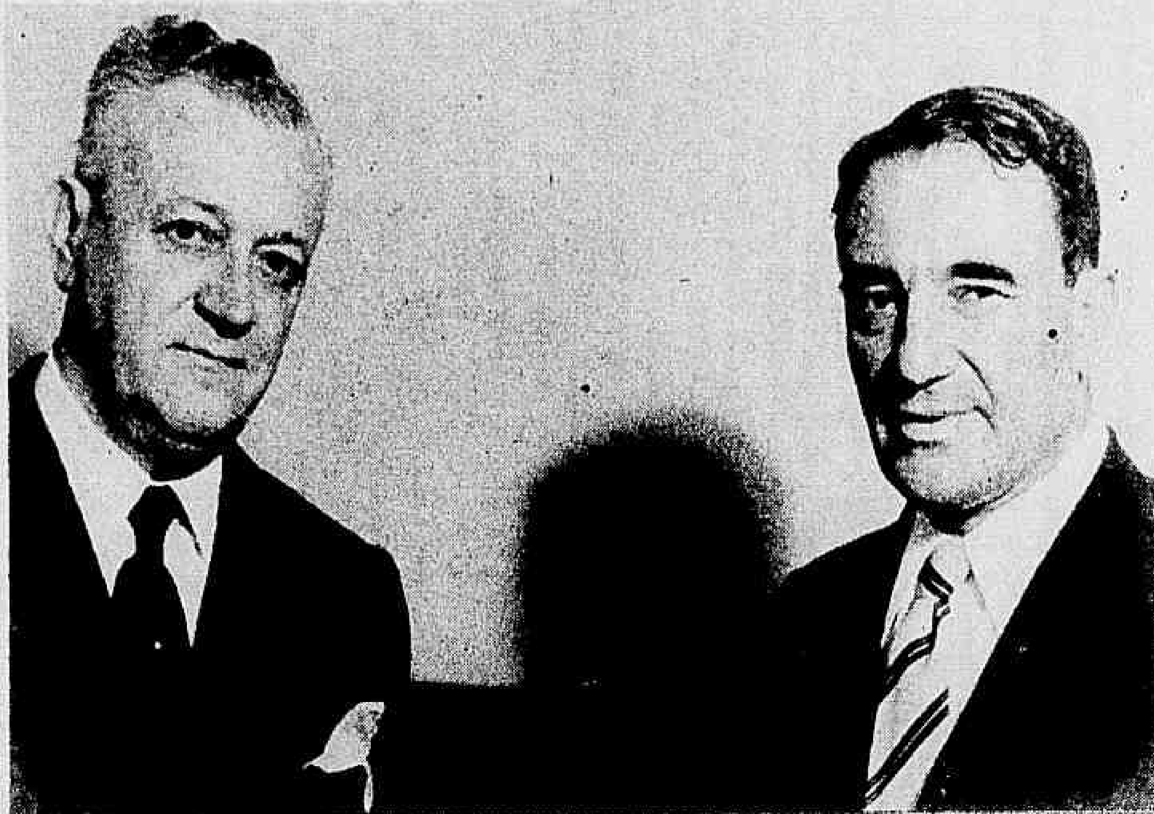
No bar...

● Uma leitora escreve pedindo a receita do famoso «Alexander» [illegible] coquetel côr de café com leite tão apreciado nas boites. Pois aí vai [illegible] melhores receitas que conheço do gostoso Alexander.

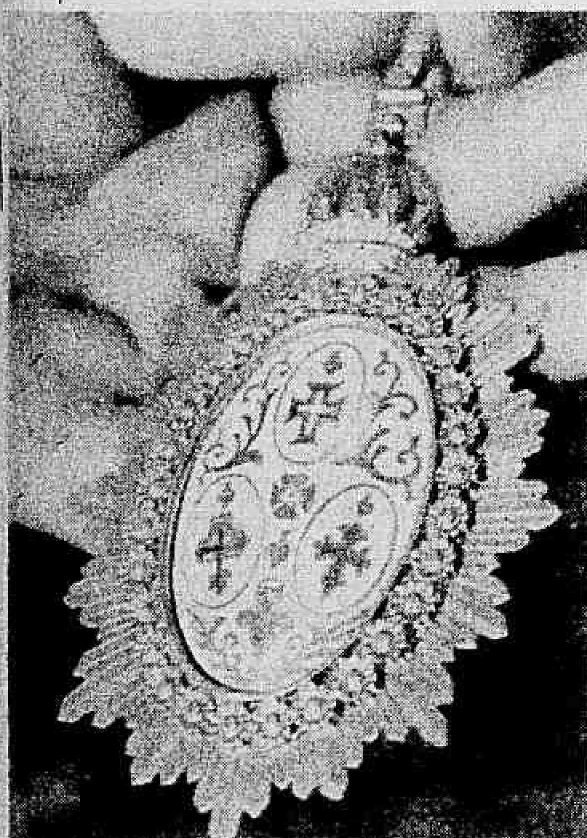
● Tome meio copo de gin. Junte $\frac{1}{4}$ de copo de creme de [illegible] e [illegible] de copo de creme de leite, fresco. Acrescente uma colherzinha de [illegible]. Bata muito bem antes de servir, com algumas pedrinhas de gêlo. Se usar o [illegible] para bater êsse coquetel obterá ótimo resultado. Nesse caso, não ponha as pedrinhas de gêlo. Gele todos os ingredientes antes de bater.

MUSEU NUMISMÁTICO DO BANCO DO PAÍS

A velha rua do Carmo do tempo dos vice-reis que ainda ostenta como um sinal vivo daquelas eras priscas, ao lado das galerias recuadas de hoje, um arco romano de cantaria lavrada ligando a Igreja de Nossa Senhora do Carmo à antiga Capela Imperial, mais tarde erigida a Catedral Metropolitana, está se transformando tôda, em virtude de sua localização na zona monumental da cidade. Um dos últimos edifícios inaugurados, no nº 64, — é sem favor nenhum um dos mais belos pela sobriedade e elegância de suas linhas arquitetônicas — é o do Banco do País, que festejou o 15º aniversário, na sede que construiu, oferecendo uma grande recepção, a que compareceram as mais brilhantes figuras da nossa sociedade, e ao mesmo tempo expondo a maior, mais rara e mais bela coleção de moedas de ouro do Brasil até hoje reunidas em um só conjunto. Após nos haver sido permitido fotografar os aspectos da exposição que oferecemos aos nossos leitores procuramos ouvir o diretor do Banco, sr. Arthur Martins Sampaio, que nos disse pertencer tôda a coleção exposta ao diretor-presidente, dr. Augusto V. Corsino, ao qual, estando presente, fizemos as seguintes perguntas:



À esquerda, dr. Augusto Corsino e à direita, dr. Arthur Sampaio, diretores do Banco do País.



Insígnia da Grã Cruz das Três Ordens: Santiago de Espada, São Bento de Aviz e Cristo, só usadas pelos Grãos-Mestres.

— De quantas moedas se compõe sua coleção do Brasil e há quanto tempo a iniciou?

— Coleciono há cêrca de 20 anos — respondeu-nos o dr. Corsino — e tenho 1.248 moedas de ouro, 6.800 de prata, 11.000 de cobre e perto de 2.000 de níquel e outros metais.

— Qual a moeda de ouro do Brasil mais rara? — perguntamos ao antigo presidente da Sociedade Numismática do Rio de Janeiro, que nos informou com a segurança de um mestre no assunto:

— Alguns antigos numismatas e outros modernos, consideram mais rara a peça da **«Coroação de D. Pedro I»** — 6$400 de 1822. Elaboram, entretanto, em flagrante equívoco, uma vez que da **«Peça da Coroação»** conhecemos 9 exemplares, enquanto que da moeda de 2$000 de 1695 — primeira moeda de ouro cunhada no **Brasil** pela **«Casa da Moeda da Bahia»** — só conhecemos o presente exemplar. Assim a moeda mais rara é esta.

— E a maior coleção de moedas de ouro do Brasil, a quem pertence?

— As coleções são medidas, não pela quantidade de moedas, mas sim pelo número de suas peças únicas e peças raras. Em nossa coleção possuímos 21 peças das quais só são conhecidos os presentes exemplares. Não sabemos, no Brasil ou fora dêle, de outra coleção com igual número de peças únicas.

— Há outros grandes colecionadores de moedas de ouro?

— Há. Para citarmos os maiores temos: dr. Arthur Martins Sampaio, meu companheiro de diretoria, com cêrca de 1.000 peças de ouro da maior raridade; desembargador Alvaro Leal, com um conjunto de peças valiosíssimas pela sua perfeição; Museu Histórico do Rio de Janeiro, com a coleção ofertada pelo dr. Guilherme Guinle; dr. Pôrto Rocha, com um primoroso conjunto de peças do Império; dr. José Raul de Moraes, que tendo cedido sua coleção ao Banco do Brasil reiniciou nova coleção, já bem adiantada; dr. Guilherme Guinle, com um conjunto de raríssimas barras de ouro do Brasil Colonial e Império; Banco do Brasil, com valiosa coleção e muitos outros. Em São Paulo, para só citarmos os dois maiores, temos em primeiro lugar a coleção de Salles de Oliveira e logo depois a do Senhor Benjamin Klabin. Em Minas as grandes coleções de Santa Cecília, dr. Armando Berenguer e J. B. Nunes, além de outras. Seria uma lista interminável, se fôssemos citar tôdas as grandes coleções brasileiras.

— Além da **«Peça da Coroação»** existem outras moedas de igual valor numismático?

— Sim. Além da **«Peça da Coroação»**, cuja última já foi vendida por Cr$ .... 60.000,00, temos a moeda de 4$000 — 1832 R (Azevedo), da qual conhecemos 4 exemplares e compradores a Cr$ .... 60.000,00.

— As de 10$000 de 1932, última moeda de ouro cunhada no Brasil pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, em número de 7, valor Cr$ 50.000,00. Os Florins, peças obsidionais, batidas em **Recife**, durante o **Domínio Holandês**, pela **Companhia Holandesa das Indias Ocidentais**, em 1645/1646, adquiridas, quando raramente aparecem, por Cr$ 35.000,00. Estas foram as peças da coleção de ouro do Brasil que obtiveram preços mais altos, nestes últimos anos.

— E da coleção de prata, qual a moeda mais valiosa?

— A peça mais rara e portanto mais valiosa da coleção brasileira de prata é a de 640 réis, de 1833 R, avaliada presentemente, em Cr$ 100.000,00. Como o senhor vê é a moeda mais cara de tôda a coleção brasileira.

— Em cobre existem também moedas de alto valor?

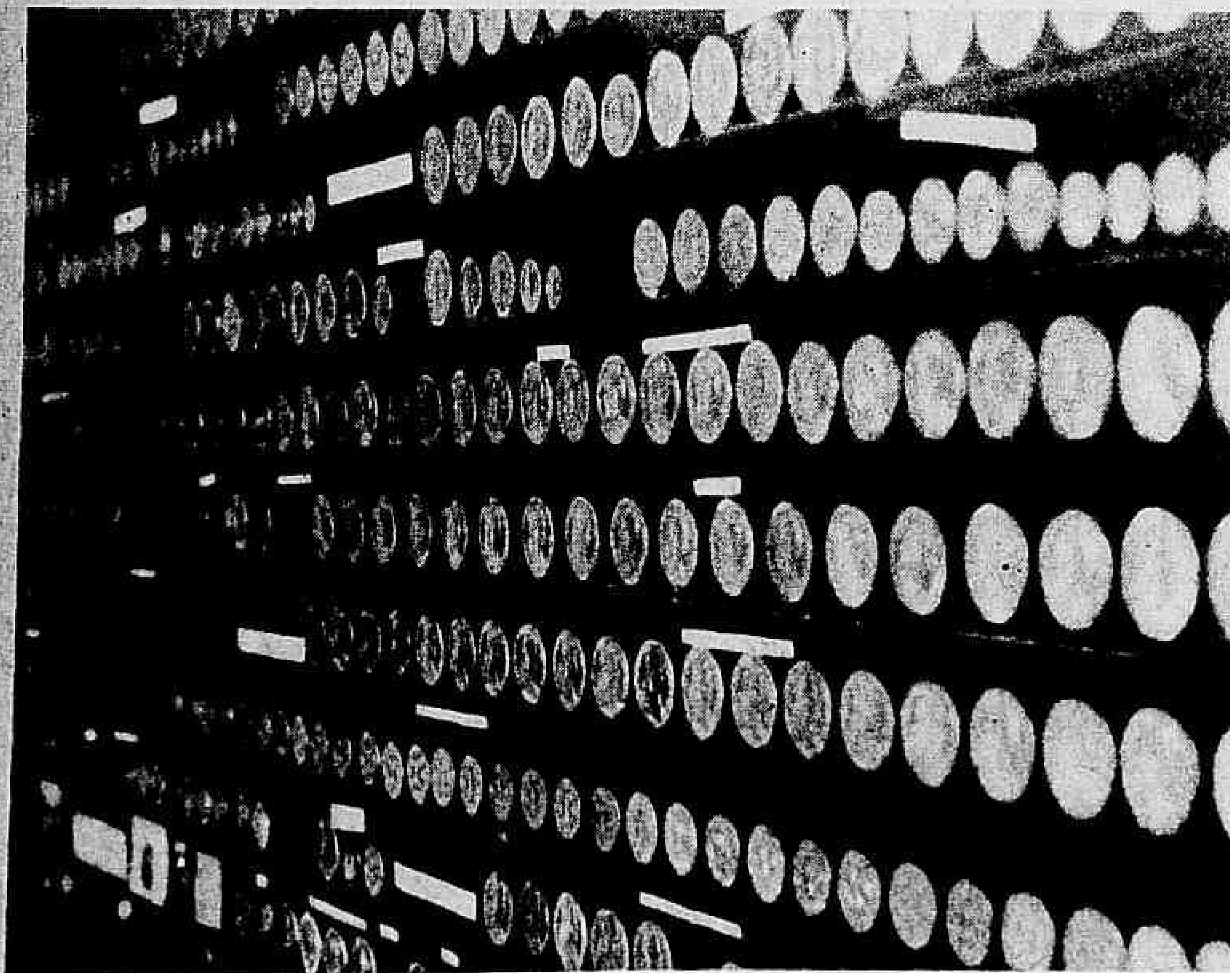
— Sim, muitas. Entre as mais valiosas encontram-se os **Primitivos carimbos do Império**, que de comum alcançam Cr$ 8.000,00 e Cr$ 10.000,00. Outras existem de Cr$ 5.000,00 e Cr$ 10.000,00 por serem peças únicas conhecidas.

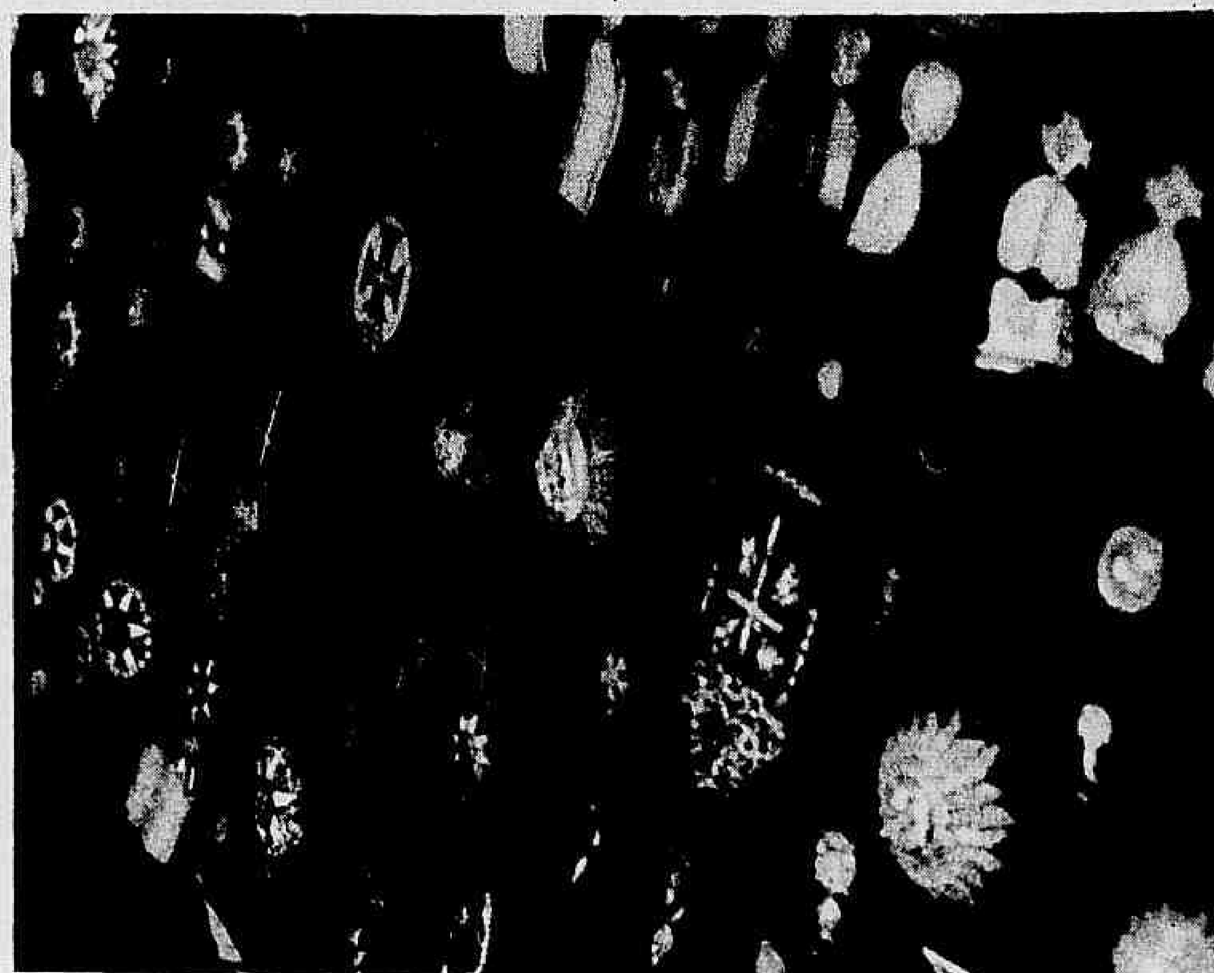
— E apesar de os preços subirem sempre e muito, cada vez mais aumenta o interêsse dos colecionadores pelas moedas raras do Brasil, terminou o dr. Augusto Corsino.

Além das valiosas coleções de moedas já referidas, foram expostos os mais belos exemplares de insígnias da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, da Ordem Imperial do Cruzeiro, da Ordem Imperial da Rosa, da Ordem de Cristo, da Ordem de São Bento de Aviz e Santiago de Espada, e como altíssima raridade, uma peça da Ordem de D. Pedro I.



Insígnia da Ordem de Pedro I, a de maior valor entre tôdas as que foram expostas.





Um aspecto (à esquerda) das raríssimas moedas expostas. Um detalhe (à direita) da exposição das notáveis condecorações.

O EMBATE DE DUAS CULTURAS

OTTO SCHNEIDER

● Fôsse um teuto-brasileiro o autor dêsse livro de invulgar envergadura como é «Paraná Vivo — um retrato sem retoques», do sr. Temístocles Linhares (Editôra José Olímpio), talvez parecesse suspeita a maneira de julgar a contribuição do imigrante para o espetacular embate cultural que ora se verifica no Paraná, e cujos benefícios vêm se projetando para muito além do Estado: «...luta livre e espontânea de que participam não só brasileiros cem por cento e alemães ou anglo-saxônicos, mas ainda italianos, poloneses, ucranianos, sírios, japonêses etc., sem falar já dos descendentes de alemães e italianos provindos do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, que atualmente estão se transferindo em levas para o oeste paranaense, desintegrando todos os resquícios de cultura ali semeados por jesuítas ou baideirantes».

Chegamos assim a um dos pontos mais importantes do «Paraná Vivo»: o embate de duas culturas e o historicismo.

Lembra o sr. Temístocles Linhares (e prova-o através de dezenas de pormenores disseminados pelas 360 páginas da obra) que, numa região como a paranaense, tôda ela sacudida pelo dinamismo e movimentação da sua vida atual, seria desconhecer completamente as necessidades, querer fixar o historicismo para seu ponto de partida, «fazendo roda como peru em tôrno da lembrança integral do que fomos no passado remoto. Num passado que não responde mais em absoluto a nenhuma necessidade real nossa».

Sociólogo de visão, Temístocles Linhares filia-se àqueles que sustentam que o passado deve ser interpretado e julgado sòmente por aquêles que sejam portadores do sentimento das possibilidades de futuro e sobretudo dos valores novos, em cuja criação se proponham colaborar. Para Nietzsche, era essa faculdade de antecipação do futuro que denotava o grau de vitalidade, a capacidade de futuro de um povo, de uma civilização, uma raça, tanto quanto de um indivíduo. «Celebrar o futuro — escrevia êle — inventar o mito do futuro, eis o que importa... Como concordaria em viver se não enxergasse primeiro o futuro? Pensamento fundamental: é preciso tomar por norma o futuro e não procurar atrás de nós as regras de nossa ação»...



É bem êste o caso do Paraná que está seguindo o seu destino, o seu próprio caminho dentro das variedades regionalistas comportadas pela unidade brasileira.

— «Sem deixar de ser brasileiro, o Paraná desfaz o preconceito vazio, destituído de conteúdo, segundo o qual o brasileiro que conta, o brasileiro que é brasileiro, só pode ser descendente de português, embora misturado de sangue aborígene ou negro, ou então que só a chamada cultura luso-brasileira pode exercer o seu imperialismo aqui...»

A prova aí está, no Paraná de hoje, harmonizador de culturas, revigorando-se com novos valores e novo sangue que a esta altura já não vamos qualificar de estrangeiros, nem mesmo de néo-brasileiros, mas de brasileiros simplesmente.

BONECA DE LOUÇA

Uma boneca de louça
ficou por ali jogada
quando o casal se mudou.
Não a quis levar a moça
porque era velha e quebrada.
E a boneca ali ficou.

Nos cabelos desbotados
uma fita côr de rosa
desfeita e quase a cair.
Nos olhos amendoados
uma nota dolorosa
que fêz a moça sorrir.

Que nunca houvesse sorrido!
Pois da boneca, coitada,
um dia enfim se lembrou:
vendo no espelho partido
sua expressão desolada
quando sòzinha se achou...

MARIA ELISA CORBERT, em "O Lago"

Fichário

★ «HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO», por Afonso de E. Taunay (274 págs.) com várias dezenas de ilustrações de caráter documentário, é mais um título em homenagem às comemorações do IV centenário. Narra a história da capital bandeirante desde os primeiros povoadores do litoral paulista e do planalto piratiningano.

★ SE VOCÊ AINDA TEM dificuldade em redigir cartas comerciais, bancárias e oficiais, leia «Elementos de Técnica Redacional», de Odacir Beltrão, publicado há dias pela Editôra Globo (190 págs.). Partindo do princípio de que «a técnica torna fácil o trabalho difícil», o autor não só apresenta uma série de modelos, mas ensina como redigir cartas claras, concisas e corretas. Livro prático, de fácil compreensão, e de imediata utilidade.

★ «Não existe arte sem deformação — diz Sérgio Milliet no 7º vol. do seu Diário Crítico. — Nem mesmo do famoso equilíbrio grego está ela ausente. Vênus e Apolo são teoremas geométricos e estão longe da realidade do corpo humano. Os bizantinos deformavam até a consecução da pureza na inocência. Botticelli alongou suas figuras de um modo patológico à procura de um estilo. El Grecco, pelo exagêro das verticais, exprimiu seu misticismo. Rubens num esbanjamento de curvas deu a suas mulheres uma sensualidade vigorosa... Sòmente o academismo medíocre tem como ideal não deformar».



★ «TEMPO DE ESPERA», contos de Ricardo Ramos, está sendo anunciado para breve pela Editôra José Olímpio, ao lado de um volume de crônicas de Eneida: «Cão da Madrugada», e a reedição do romance de José Américo de Almeida: «A Bagaceira». Do autor de «Sagarana», o mesmo editor promete, para dentro de mais algumas semanas, dois novos livros: «Corpo de Baile», coleção de novelas, e «Veredas Mortas», romance. Voltará assim J. Guimarães Rosa à literatura, depois de alguns anos de silêncio.

★ ATÉ O DIA 30 DÊSTE MÊS estará aberto o concurso literário de «Letras Fluminenses» para um prêmio de 5.000 cruzeiros. Êste será dado a quem apresentar o melhor livro de poemas curtos, de no máximo 20 poemas do gênero lírico. Remessa de originais para Letras Fluminenses, Rua Prof. Miguel Couto, 348, Niterói.



Continua o desafio à capacidade da Polícia:

O CRIME DA FRANCESA

Rúbia Mendonça, uma cópia fiel de Marina Costa em matéria de leviandade ★ «Gaffe» da Polícia: não colheu as impressões digitais da morta ★ Estranha coincidência: Johann Beck internado no dia em que sua espôsa foi estrangulada ★ Johann seria um protegido político ★ O espancamento de um jornalista desviou as atenções da Polícia ★ E a sociedade não tem mais garantia.

Reportagem de ROGACIANO LEITE, enviado especial da «REVISTA» a Maceió.

Fotos de ALBERTO STUKERT e do Álbum de Família da morta.

O mistério, a confusão e o completo fracasso das investigações policiais (com vistas ao delegado Fernando Bastos Ribeiro, do 2º D. P.) em tôrno da morte de Renée Aboab ultrapassam com enorme «barbada» os limites da mais complicada novela criminal que se pudesse escrever. Nem mesmo o famoso e ruidoso Crime do Sacopã estêve de tal modo encoberto pelo véu (sem nenhuma brecha) que ainda hoje continua pesando sôbre o assassinato da francesa. No «caso» Tenente Bandeira houve, pelo menos, algumas provas indiciárias baseadas no depoimento de pessoas que, dizendo ou não a verdade, não deixaram de representar elementos para as investigações e para o desenrolar do processo — que «presentearam» o jovem tenente com 15 anos de reclusão.

No «caso» Renée, porém, nada disso aconteceu. A sra. Rúbia Mendonça, que afirmou ter visto (na noite do crime) no elevador do Edifício Casanova um homem a quem ela depois identificaria como sendo o italiano Luigi Alessandro Marchesi, — essa senhora representou o mesmo papel que caracterizou a leviandade de Marina Costa no também chamado «Crime do Citroen Negro». Tanto isso é verdade que, após ser detido em Vitória do Espírito Santo e submetido (no 2º Distrito Policial de Copacabana) a rigoroso interrogatório, aquêle suspeito conseguiu provar a sua inocência apresentando alibis totalmente destruidores.

RETROSPECTO

Sabe-se que na manhã de 22 de abril próximo passado a doméstica Felícia Alves (que durante o dia prestava serviço no apartamento 1009 do Edifício Casanova) deparou com o quadro mais horripilante que seus olhos já viram: completamente nua e estendida transversalmente sôbre a cama, jazia morta a sua patroa Renée Aboab Beck, casada em 22/1/54 com o polonês Johann Beck, imigrante e aventureiro nazista que veio ter ao Brasil como refugiado dos campos de concentração da Europa, durante a última guerra.

EXAME PERICIAL

Ficou constatado que a morte de Renée Aboab fôra motivada por asfixia mecânica. A vítima apresentava no frontal direito uma roncha proveniente de forte pancada que lhe fôra desferida com o cabo de um facão encontrado sôbre um móvel caseiro. Fôra tão forte a compressão da mão criminosa sôbre a lâmina que esta cortara a parte interna da bainha. Após a pancada — conforme concluiu a Polícia — o criminoso aplicou no pescoço da vítima uma forte e engenhosa laçada que na gíria policial se chama «torniquete» e cuja técnica é do domínio exclusivo de criminosos profissionais — notadamente os de procedência européia.

A princípio estêve a Polícia inclinada a classificar o crime como sendo latrocínio, suposição essa que logo cedeu a um raciocínio mais demorado. Na sala de estar do apartamento havia pontas de cigarros fumados na véspera e, na vitrola, ainda rodando lânguidamente, o disco «Chanson de Charme» — o que indica perfeitamente que a vítima e o criminoso estiveram ouvindo música durante algum tempo antes da consumação do bárbaro homicídio. Sôbre uma mesinha, um pequeno porta-jóias revolvido teria justificado a intenção do autor do crime em dar ao mesmo a aparência de latrocínio. Essa hipótese, porém, ficou intei-







Três fotos antigas de Renée Aboab: ela, aos 20 anos de idade, uma outra ao lado de sua irmã, e com sua mãe, numa rua de Maceió.

MAIS CONFUSO QUE O DO SACOPÃ



"Nenhuma dor humana se compara à de uma mãe cuja filha, distante e sòzinha, foi bàrbaramente estrangulada no silêncio de quatro paredes! Mas, um dia a Providência Divina apontará o autor do fim de minha filha e do início da maior dor de sua mãe. Deus é justo."

O crime da francesa...

ramente fora de cogitação, uma vez que a porta do apartamento não indicava o menor sinal de haver sido nem sequer forçada, mostrando claramente que o matador de Renée entrara naquele recinto com pleno consentimento da vítima, conclusão essa que foi reforçada pelo fato de estar aberto o visor da referida porta.

UMA «GAFFE» DA POLÍCIA

Procedendo a um exame pericial em tôdas as dependências e móveis do apartamento, as autoridades do 2º Distrito encontraram apenas algumas (quase inidentificáveis) impressões digitais no liqüidificador e na vitrola — e que talvez sejam da própria Renée Aboab, o que já não poderá ser apurado mediante a «gaffe» cometida pela Polícia, que não tirou as impressões digitais da morta.

ESTRANHA COINCIDÊNCIA

Coincidindo exatamente com a data da execução do tenebroso crime, Johann Beck, marido da vítima (que trabalhava em São Paulo e que a explorava antes mesmo de se casar, arranjando inclusive amantes para sua própria mulher) encontrava-se hospitalizado em Nova Iguaçu, onde se submetera a uma insignificante intervenção cirúrgica, quem sabe se com a prévia intenção de um alibi irrecusável?

Conforme dissemos em nossa reportagem anterior, a própria vítima, em carta dirigida à sua mãe, estranhava o fato de seu marido preferir ser operado naquela cidade quando «no Rio há tantos hospitais e muito mais facilidade». Na manhã em que Renée apareceu estrangulada em seu apartamento, um repórter do «O Globo» entrevistou Johann Beck no hospital em que o mesmo se encontrava, em Nova Iguaçu, e registrou no mesmo jornal (edição de 22/4/54) que o marido da morta fêz uma série de dramatizações, chorou, lamentou, chamou a vítima de «minha amada», enquanto o pai do mesmo, Alexandre Beck, aconselhou a que seu filho se acalmasse e ficasse bom para vingar a morte de sua espôsa.

OPINIÃO DOMINANTE

Ora — comentam todos quantos acompanharam o crime pelos jornais — por que razão Johann Beck sentiria tanto a morte de sua espôsa, se êle próprio a oferecia a outros homens — conforme o fêz a Alex, de acôrdo com o depoimento dêste no 2º Distrito? Por outro lado, é sabido que logo após o seu casamento com Renée Aboab, Johann Beck foi para São Paulo e raramente era encontrado no apartamento de sua espôsa, deixando que esta levasse a vida que bem entendesse. Do mesmo modo é público e notório que, tôdas as vêzes que vinha ao Rio, Johann pedia dinheiro não sòmente à sua espôsa mas também solicitava da empregada Felícia Alves «alguns trocados para o bonde».

Tais elementos não formariam base para fortes suspeitas se não fôsse igualmente sabido que, antes mesmo de se casar com Renée, o próprio Johann Beck dissera a Luigi Alessandro Marchesi (conforme depoimento dêste), um dos amantes da francesa: «Se aquela mulher lhe interessa, pode ficar com ela», acrescentando, ainda, que só se casaria com Renée se esta lhe desse 200 mil cruzeiros adiantadamente.

Quem leu a nossa reportagem anterior, na qual estão consignados diversos episódios comprometedores para a pessoa de Johann Beck, e que foram narrados (em vida, é claro) pela própria vítima a pessoas de sua confiança, ficará duvidando muito da isenção do marido da vítima no monstruoso crime. Pelo menos esta é a opinião não sòmente dominante no seio da família de Renée Aboab mas também em tôda a cidade de Maceió, cuja população vem acompanhando vivamente o desenrolar das investigações em tôrno da inominável tragédia.

PERGUNTAS QUE O POVO FAZ

Não resta a menor dúvida, a morte da francesa está incluída no rol dos mais misteriosos crimes ùltimamente praticados no Brasil. E o público, alarmado diante dessa horda de matadores profissionais e da incompetência da Polícia carioca, tem sobeja razão para formular deduções e conclusões a seu modo. Assim é que, tanto em Maceió quanto no Rio de Janeiro, são freqüentes as seguintes perguntas: 1 — A quem interessaria principalmente a morte de Renée Aboab? 2 — Por que sòmente depois que Renée recebeu a herança e o apartamento, foi que Johann Beck se mostrou tão «atômicamente apaixonado», o que jamais revelara durante o tempo em que vivia maritalmente com ela e a oferecia a seus próprios amigos? 3 — Qual a razão puramente sentimental dêsse casamento, se Johann, conforme declarou à Polícia, já vivia há muito tempo com Renée? 4 — Por que razão Johann insistia para que Renée fôsse morar em São Paulo, quando êle próprio não tinha emprêgo e sabia que sua mulher dispunha de ótima colocação e de um apartamento no Rio de Janeiro? 5 — Se êle era realmente um apaixonado pela espôsa, como justificar a sua atitude de morar em São Paulo, raramente comparecendo ao lar? 6 — Se Johann, antes e depois de casado, permitia constante «sinal aberto» para quantos quisessem desfrutar amôres com a sua espôsa, para que tanta dramatização de sua parte na presença do repórter do «O Globo», quando êste o entrevistou no hospital de Nova Iguaçu?

São perguntas que o povo faz e cuja resposta cabe tão sòmente às autoridades encarregadas de desvendar o mistério em tôrno da morte de Renée.



NO LEITO, O COR... P

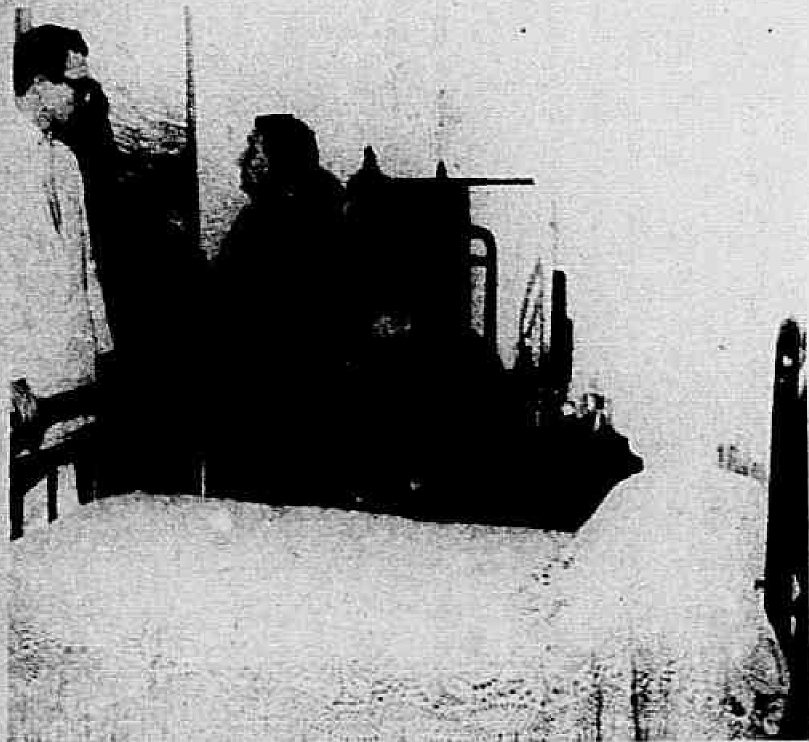
O ALIBI NÃO CONVENCE

O fato de Johann Beck estar internado num hospital no dia do crime, não parece sequer neutralizar a possibilidade de sua participação intelectual na morte de sua espôsa. Conforme conclusões da Polícia, o criminoso teria mantido relações íntimas com a sua vítima, momentos antes de exterminá-la. Daí suspeitar o público que Renée tenha sido morta por um seu amante e amigo do próprio Johann Beck, o qual, propositadamente, se encontrava guardando o leito de um hospital.

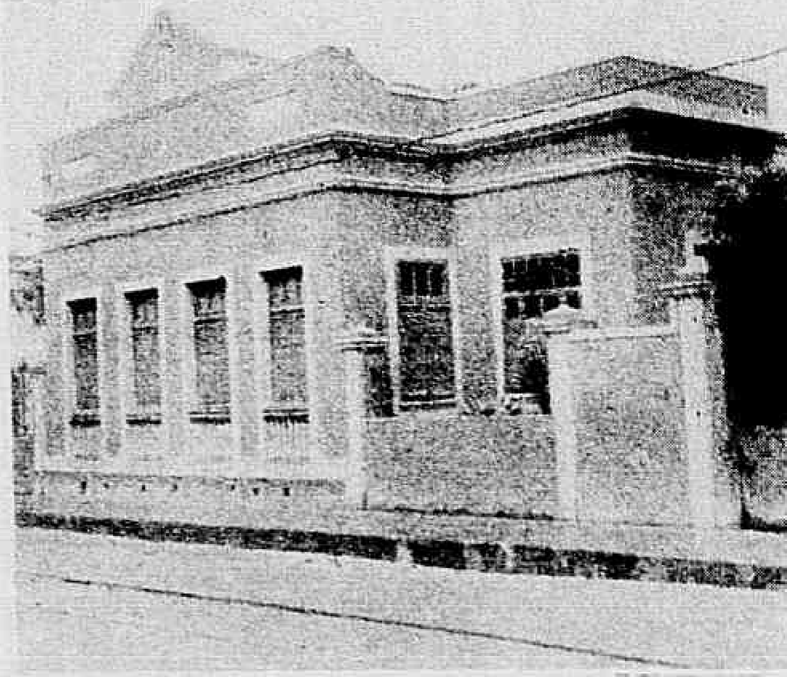
Por outro lado, correm também suposições de que o monstruoso e misterioso crime tenha sido praticado por uma quadrilha de italianos exploradores de mulheres ou, ainda, por uma organização de terroristas internacionais. Essa hipótese, porém, apresenta-se bastante remota.

SERIA UM PROTEGIDO POLÍTICO

Tendo sido inegàvelmente um tanto pôsto à margem pelas autoridades encarregadas de esclarecer o crime,



ERA ÊSTE O QUARTO em que Renée dormia quando visitava seus pais em Maceió. D. Beatrice mostra ao repórter um dos bibelôs predileto de Renée Aboab.



MACEIÓ, RUA MARECHAL HERMES, 117: Nesse casarão silencioso um coração materno (d. Beatrice) pede explicação e justiça para o assassinato (no Rio) de Renée.



PO SEMINU; NA VITROLA, UMA CANÇÃO DE AMOR

Johann Beck (marido da vítima) cedeu terreno a que a Polícia voltasse as suas vistas para numerosos suspeitos, os quais, mediante fortes alibis, conseguiram provar a sua absoluta inocência. Não queremos insinuar qualquer juízo temerário quanto à integridade do delegado Fernando Bastos Ribeiro, mas também não podemos deixar de registrar que aí fora muita gente afirma estar Johann Beck gozando da proteção de um destacado político de Nova Iguaçu. Essa impressão acentua-se sobremaneira quando se sabe da passividade de Johann diante do assassinato de sua espôsa e quando a própria imprensa noticiou que êste, logo após a morte da mesma, exigiu que as autoridades do 2º Ditsrito lhe entregassem a chave do apartamento 1009, pois queria ter livre acesso à referida habitação.

UM ÊRRO NÃO «LAVA» OUTRO

Em face do injustificável, covarde e revoltante espancamento sofrido pelo jornalista Nestor Moreira (repórter de «A Noite») nos corredores do 2º Distrito Policial, as autoridades daquela repartição resolveram deixar de lado as investigações (ineficientíssimas) que vinham efetuando para esclarecer o mistério que já agora pesa como cimento de túmulo sôbre o crime do Edifício Casanova. Essa desculpa é a mais «amarela» possível, porquanto perante o dever da Polícia e o rigor da Justiça nenhum crime poderá fazer com que outro seja esquecido, o que significaria a mesma coisa que dizer que um êrro lava outro. Se, no primeiro caso, a polícia demonstrou a sua incapacidade técnica, no segundo revelou tão sòmente a sua arbitrariedade pela fôrça e, conseqüentemente, desmoralizou a sua própria função como preservadora e garantidora das famílias e da sociedade. Quer dizer: qualquer crime horripilante e misterioso que seja praticado no Brasil, poderá, em seguida, ser «abafado» mediante o espancamento (pela Polícia) de um jornalista brasileiro.

E O DRAMA DA FAMÍLIA ABOAB?

Enquanto as autoridades do 2º Distrito Policial dispensam (por mera vaidade) a colaboração da Polícia Técnica para esclarecer o monstruoso crime praticado na pessoa de Renée Aboab, uma família digna e da maior importância continua experimentando o dissabor dos comentários mais desencontrados possíveis e sofrendo, abafada, a dor de não saber sequer quem foi o monstruoso e covarde matador de Renée. É preciso que se saiba que o sr. Luís Calheiros Júnior, cunhado da vítima, é pessoa que desfruta do maior prestígio, em Maceió, não sòmente por ser um dos diretores da Associação Comercial, tesoureiro da Sociedade Artística e da L.B.A. e, ainda, destacado prócer político — mas também por pertencer a uma das mais respeitadas e queridas famílias alagoanas. É sôbre gente dessa importância — já amargurada com as delações públicas feitas em tôrno da vida de Renée Aboab — que a Polícia, na sua costumeira e vezeira incapacidade, deixa pesar a impunidade do crime e a torturante ansiedade por saber quem foi que exterminou a vida de Renée Aboab Beck.

Assim sendo, a família brasileira não mais poderá confiar na perícia e no esfôrço da Polícia no Brasil. E os crimes misteriosos irão se sucedendo dia a dia, engrossando cada vez mais o noticiário das tragédias estampadas com destaque nas primeiras páginas dos jornais!

EM DEZ ANOS DUPLICARAM A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE AÇÚCAR

NOS quadros da economia brasileira a produção de açúcar tem se destacado pelo ritmo de seu crescimento, bastando citar que duplicou no último decênio, fato que não ocorreu com qualquer outra indústria de transformação. Assim é que, de 15.314.442 sacos produzidos em 1943-44, chegamos a a 30.802.208 sacos na safra 1952-53 e, indo mais longe, na safra 1953-54, prestes a expirar, será registrado um volume record, superior a 33 milhões de sacos, correspondente a 1.998.000 toneladas. Com isto, o Brasil ratifica sua posição de terceiro colocado entre os principais produtores de açúcar de cana, superado apenas por Cuba e pela Índia.

Ao evidenciar êstes números, observamos que um semelhante desenvolvimento tem se processado em conseqüência das crescentes solicitações do mercado interno. O consumo nacional que em 1943-44 fôra de 14.269.833, elevou-se em 1952-53 a 26.416.364 sacos e, na safra corrente, deverá ir além dos 30 milhões. O consumo médio «per capita», que em 1943-44 fôra da ordem de 26,3 kgs., já é superior a 35 kgs., com o que o brasileiro se incorpora entre os grupos populacionais de mais elevado consumo de açúcar.

O expressivo crescimento da produção e do consumo justifica alguns comentários esclarecedores.

Fatôres que mais de perto influíram na expansão do parque industrial e na ampliação do mercado interno ★ Produção de álcool, utilização do bagaço de cana para a indústria de papel ★ Assistência social e formação técnica ★ Política de preços

EXPANSÃO DA PRODUÇÃO E DO CONSUMO

Após um período de rigorosa contenção da produção, iniciado em 1932, com o objetivo de corrigir o ruinoso desequilíbrio que então se verificava entre a capacidade de produzir e as possibilidades de absorção do mercado interno, chegou-se ao estabelecimento do equilíbrio estatístico entre os dois fatôres — produção e consumo — precisamente quando a guerra, atingindo o país, impunha o racionamento e não oferecia condições para o reaparecimento do parque industrial.

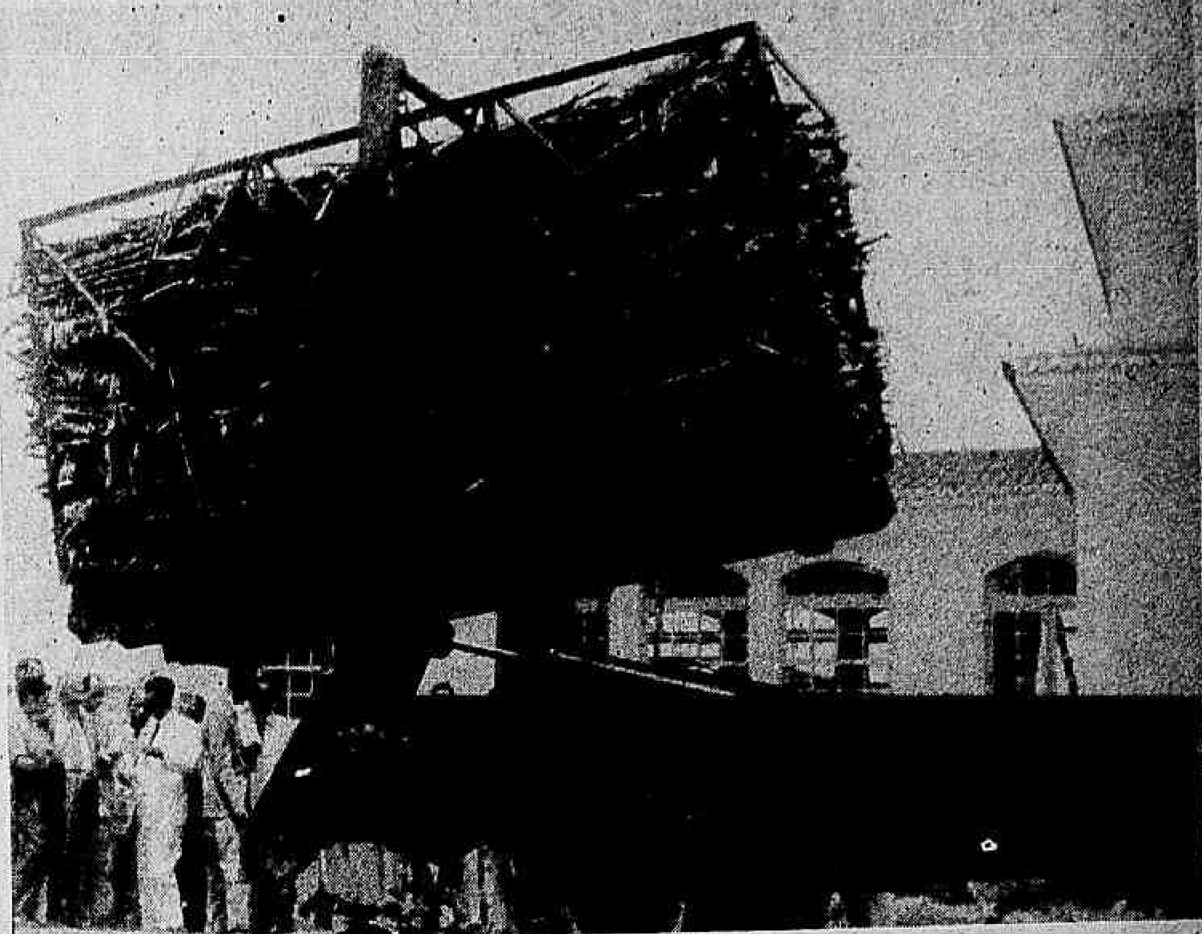
Com o término da guerra as emprêsas empreenderam planos de reaparelhamento, contando com o amparo financeiro tanto do Instituto do Açúcar e do Álcool quanto do Banco do Brasil.

As condições do mercado justificaram a criação, no país, de uma indústria de máquinas para a produção de açúcar. Dentro em pouco, reajustadas as condições agrícolas e industriais, pôde a produção entrar num regime de desenvolvimento. Em 1951 o Instituto procedeu ao exame dos limites de produção, deferindo às fábricas novos tetos, compatíveis com as exigências do mercado e as respectivas capacidades das fábricas, os quais deverão cobrir as exigências do consumo até a safra de 1956-57, após a qual se processará uma nova revisão.



CANA SENDO TRANSPORTADA EM CARRO DE BOI





Vista parcial da vila operária da Distilaria de Osório, no Rio Grande do Sul, de propriedade do I.A.A. Na foto à direita, vê-se a cana sendo transportada mecânicamente.

O limite nacional de produção é, no momento, da ordem de 37 milhões de sacos, dos quais 33.500.000 distribuídos, constituindo a diferença uma quota de segurança que poderá ser utilizada em caso de emergência. Enquanto isto, a capacidade das fábricas é de cêrca de 38 milhões de sacos, realizáveis em 150 dias efetivos de trabalho.

O crescimento do consumo, além daquela parcela devida ao próprio crescimento demográfico, tem sofrido a influência de outros fatôres de natureza econômica e social. Um dêles é a substituição dos tipos de açúcares baixos (banguê, rapadura, farofa, etc.), imposta pela melhoria das condições de vida tanto das populações urbanas quanto das rurais e, mais ainda, pelas condições mais favoráveis do sistema de transportes internos, sobretudo o rodoviário, que tem permitido a conquista de importantes mercados regionais.

Merece especial referência, no que toca ao consumo, o desenvolvimento do parque de indústrias de alimentação, tais como doces, refrigerantes, biscoitos, laticínios e outras.

INDÚSTRIA ALCOOLEIRA

Paralelamente à produção de açúcar, desenvolveu-se a de álcool, inicialmente com o emprêgo dos méis residuais como matéria prima e já hoje, em certas áreas, assumindo características de exploração de importância igual à do açúcar. Em 1944-45 foram produzidos 119.770.201 litros e na safra de 1953-54, a produção aproxima-se dos 270 milhões de litros.

Uma parte do álcool produzido — o anidro — é utilizado na mistura com a gasolina, representando uma expressiva economia de divisas para o país. Neste particular, o Brasil tem realizado grandes progressos de ordem técnica. Outra parte, a do álcool hidratado, é utilizado como matéria prima para diversas indústrias.

Graças ao incremento da produção alcooleira, formou-se no Brasil um conjunto de indústrias químicas, do éter à acetona e, mais recentemente, a que se ocupa das matérias primas necessárias à indústria de plásticos.

A álcool anidro representa cêrca de 48% e o hidratado, 52% da produção total. O parque alcooleiro nacional tem capacidade para 300 milhões de litros em 150 dias de trabalho efetivo e está sendo ràpidamente ampliado. Êle desempenha um papel fundamental no equilíbrio estatístico produção-consumo de açúcar, de vez que permite o desvio dos excessos de matéria prima da fabricação de açúcar para a de álcool e vice-versa, conforme o recomende a conjuntura do importante complexo econômico. Como há paridade de preço entre os dois produtos, não há qualquer prejuízo para os produtores, nem tão pouco é possível a competência entre os dois tipos de produção.

Desde 1953 o Instituto do Açúcar e do Álcool vem realizando um programa com o objetivo de utilizar a produção de aguardente na transformação em álcool anidro, para mistura carburante. Para tanto, além de assegurar condições especiais à indústria aguardenteira, a Autarquia está montando uma rêde de instalações desidratadoras em todo o país, nas zonas de maior concentração de fábricas de aguardente.

Com a execução de seu plano de assistência à aguardente, o Instituto está fomentando o aprimoramento da sua produção, mediante assistência técnica e financeira aos produtores.

PAPEL DE BAGAÇO DE CANA

Examinando recentemente uma exposição relativa a preços de açúcar, o Presidente da República teve oportunidade de salientar que só o melhor aproveitamento da matéria prima permitirá rendimentos econômicos normais aos produtores, êstes mais positivos que os decorrentes de frequentes revisões de preço.

Nos últimos anos, graças à melhoria das condições técnicas das fábricas e à racionalização do trabalho agrícola, pelo maior emprêgo da mecanização e de fertilizantes e pelo uso de variedades de rico teor, tem-se verificado sensível melhoria nos rendimntos das fábricas. Alguns empreendimentos têm surgido no sentido de permitir obter maiores utilidades da matéria prima. Dentre êstes, cumpre destacar o emprêgo do bagaço de cana como matéria prima para fábricas de celulose e papel.

Assim é que, por iniciativa privada, já está funcionando em Piracicaba, no Estado de São Paulo, uma moderna fábrica de celulose e papel, com excelentes resultados. Sua produção, superior a 10.000 toneladas por ano, deverá dentro em breve atingir a escala das 30.000 toneladas. Uma outra fábrica será instalada em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, estando constituída a respectiva sociedade. Enquanto isto, estão em estado bastante adiantado os estudos para uma terceira, que deverá surgir no município do Cabo, em Pernambuco.

O Brasil é um dos países pioneiros neste tipo de indústria. Outras fábricas semelhantes estão funcionando, com pleno êxito, nas Filipinas, na Índia e no Peru.

ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCAÇÃO

A política açucareira não tem perdido de vista os milhares de trabalhadores que militam nas lavouras de cana e nas fábricas de açúcar e álcool. Através de cooperativas tem fomentado a construção e instalação de hospitais e ambulatórios, destacando-se neste campo o que tem sido realizado nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

Recentemente, lançou um plano de escolas rurais para formação de profissionais especializados nos diversos ramos reclamados pela indústria açucareira. Estão em curso as primeiras construções, que serão núcleos de trabalho completos, envolvendo desde a formação intelectual até a profissional, na lavoura e na indústria. Junto a cada escola funcionará uma usina pilôto, reunindo o que de mais moderno existe.

Ampliando o seu campo de ação, depois de um longo período de observação e experimentação, o Instituto do Açúcar e do Álcool está realizando um trabalho de valor inestimável, criando uma base onde a tradição econômico-social da cana do açúcar, criada desde o século do descobrimento, poderá se transformar e dinamizar, pela formação de sólida consciência técnica-profissional e sócio-econômica.

POLÍTICA DE PREÇOS

Nos quadros da economia brasileira, o açucar tem sido o produto em que os aumentos de preço têm sido feitos a mais largo prazo, determinados sempre pelo conhecimento seguro da elevação dos seus custos de produção.

Cada ano, após o término da safra, procede-se a um rigoroso inquérito de custo, com base em levantamentos contábeis devidamente comprovados. Para que isto se tornasse possível, foi necessário o Instituto do Açúcar e do Álcool dar cumprimento ao Estatuto da Lavoura Canavieira, no ponto em que êste diploma legal recomenda a padronização da contabilidade das usinas de açúcar.

O que se tem verificado, ao longo dos sucessivos inquéritos, é que uma série de fatôres que fogem ao contrôle do Instituto impõem modificações de níveis dos preços, sob pena de se impor ao complexo agro-industrial da cana de açúcar os ônus de uma descapitalização forçada.

Materiais, equipamentos, matéria prima, salários, impostos e taxas, transportes, têm tido seus custos aumentados de safra a safra numa escala impossível de ser contida dentro das margens normais da exploração agrícola e industrial.

Êste, aliás, é o problema com que se defronta no momento a economia açucareira. Os preços fixados em dezembro de 1951, há mais de dois anos, estão inteiramente superados e já não bastam à cobertura dos custos elevados, sendo de considerar, mais ainda, o aumento do salário mínimo que deverá entrar em vigor em julho, em começos da safra 1954-55.

Produtores de vários Estados têm-se dirigido ao Presidente da República, aos Ministros da Agricultura e da Fazenda, bem como ao Instituto do Açúcar e do Álcool solicitando as providências cabíveis no caso. A manutenção dos preços atuais será, sem dúvida, medida perigosa de vez que poderá concorrer para o desestímulo e conseqüente redução da produção, precisamente quando é mais patente o desenvolvimento do consumo.

A providência, no caso, será o reexame dos preços com base nos últimos custos apurados, admitindo-se uma parcela suficiente para a cobertura do aumento do salário mínimo.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



Beleza!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua

HIGIENE ÍNTIMA

ADSTRINGENTE

ANTISSÉTICO

BACTERICIDA

COISAS E GRAÇAS DE SÃO PAULO



Randal Juliano

● **OS CAVALINHOS** — Andre Sulfetti, o Broa, e outros beneméritos, achavam que não era justo que certos cavalos nem uma só vez ganhassem em Cidade Jardim. E passaram a administrar-lhes os pòzinhos necessários para que tivessem uma chance. Mas os dirigentes do Jóquei é que não quiseram saber dessas igualdades e chamaram os gendarmes. Um dêstes disfarçou-se em cavalariço, descobriu tudo e agora... voltou a gloriosa incerteza ao esporte.

● **INFERNINHOS** — A polívia vem fechando numerosos bares, ,ditos de «Inferninhos», onde não só se discute o 3º pecado mortal (o que não tem tanto mal assim) como êle é praticado (discretamente) nos fundos.

● **A VOZ** — A REVISTA DA SEMANA está apresentando pela Record, na voz do narrador Randal Juliano, um «trailer» de cada número novo. As quartas-feiras, às 17,15. Um sucesso.

● **O ÊXODO** — Imigrantes italianos vêm fugindo de Pedrinhas, queixando-se das condições de trabalho. A grupcs já refugiados em São Paulo (aguardando um bem duvidoso repatriamento) juntaram-se agora mais quarenta pessoas que buscaram refúgio, como nos tempos medievais, no adro da Igreja da Paz.

● MILAGRES — Enquanto o senhor Hugo Borghi dá a sua palavra de honra de que, se fôr eleito governador em outubro, tomará posse do cargo em janeiro com as dívidas tôdas pagas, o candidato Nilo Amaral é transformado em água pelo prefeito de Birigui que, num delírito de retórico, declarou ao professor Garcez: — «O Nilo, para nós, é sagrado!»

● **MODAS** — Duas princesas japonêsas propõem-se destronar Fath e Dior. Para isso, vieram do Japão com modelcs mil e asseguram a todo o mundo: — «O estilo que vai vencer é o japonês».

● **SUBTERRANEOS DA LIBERDADE** — Apareceram agora em São Paulo e são a primeira parte dos «Muros de Pedra». Clóvis Graciano desenhou a capa para êste novo livro de Jorge Amado. Comentadíssimo.

● **VESTAIS** — Um «dancing» da capital, que tem o nome paganíssimo de «Eros» anuncia como atração: «40 vestais, num ambiente de franca camaradagem, familiar e de respeito».

● **AGITADORES** — O espanhol Cesáreo Gonzalez, que foi internacional de futebol antes de dedicar-se ao cinema (58 filmes já produzidos) propõe-se agitar o cinema nacional com mulheres espetaculares e dólares legítimos e «al contado». Para os que preferem as balzaqueanas, traz a Maria Felix. E para os que são dos «brotos», a vivaz Maruja Asquerino. E para todos nós, sem distinção de preferências, traz enfartos de miocárdio. O primeiro filme será sôbre a Bahia, talvez com música de Caymmi, mas de certeza «morboso y sensual».

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

Endereço telegráfico:

Windsorhotel

SÃO PAULO



QUÊDA DOS CABELOS

Calvície precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE

INSUPERÁVEL

Há cinqüenta anos

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ....

NOME..

RUA.................................... Nº.......

CIDADE......................................

ESTADO......................................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



Natália Timberg e Ribeiro Fortes vivem, na nova peça de Nelson Rodrigues, um casal sôbre o qual se desencadearam, violentas e incontroláveis, tôdas as paixões humanas.

NELSON RODRIGUES NO PALCO POLÊMICA NA PLATÉIA



Em «Senhora dos Afogados», Nelson Rodrigues leva avante mais um capítulo de seu teatro revolucionário e polêmico. Durante meses seguidos a peça lutou corpo a corpo com a censura. E venceu.

O AUTOR MAIS DISCUTIDO DO BRASIL (ANALFABETO PARA UNS E GÊNIO PARA OUTROS) APRESENTA A SUA MAIS RECENTE CRIAÇÃO: «SENHORA DOS AFOGADOS» ★ NESTAS PÁGINAS: A PEÇA COMO ELA É.

Reportágem de FRANCISCO RIBEIRO Fotos de ARNALDO VIEIRA

TUDO indica que a representação de «Senhora dos Afogados», pela Dramática Nacional, constituirá o acontecimento teatral do ano. Trata-se de uma peça — considerada a maior de Nelson Rodrigues — que rompe violentamente com tôda a nossa tradição dramática. Nenhuma transigência, nenhuma concessão. O autor empreende a sua experiência teatral mais violenta e extrema, em todos os sentidos: plástico, poético e dramático. É o teatro de vanguarda levado às suas últimas conseqüências.

DESTINO DE «SENHORA DOS AFOGADOS»

Vale a pena resumir, às vésperas da estréia, o destino de «Senhora dos Afogados». Via de regra, a história de uma peça começa no palco,

Nelson Rodrigues...

HÁ SEMPRE UM DRAMA EM CADA PERSONAGEM DE NELSON RODRIGUES



D. Eduarda para Moema: «Estar com você é a pior maneira de estar sòzinha». (1º quadro, 1º Ato).



D. Eduarda para Paulo (Carlos Melo): «Eu não farei nada que uma espôsa possa fazer»... (1º quadro, 1º Ato).



Misael para o noivo e d. Eduarda. «Eu, velho, encarquilhado, e êle, quase um menino, cheirando a mar»... (3º quadro, 2º Ato).



Misael (Ribeiro Fortes) para d. Eduarda (Natália Timberg): «Sempre fôste minha nas trevas»... (3º quadro, 2º Ato).



D. Eduarda (Natália Timberg) para o noivo (Narto Lanza): «Mostra os nomes... Os nomes escritos no teu corpo»... (3º quadro, 3º Ato).



Misael para Moema: «Só tens em ti — ódio!» (4º quadro, 2º Ato).

a partir do momento em que ela começa a viver em têrmos cênicos. «Senhora dos Afogados», não. Antes da encenação, suscita debates, tem seus apologistas, seus detratores. Durante anos, andou, de porta em porta. Mas os empresários a refugavam por uma série de razões consideráveis. Primeiro, a peça exigia um batalhão de intérpretes: nada menos de 30! Segundo, sugeria problemas de cenários, quase insolúveis, sem contar os efeitos de luz e de som. Por último, a tragédia, em si mesma, tinha algo de áspero, de intratável, de brutal; usava e desenvolvia um tema, que a nossa experiência não conhecia. Recusada por tôda a parte, «Senhora dos Afogados» parecia condenada.

A DRAMÁTICA NACIONAL

Foi preciso que surgisse a Companhia Dramática Nacional, disposta a grandes realizações cênicas. Seu criador, Aldo Calvert, lê a tragédia de Nelson Rodrigues. As dificuldades de montagem, que assombraram os outros, apaixonam êste idealista do nosso teatro. Sente que o texto de Nelson Rodrigues pode trazer, para o obstinado repertório nacional, um impacto criador, conferindo ao nosso drama uma nova dimensão. Mas onde encontrar um diretor brasileiro — a companhia só admite valores nacionais — com as necessárias virtudes de imaginação, sensibilidade e cultura? Foi convidada, então, Bibi Ferreira.

JOVEM DIRETORA

No momento em que Bibi Ferreira recebeu o convite, acabara a sua temporada em S. Paulo e vinha para o Rio. Ao aparecer no Serviço Nacional de Teatro, para conversar com o sr. Aldo Calvert, sua jovem imagem não admitiu dúvidas: o casaco próprio, o sapato baixo, tudo enfim indicava a visita não muito longínqua da cegonha. Seu primeiro impulso foi, assim, o da recusa; já começava a fazer, em casa, os sapatinhos de lã. Todavia, quis ler a tragédia que Jean Louis Barrault consagrara com palavras de ardente admiração. No dia seguinte, bate o telefone para a Dramática: apaixonara-se pela peça, queria dirigi-la, embora o enorme sacrifício que a encenação exigiria.

NASCE UM ESPETÁCULO

Todos os valores técnicos e artísticos da Dramática Nacional foram contratados para a realização de «Senhora dos Afogados». Bibi passou a trabalhar com o seguinte elenco: Moema (Sônia Oiticica), D. Eduarda (Natália Timberg), Misael (Ribeiro Fortes), Noivo (Narto Lanza), Paulo (Carlos Melo), Sabiá (Ferreira Maia), Avó (Wanda Marchetti), Vizinhos: Elísio de Albuquerque, Celme Silva, Valdir de Abreu, Vendedor de Pentes (José Magalhães Graça). Santa Rosa, diretor artístico da Dramática Nacional, incumbiu-se dos figurinos e dos cenários.

O AUTOR

Diz-se, e com razão, que Nelson Rodrigues é nosso autor dramático mais discutido. Diante dêle, com efeito, é quase impossível uma atitude de pura isenção, de simples objetividade. É negado e exaltado com a mesma ferocidade. A seu respeito, escreve o sr. Manuel Bandeira: «É, de longe, o maior poeta dramático de nossa literatura». Para o sr. Oswald de Andrade, não passa de um «analfabeto coroado de louros». Já o sociólogo Gilberto Freire aponta-o «como o primeiro dramaturgo brasileiro de importância». Prudente de Morais Neto acha que a obra de Nelson Rodrigues tem, para o teatro brasileiro, a mesma importância que Portinari para a pintura, Niemayer para a arquitetura, Vila Lôbos para a música. O sr. Gustavo Corção concorda com o sr. Oswald de Andrade. Menotti Del Picchia, José Geraldo Vieira, Roberto Brandão, Accioly Netto proclamam Nelson Rodrigues «O maior autor dramático brasileiro de todos os tempos». Seja como fôr, «Senhora dos Afogados» não fugirá ao clima polêmico, dentro do qual vive o seu autor.



TRÊS VIZINHOS (Celme Silva, Elisio de Albuquerque e Walter) com o Vendedor de Pentes (Magalhães Graça).

EXTRA!



CHURCHILL



"ÊLE É METADE "TORY" E METADE PETER-PAN"



Beirando já os oitenta anos, Winston Spencer Churchill ainda é o político de maior influência na Grã-Bretanha. Mas as suas energias declinam visìvelmente. A História falará dêle como a personalidade, depois de Disraeli, que mais crises enfrentou e venceu no comando da política inglêsa.

Em 1944, armado do seu legítimo uísque escocês, êle enfrentou num banquete, e na presença de Roosevelt, um furibundo Stalin encastelado por detrás de uma poderosa casamata de copos de «vodka» ★ Ao longo de mais de meio século de lutas políticas, vitórias e derrotas marcaram o destino de Churchill.

LONDRES, maio

OS primeiros boatos a propósito da retirada de Churchill das lides políticas começaram a circular seis meses atrás, quando o «premier» britânico começou a mostrar sérios sintom .s de cansaço e atonia. Mas foi o próprio Churchill, em memorável discurso pronunciado na Câmara dos Comuns, quem tomou a iniciativa de desmentir aquêles rumores. «Sou um soldado, e o soldado morre na trincheira», disse êle.

Mas o fato é que a retirada é mesmo para já. Em conversa com Bidault, em Genebra, (e quem faz essa sensacional revelação é um dos jornais mais sérios da Inglaterra, o «Daily News») Eden teria informado sôbre a determinação de Churchill de encerrar, ainda êste ano, a sua agitada e longa carreira política. As s.:as energias chegam ao fim, e por mais que o seu «tonus» vital cotinue em ebulição, os equivalentes físicos que poderiam sustentá-lo gastam inapelàvelmente as suas últimas reservas.

‹O PETER-PAN DA POLITICA"

Em tôda a história britânica desta metade de século, a presença de Churchill se faz notar, presença que se acentua precisamente nos instantes em que a Grã-Bretanha, em 1914, em 1939 ou, na degringolada do império no após guerra, vive os seus instantes mais dramáticos. O que caracteriza a atuação política de Churchill é precisamente os seus altos e baixos. Em 1915, após o sério desastre sofrido pela

L abandona a arena

HISTÓRIAS FASCINANTES NO ÁLBUM DE FAMÍLIA DE CHURCHILL













Ao alto, à esquerda, Winston Churchill aos 5 anos de idade; ao alto, no centro, aos 13 anos, êle foi o último de sua turma, em Harrow; à direita (ao alto), no seu uniforme de Correspondente na Guerra dos Boers (êle escrevia para o «Morning Post»); ao centro, à esquerda: numa foto de 1912 (êle era Primeiro Lord do Almirantado) Churchill cavalga ao lado de sua mulher, «né» Clementine Hozier, e do seu filho Randolph; à direita: em 1908, logo após o seu casamento, Churchill assumiu a direção do «Board of Trade»; em baixo: uma foto de 1895, quando, oficial dos Hussards, Churchill participou, ao lado dos espanhóis, da guerra de Cuba, que acabou com a vitória dos norte-americanos.



HITLER: "A FÔRÇA SERÁ O SEU FIM"...

frota britânica frente aos alemães, o Primeiro Lord do Almirantado Winston Churchill parecia ter deixado o cenário político para sempre. Mas poucos anos depois vemo-lo novamente como membro do gabinete; e o homem **fracassado** de 1915 foi o mesmo que, nos terríveis anos da guerra, quando tudo parecia perdido, soube conduzir o seu povo a uma vitória retumbante. Os inglêses costumam chamá-lo de o «Peter-Pan da política».

O «TORY» SABE SER REVOLUCIONARIO

Por diversas vêzes êsse Peter-Pan «tory» e ainda arraigado a idéias atrasadíssimas tem liderado ousadas manifestações políticas. Anticomunista por natureza e por formação, foi êle, em 1939, quem mais se bateu por um acôrdo entre as democracias e a Rússia de Stalin. E, voltando ao poder, em 1950, não revogou nenhuma das medidas «revolucionárias» tomadas pelo govêrno anterior do trabalhista Attlee.

O Peter-Pan é, também, um homem impetuoso. Basta ler o livro em que Elliot Roosevelt, filho do presidente norte-americano, conta como decorreram os contactos de Churchill com Stalin, na Conferência de Ialta. Eram debates acalorados de fim de banquete, quando ambos, devidamente bem bebidos, deixavam as saudações formais e os brindes polidos para resvalarem para o terreno da mais acesa descompostura. Conta Elliot Roosevelt que, não fôra a interferência apaziguadora do presidente Roosevelt, uma daquelas discussões teria acabado num desfôrço pessoal de sérias conseqüências.

CINQÜENTA ANOS DE LUTA

Winston Leonard Spencer Churchill nasceu em 1874, de família aristocrática. Estudou em Harrow e, depois, em Sandhurst. Entrou para o Exército em 1895 e quando explodiu a guerra dos Boers, que demorou de 1899 a 1902 (e foi uma das mais sangrentas já registradas pela História), seguiu para a Africa do Sul como correspondente especial do «Morning Post». Mas, no teatro de guerra, o jornalista virou soldado, e Churchill acabou participando de várias proezas militares — até que, numa delas, foi feito prisioneiro. Levado para a cidade do Cabo, conseguiu escapar, reunindo-se novamente aos exércitos britânicos.

Terminada a guerra, entrou de rijo na política, mas o caloroso «tory» de mais tarde começou militando nas fileiras do Partido Liberal, no qual se inscreveu em 1904. Seis anos depois, já era Secretário do Interior; e, no ano seguinte, era feito Primeiro Lord do Almirantado e recebia uma incumbência séria e grave: a de preparar a frota britânica para a guerra, que se aproximava. Mas, em 1915, depois de um sério revés marítimo por parte da Inglaterra, Churchill passa maus momentos, é demitido do Almirantado e vira novamente soldado. Luta no «front» Ocidental, em 16 e 17, quando é nomeado Secretário das Munições e, mais tarde, Secretário da Guerra e ministro do Ar.

OUTRAS DATAS DE CHURCHILL

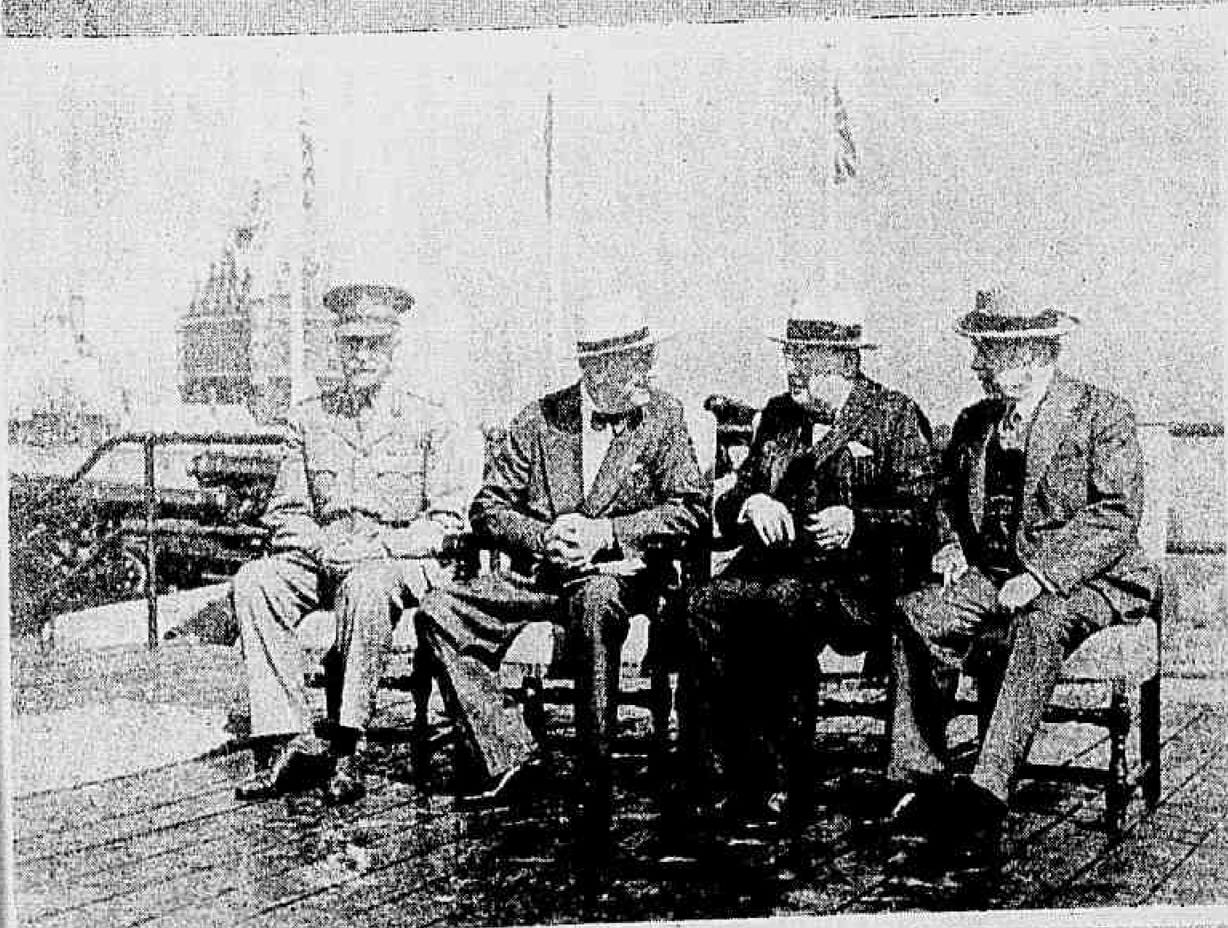
1921 — secretário das Colônias; 1925 — chanceler do Tesouro, no primeiro gabinete de Baldwin; 1926 — polêmica com Bernard Shaw; 1929 — publicação do primeiro volume de sua «História de Malborough» (hoje tida como um dos «clássicos» da literatura inglêsa contemporânea).

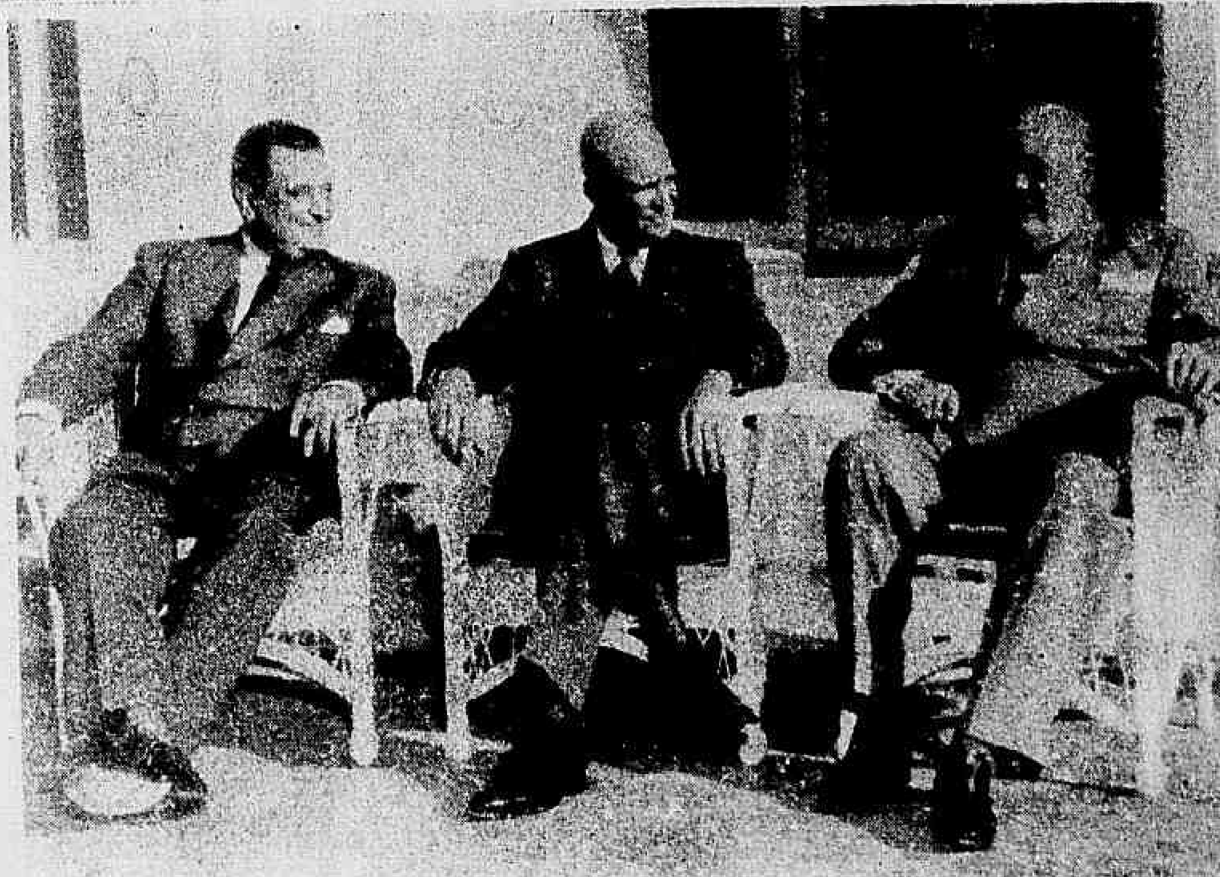
Quando Hitler subiu ao poder, Churchill pressentiu o terrível perigo que se alçava nos horizontes germânicos: foi, desde o comêço, contra tôda e qualquer política de apaziguamento; condenou veementemente Munich; e ficaram famosos os ardorosos discursos com os quais, na Câmara dos Comuns, atacou frontalmente a política





EM 1941, no mais aceso da «Batalha de Londres», êle negou-se a deixar Downing Street 10; e em 1944, em Moscou, o «tory» conservador e «imperialista» surpreendeu Stalin, em Moscou, vestido num «macacão» mais modesto que a sóbria blusa do ditador soviético.





NA CONFERÊNCIA EM QUEBEC: estava decidida a invasão da África. À direita: Churchill, Eisenhower e Laniel na recente Conferência das Bermudas. Não houve entendimento a respeito dos problemas atômicos, e Laniel saiu agastado com o «premier» britânico.

Churchill...



"As batalhas mais árduas são as disputas eleitorais

hesitante e medrosa de Chamberlain. O resto é história de ontem. A guerra leva-o ao poder, em 1940; e a paz alija-o, em 45, numa dessas maduras manifestações da política inglêsa que sòmente êles, os britânicos, sabem provocar.

O primeiro encontro de Churchill com Roosevelt, em agôsto de 1941, seria decisivo para os rumos da Humanidade: os Estados Unidos, naquela histórica conferência, marcaram definitivamente sua posição ao lado das democracias, posição que o ataque a Pearl Harbour veria apenas precipitar. A Carta do Atlântico nasceu dêsse encontro. Em 1942, era a vez do «tory» Churchill apertar a mão do camarada Stalin — êsse mesmo Stalin contra quem êle, Churchill, escrevera duras palavras de crítica no seu livro «Grandes Figuras Contemporâneas».

SIR CHURCHILL

De lá para cá, a história é coisa dos nossos dias. Vemos Churchill anunciar na Câmara dos Comuns, em tom triunfal, a vitória das fôrças aliadas contra o totalitarismo nazi-fascista; mas vemo-lo, igualmente, ser vencido inesperadamente nas primeiras eleições que enfrentou no após guerra. A sua volta ao poder, em 1950, parecia um protesto contra as vacilações da política trabalhista — mas o eleitorado que repôs o «tory» no poder advertiu-o de que as reformas de Attlee não deveriam ser postas abaixo. Churchill, conservador, soube respeitar o «statu quo» trabalhista.

Poucos dias antes da Coroação de Elizabeth II, Winston Leonard Spencer Churchill recebia, finalmente, o galardão com o qual sempre sonhara: as insignias do grau maior da Ordem da Jareteira. Automàticamente, mr. Churchill passava a «sir Winston Churchill — e a primeira vez que êle, ostentando o seu novo título, apareceu na Câmara dos Comuns, foi recebido de pé por todos os pares, conservadores e trabalhistas, e, de lágrimas nos olhos, escutou durante minutos inteiros a mais retumbante salva de palmas já ouvida entre aquelas vetustas e históricas paredes.



1941: Churchill visita as defesas da costa inglêsa.



1948: Em uniforme militar, assistindo a uma parada.



1954: Com Lady Churchill, na coroação de Elizabeth.

ROSEDÁ NO MAPA DO CRIME

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 31)

TERMINOU a oração com estas palavras: «As leis da Igreja proibem-me revelar o nome do criminoso; espero, porém, convencê-lo, do Senhor, a denunciar-se à polícia».

Jamais supôs o modesto padre Ricardo que suas declarações provocassem tanta comoção. Os falcões da imprensa de São Paulo e do Rio voaram céleres para Rosedá, até então um tímido ponto no mapa geográfico do Estado. Pousaram na casa paroquial e promoveram revoadas espalhafatosas sôbre a vida bucólica do vilarejo. Além do sensacionalismo das reportagens, os jornalistas deram início a sedutora polêmica: devia ou não o padre Ricardo revelar o nome do criminoso? Periodistas católicos apoiavam-se nas normas do direito canônico, e defendiam o respeito ao sigilo da confissão. Outros, livres do compromisso religioso, pugnavam pela denúncia; tratava-se, diziam, de um dever legal, cujo descumprimento sujeitaria o vigário a sanções criminais. Terceiros, com certa malícia, entendiam que o pároco resolveria o problema se deixasse a batina por um dia, transmitisse o nome do assassino à polícia e, em seguida, retornasse ao aprisco de Jesus...

Coitado do padre Ricardo! Envolvido, de repente, no jôgo público do crime de Rosedá; batido rudemente pela dúvida; atordoado pelas solicitações da polícia, da imprensa, e pelas recomendações da Casa Episcopal! Mais aflito ainda ficou o vigário, quando o tribunal confirmou a decisão do júri. E, acima de tudo, devia estar atemorizado: a polícia aconselhara a maior cautela nos seus passos, pois o criminoso poderia tentar eliminá-lo, com o intuito de destruir a única fonte de informação.

Padre Ricardo, no entanto, não foi cauteloso.

Que fazia o conturbado vigário, noite alta, nas margens do rio Paraíba, onde seu corpo foi encontrado? Disseram alguns que buscava inspiração divina, contemplando os cristais tremulantes no céu escuro ou esperando que os arbustos ribeirinhos ardessem como a sarça do monte de Horeb. Afirmaram outros que fôra encontrar-se com o criminoso para alcançar-lhe a confissão pública. Se assim foi, o assassino resolvera não só não falar, mas também emudecer para sempre o vigário.

Patenteou-se a inocência do japonês que, mais amarelo do que nunca, pôde voltar aos seus verdes arrozais. Não falara o padre, mas os projéteis falaram por êle: os laboratórios da Polícia Técnica de São Paulo concluíram que a bala encontrada nas costas do vigário, depois de varar-lhe o coração, provinha do mesmo revólver usado para matar Mascigrande.

Agora estavam todos juntos — Rosedá, a polícia, a imprensa — na caça do misterioso assassino, cujas balas certeiras haviam reduzido a já modesta população da cidade. Despontaram logo as primeiras rusgas entre os aliados: povo e imprensa contra a polícia, acusada de incompetência nas averiguações.

As coisas estavam nesse pé, quando um automóvel prêto parou defronte à Delegacia de Rosedá. Surgiu a cabeleira grisalha, amotinada pelo vento da estrada, contrastando com o rosto e os olhos ainda jovens. O homem ficou de pé na calçada e estendeu a vista pela rua desguarnecida de gente, pela humildade do casario dissimulada em côres brandas, pelas mangueiras atarracadas do largo nadando em sol.

— Esta cidade não merecia crimes tão misteriosos.

Entrou o velho Leite na Delegacia, seguido de dois auxiliares, para receber exultante acolhida do jovem delegado, que via na chegada do mestre o fim de suas atribulações. Como o dr. Leite conhecesse o caso, explicou-lhe, apenas, os pormenores do último acontecimento: a morte do padre Ricardo.

— Barqueiros que moram perto do Pôrto Novo ouviram um disparo. Saíram para ver o que era e, logo adiante, encontraram o corpo do vigário estendido sôbre o gramado, na barranca do rio. O tiro foi desfechado à queima-roupa. Como não havia sinal de luta, deduz-se que o criminoso estaria conversando com padre Ricardo ou que dêle se aproximara com naturalidade. Os barqueiros, em seu vaivém afobado, apagaram os rastros que deveriam existir. Do criminoso, dr. Leite, só sabemos que é muito católico: pediu para si a absolvição sacramental e parece ter dado absolvição ao vigário morto, aspergindo-lhe água benta sôbre o peito.

— Porque é que você diz isso?

— A batina do vigário estava respingada de água.

O velho Leite pôs-se a andar pela sala, como sempre fazia, quando acossava os silogismos. Gesticulava, como de hábito, sem proferir palavra, impondo, com sua mímica teatral, espectante silêncio. De repente gritou:

— A água benta! Os pingos d'água!

O delegado de Rosedá espantou-se com essa imoderada manifestação e, mais ainda, quando o velho Leite saiu apressadamente, escoltado por seus auxiliares, a quem deu duas ou três ordens sêcas e rápidas. Foi encarregado de procurar o promotor público e de levá-lo à barranca do rio, no sítio em que os barqueiros encontraram o corpo do padre Ricardo. Quinze minutos depois, achavam-se todos reunidos na margem do Paraíba, que corria satisfeito pelas sinuosidades verdes da planície.

O velho Leite tomou a palavra:

— O vigário apurou que Mascigrande, além de explorar os sitiantes, furtava-o nas contas dos empréstimos. Percebeu, ainda, desconfiarem terceiros de suas verdadeiras relações com o italiano que, evidentemente, começava a falar demais. Teve, por isso, longa e agitada conferência com o sócio, na noite do crime: Tanaka esperou até uma hora da madrugada para encontrar-se com Mascigrande. Quando o italiano deixou a residência paroquial, padre Ricardo saiu pelos fundos e foi esperar sua passagem pelo portão do pomar. Sobrava-lhe tempo, porque Mascigrande deveria contornar a rua para atingir a praça. Ao vê-lo acercar-se do portão, o vigário fêz os disparos. Eliminou, assim, quem poderia provar a sua agiotagem.

Com incredulidade e reprovação reagiram os presentes.

O velho Leite prosseguiu, sereno:

— Padre Ricardo não contava — nem podia contar — com o plano de Toshio Tanaka e com a chegada do jipe. Silenciou até o julgamento do japonês. Se o advogado de São Paulo o libertasse, o crime continuaria encoberto. Mas, ante o resultado contrário, imaginou influir no julgamento da apelação e fêz as declarações que todos conhecem, sem jamais supor a desmedida repercussão das próprias palavras. Seus padecimentos aumentaram com a sentença fatal: os juízes confirmaram a condenação. Acuado pelo destino, padre Ricardo sentiu que não possuía fôrças para confessar o delito, enfrentar o processo criminal, comprometer a Igreja e o nome de sua família. A solução, portanto, era matar-se, mas fazê-lo de forma a que pensassem ter sido assassinado. Com êsse plano demonstraria a inocência de Tanaka, por fôrça da identidade dos projéteis, e seria, até, considerado exemplo de disciplina religiosa. Padre Ricardo saiu a horas tardias e veio para êste lugar. Aqui suicidou-se, deixando a impressão de que fora assassinado pelo matador de Mascigrande.

O delegado de Rosedá interveio, pressuroso:

— Dr. Leite: a versão seria plenamente admissível se acompanhada de alguma prova concludente. Que fêz padre Ricardo para livrar-se do revólver? Êle teve morte instântanea, como o senhor sabe. Por outro lado, os barqueiros não encontraram a arma perto do corpo. Ou melhor: em lugar nenhum.

— Penso que o revólver deve estar no fundo do rio. Padre Ricardo não precisaria afastar-se tanto da cidade para realizar seu plano. Se o fêz, pretendeu com certeza utilizar-se das águas do Paraíba.

O velho deu ordem ao barqueiro, trazido por um de seus auxiliares, para mergulhar. Na segunda tentativa, o homem trouxe um revólver na mão, do qual pendia um fio, entregando-o ao dr. Leite. Obedecendo a nova instrução, mergulhou outra vez, acompanhando a direção do fio. Surgiu com uma pedra, que depositou no barranco.

— Aqui está o engenho de padre Ricardo. Amarrou nas pontas distantes de um elástico o revólver e uma pedra. Lançou a pedra no rio, retendo a arma. Em seguida, afastou-se um pouco da margem para esticar o elástico, disparou contra o peito e caiu morto. O elástico levou o revólver para o fundo do rio.

Virou-se para o jovem delegado e disse:

— Se você não visse os pingos dágua na batina, a polícia estaria perdida. Jamais descobriria um criminoso no «outro mundo»...



NOVA GUERRA NO PARÁ



Após o «quebra-quebra», mais de vinte feridos foram levados para o hospital. E Belém virou praça sitiada.

EM MENOS DE QUINZE DIAS, A CAPITAL PARAENSE FOI SACUDIDA PELA SEGUNDA VEZ POR UMA EXPLOSÃO POPULAR QUE A POLÍCIA NÃO CONSEGUIU VENCER ★ MOTIVO: O AUMENTO DAS PASSAGENS DOS ÔNIBUS.

Reportagem de PERI AUGUSTO

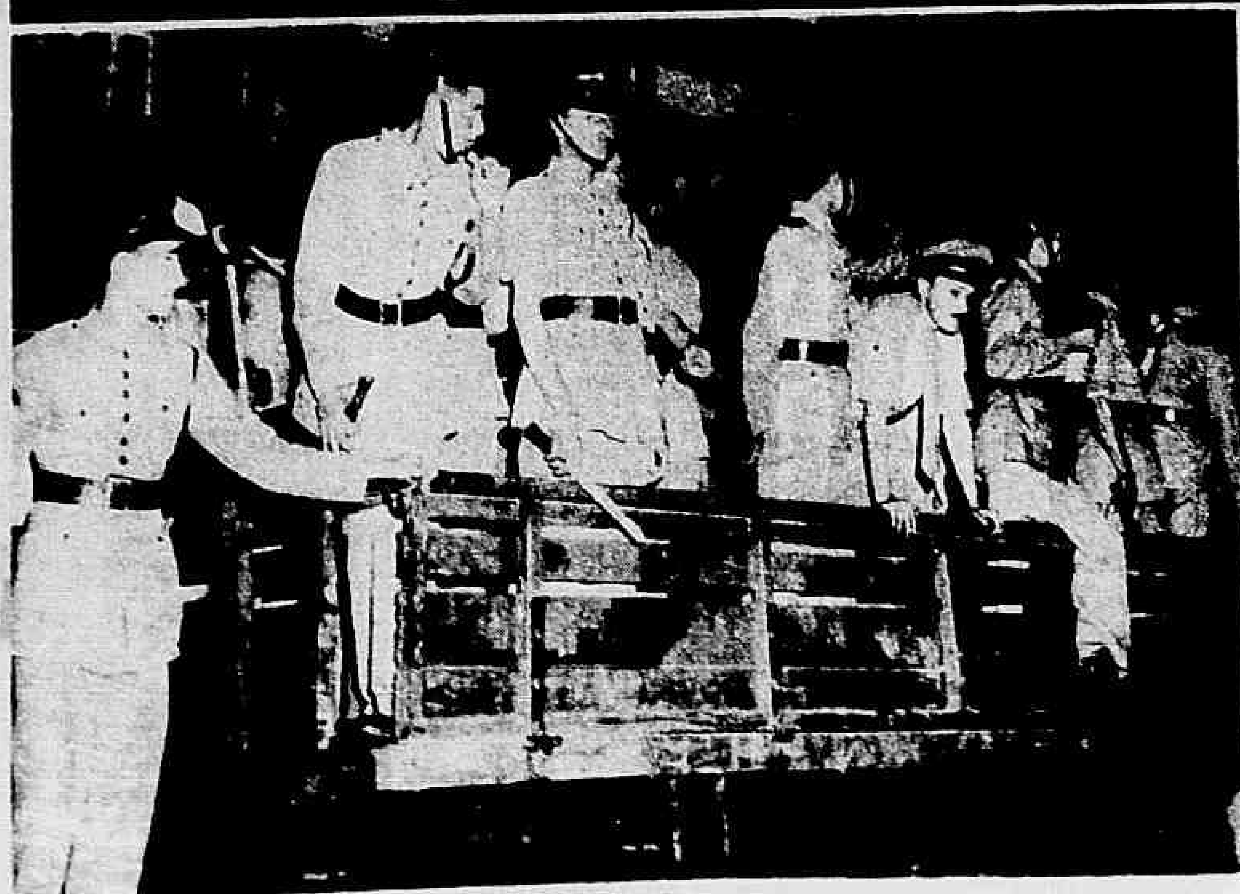
Fotos de ROGÉRIO MORAIS

BELÉM foi sacudida mais uma vez por uma manifestação popular. O movimento, que se assemelhou a rebelião, originou-se do aumento das passagens de ônibus, pelo govêrno do Estado. Tão violenta foi a revolta que o próprio governador, em declarações feitas à imprensa, reconheceu ter ficado a capital paraense, durante várias horas, entregues às mãos dos agitadores. A turba enraivecida parecia incontrolável. E, em dois dias consecutivos, a vida ficou como que paralizada: sem transportes, com os colégios fechados, bares e botequins de portas cerradas. Até parte do comércio, temeroso de represálias, retraiu-se. Um espetáculo desolador. Só após muito trabalho, por parte das autoridades, com a mobilização das polícias Militar e Civil, da Guarda Civil, do Corpo de Bombeiros e da Vigilância Noturna, foi restabelecida a ordem. Agitação maior, em todos os sentidos, do que o «trote dos calouros», no mês de maio passado, quando a Polícia Militar do Exército desrespeitou a autonomia do Estado. Há muito a metrópole nortista não sofria tão grande abalo.

O AUMENTO DOS ÔNIBUS

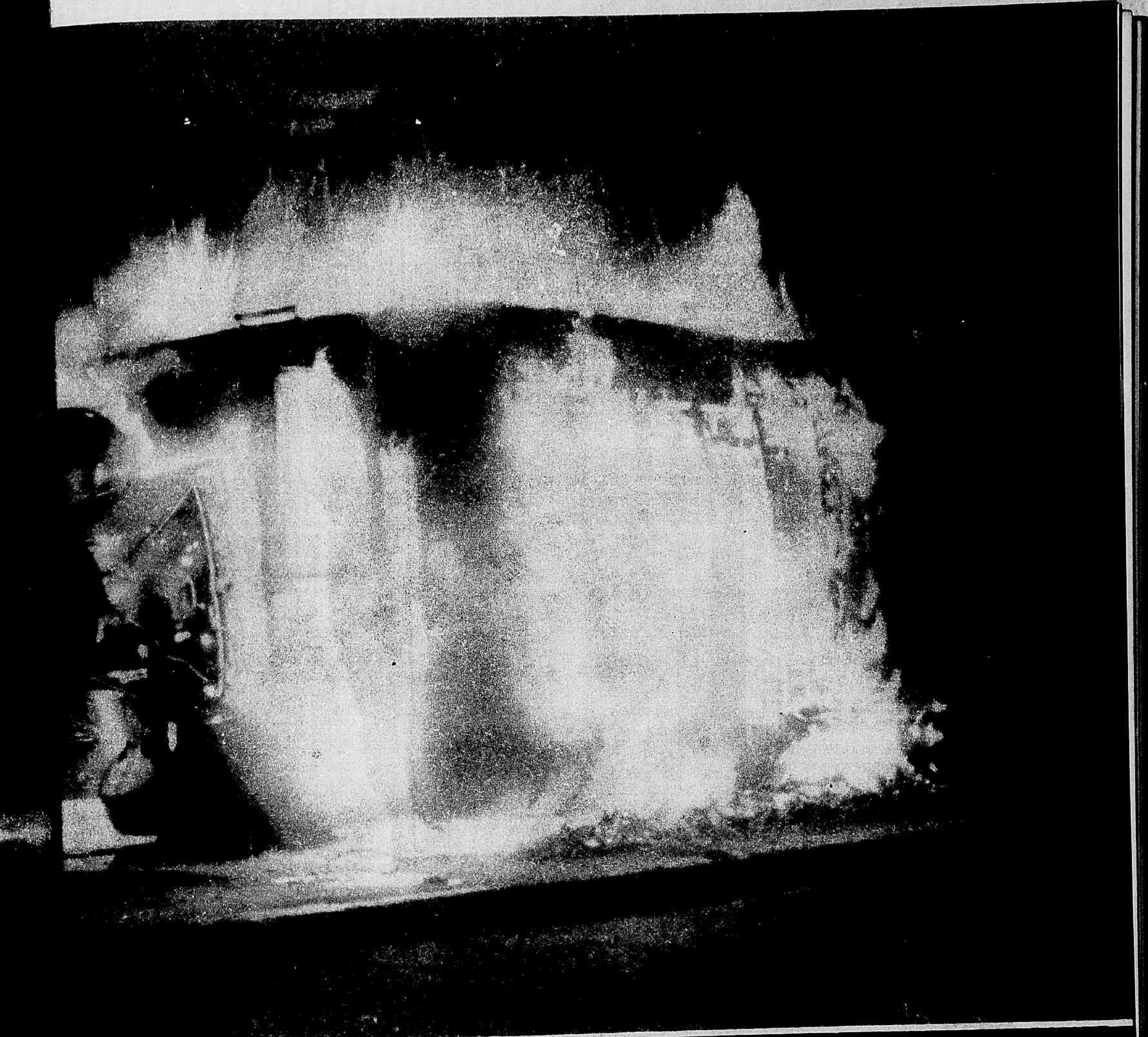
Há dias, sob a alegação de que os ônibus causavam prejuízos, os proprietários de emprêsas de transportes coletivos retiraram seus veículos de circulação. Isto depois de haver, repetidas vêzes, batido às portas da Comissão Estadual de Preços (Coap) e do Conselho Regional de Trânsito (CRT), que foram intransigentes, negando a majoração das tarifas. Durou a parede uma semana. No decorrer do movi-

O "QUEBRA-QUEBRA" AC B

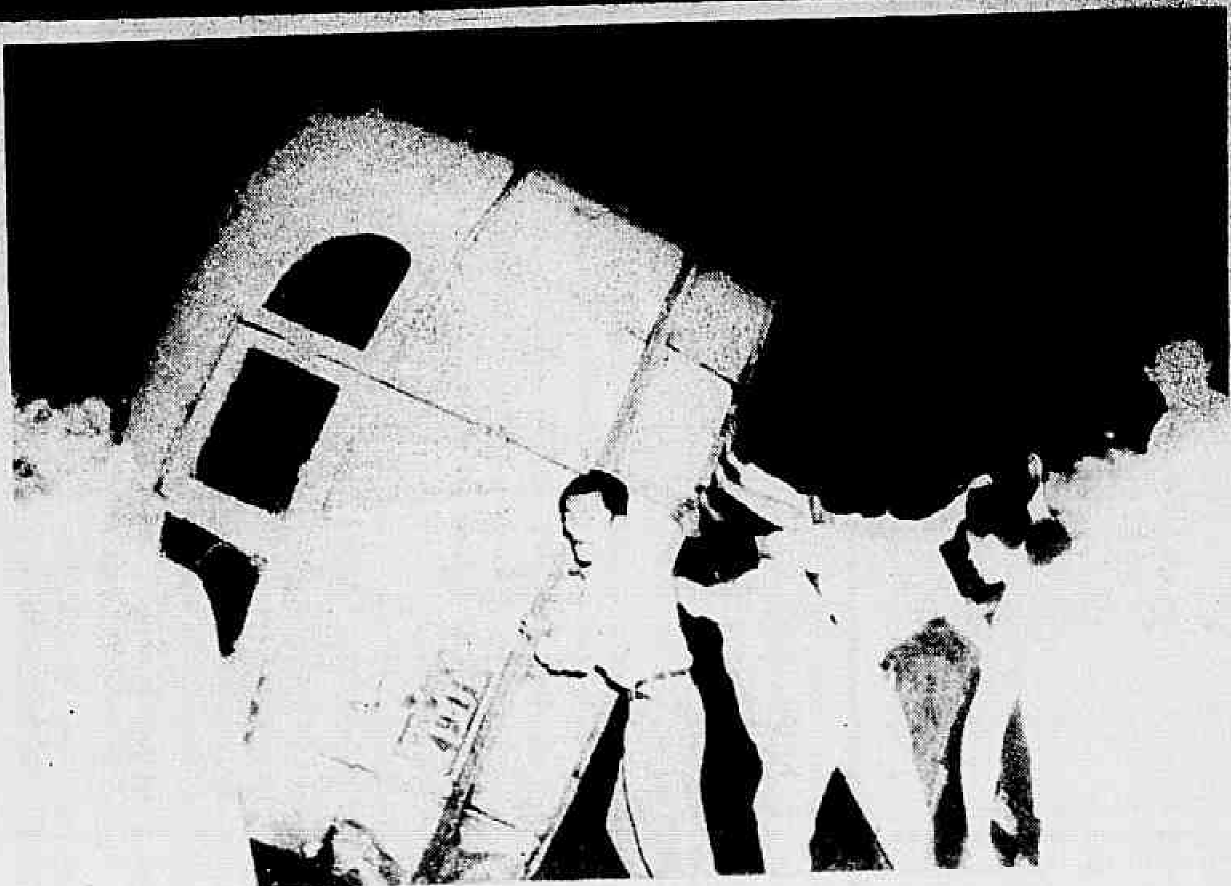




Poucas semanas após o grave atrito entre estudantes e militares, a capital do Pará foi novamente, e de maneira igualmente violenta, sacudida por uma inco



C/BOU COM OS ÔNIBUS





a por uma incontida explosão popular. A maioria dos ônibus foi destruída. Afirmam as autoridades que comunistas tentaram desvirtuar o sentido dos distúrbios.



Por êsse Mundo de Deus

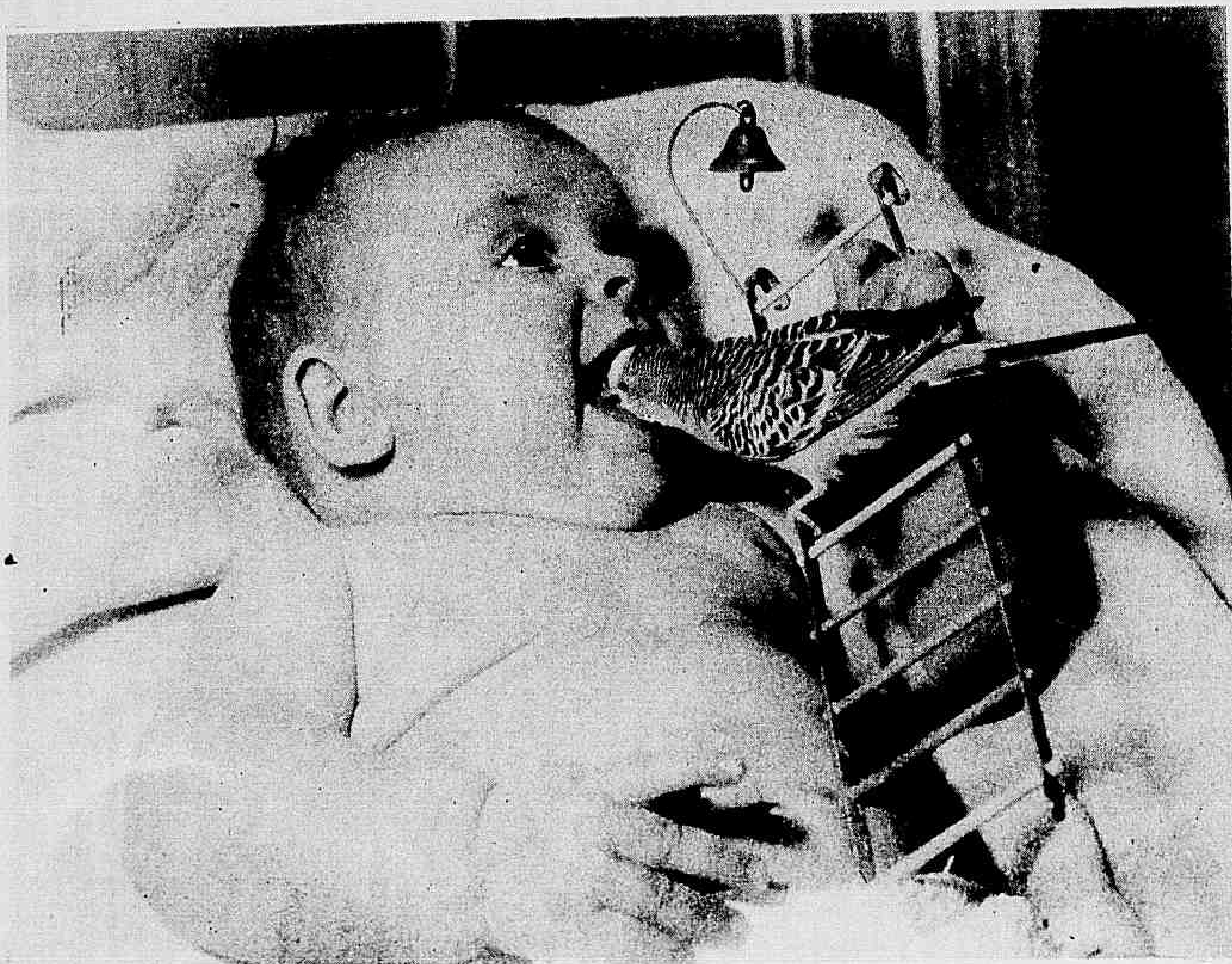
COMEÇA A BRILHAR

O nome dela é Carol Fisher. Idade: 17 anos. Outros predicados: ver a fotografia acima. «Starlet» no ano passado, Carol é hoje uma das mais promissoras «estrêlas» dos teatros de revistas londrinos. Hollywood está interessada nela e já mandou buscá-la.



«O ROUXINOL DOS ANDES»

«Nunca houve uma colatura como a de Yma Sumac», afirmam os maiores professôres de canto do mundo inteiro. «O rouxinol dos Andes» está agora fazendo o giro da Europa. Em Milão, foi chamada ao palco 9 vêzes, ou seja, 2 vêzes mais do que a Tetrazini. Yma promete visitar o Rio e Buenos Aires, possivelmente ainda êste ano. Idade do Rouxinol: 31 anos.



PRIMEIRO PRÊMIO

A foto ao alto conquistou em Londres, num concurso recente, o primeiro prêmio para o mais feliz instantâneo. O menino se chama Timothy Cooper, de seis meses; o pássaro é uma toutinegra, que procura, na bôca infantil, restos da última refeição. O autor do flagrante ganhou 1.000 libras. Não é tudo uma beleza?

"O quebra-quebra"

mento, solidária com o Chefe do Executivo, a população passou sete dias de provações. Atendeu a todos os apelos do general Zacarias de Assunção, governador, que prometera em nota oficial, não conceder o aumento, procurando outra solução para o caso. Depois de marcha e contra-marcha, entre as autoridades e os grevistas, foi nomeada uma comissão especial para estudar o assunto e os carros voltaram a trafegar. Comprometera-se a autoridade máxima do Estado a acatar quaisquer que fôssem as sugestões da aludida comissão, que era integrada de dirigentes sindicais, quer da parte patronal quer da parte empregada. Concluído o trabalho, os representantes sindicais chegaram à conclusão de que as emprêsas que exploravam o transporte coletivo (não existe serviço público oficial) eram deficitárias, mas sugeriram entretanto que fôsse concedida uma subvenção e não elevação de preços, em virtude de já estar esgotado o poder aquisitivo das classes desfavorecidas, devido a constantes majoração operadas em diversos setores. Mas o govêrno faltou com a palavra, relegando a plano secundário as sugestões da comissão e concedendo um aumento, na base de 100 por cento. As passagens, por ordem do Chefe do Executivo, que não tinha competência para tal, pois só à Coap competia deliberar, passaram de um para dois cruzeiros.

COMÍCIO DOS ESTUDANTES

Dia 15 de maio, como fôra deliberado pelo governador, entraram em vigor as novas tarifas. O aumento provocou indignação popular. Nos coletivos, a todo o instante, registravam-se incidentes, entre passageiros, cobradores e motoristas. Nenhum revestiu-se de gravidade. A 17, porém, os estudantes secundaristas, com o apoio da União Geral dos Trabalhadores do Pará, realizaram um comício de protesto contra o aumento, que teve lugar em um dos principais logradouros da cidade: o Largo de Nazaré. Decorreu o «meeting» em perfeita ordem. Nenhum incidente se registrou. Mas, concluída a manifestação, quando os participantes procuraram retornar aos seus lares, verificaram que quase todos os ônibus haviam sido retirados de circulação. A massa, embora já dispersa, ficou enfurecida, chegando mesmo ao desvairo. Grupo de populares passaram a percorrer as ruas da cidade e onde encontravam um veículo depredavam ou incendiavam. Foi um autêntico quebra-quebra.

RESULTADO DA REVOLTA

Os manifestantes que, como dissemos acima, por várias horas tomaram conta da cidade, só foram dissolvidos a balas. Muito embora o tiroteio dos policiais não fôsse pròpriamente dirigido contra o povo, mais de três dezenas de pessoas foram acidentadas, sendo atendidas pelo «Pronto Socorro», que chegou até a improvisar postos de emergências em plenas artérias da capital paraense. Concluída a tarefa de destruição dos veículos, que se encontravam em circulação, os populares passaram a localizar e a assaltar as garagens. A essa altura, todavia, as autoridades já haviam adotado medidas de precaução, o que evitou maior extensão de prejuízos. Foi garantida a duras penas a propriedade privada. Acusou, porém, a revolta popular os seguintes prejuízos materiais: 10 ônibus incendiados e 18 depredados.

Dia seguinte, não obstante as providências oficiais, prosseguiram as manifestações. Os motoristas da praça, temendo que seus carros de aluguel tivessem destino idêntico aos ônibus, entraram em greve, fazendo declaração à imprensa, segundo a qual só voltariam a circular depois que a ordem fôsse restabelecida. Vários choques foram registrados entre estudantes e motoristas, que ganharam a rua. Tais distúrbios foram atenuados pela ação enérgica dos policiais. Fecharam os colégios, bares, botequins, dancingues. Os cinemas também não funcionaram. Parte do comércio cerrou suas portas. Enfim, houve como que um hiato na vida da cidade. Só no 3º dia, quando a ação do tempo e da polícia esfriaram os ânimos dos manifestantes, voltou a calma, entrando a cidade em sua vida normal. Até os ônibus (guardados por militares armados) voltaram à circulação. Foi, assim, restabelecida a ordem. O povo, insatisfeito, sobretudo com a fixação do novo salário mínimo, cujas bases para o Pará foram consideradas infames em comparação aos outros Estados, continua como um estopim de pólvora. Basta acender um fósforo para se operar a explosão. Não será surprêsa, portanto, se amanhã ou depois a metrópole da Amazônia fôr sacudida por outra onda raivosa.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

Eden e Molotov queixam-se da imprensa, o prefeito (carioca) vai mesmo casar, chegou a baronesa de Kargère com suas bonecas e esquentou a guerra fria entre os Estados Unidos e a Guatemala



DICK HAYMES
Legalizado



TOUMANOVA
A platéia pede mais



TENÓRIO
Quem atirou?



JANGO
Diz que não quer



MOLOTOV
Não pode ter segrêdos



CABEÇÃO
Espirrando na Suíça



DULCÍDIO CARDOSO
Vai casar

- Chou En Lai (ministro do Exterior da China Comunista) foi convidado (por Bidault) a visitar Paris
- A Light promete (como em 1936) total remodelação nos seus bondes
- O prefeito nomeou a filha do jornalista Nestor Moreira, assassinado pela polícia; e o govêrno promete uma pensão vitalícia à viúva
- Continuam confusos os motivos do último atentado ao deputado Tenório
- Afirma Mc Carthy que a sua luta contra o comunismo nos Estados Unidos «apenas começou»
- Attlee e Bevan visitarão (em junho próximo) a China Comunista
- Primeiro treino (na Suíça) da seleção brasileira
- Cleofas só será ministro (da Agricultura) até o dia 15 de junho próximo
- Regis Pacheco começou a batalha contra Antônio Balbino e Simões Filho
- O cantor Dick Haymes (marido de Rita Hayworth) não será mais deportado, e promete uma «tournée» pela Europa
- «Ainda não foram revelados inteiramente os incalculáveis recursos dos anti-bióticos», afirma o professor Fleming
- Eden e Molotov queixam-se da imprensa, que estaria divulgando assuntos secretos da Conferência de Genebra
- O prefeito Dulcídio Cardoso anuncia o casamento para julho próximo
- O Brasil, que devia 60 milhões de libras a Inglaterra, acaba de dar 20 milhões por conta.
- Toumanova dançou em S. Paulo e foi chamada à cena 11 vêzes
- 123 funcionários seriam demitidos da polícia
- Começa a ficar morna a guerra (fria) entre os EE.UU. e a Guatemala
- Robert Capa, fotógrafo (do «Life») de fama internacional, morreu na guerra da Indochina
- Surto de tifo em Belo Horizonte
- Voltam a morrer os peixes da Lagoa Rodrigo de Freitas
- Diz Jango que não quer ser governador do Rio Grande do Sul
- «Os húngaros serão os campeões mundiais», afirma o técnico da seleção inglêsa
- 330 milhões de cruzeiros — os lucros (líquidos) do Jockey Clube Brasileiro no ano passado
- Cabeção resfriado, na Suíça
- O comissário Rui Dourado está sendo acusado (por um comerciante) de extorsão
- Barrault entusiasma São Paulo
- Moscou acusa os EE.UU. de preparar um assalto à Guatemala
- Despejado o Centro de Recuperação dos Ex-Combatentes
- Na cidade de Goettingen (Alemanha Ocidental) o govêrno criou um curso para prisioneiros de guerra, com a duração de 12 meses
- Stanley Kramer (um dos produtores mais inteligentes de Hollywood) brilha mais uma vez nas telas do Rio (Os 5.000 dedos do Dr. T)
- Em Londres o soldado John Walter Dubarry (26 anos) obteve divórcio de sua espôsa Muriel (24 anos). Motivo: «tem muitas características masculinas — «mesmo depois de haver sido submetida a uma série de intervenções cirúrgicas para deter a modificação do sexo».
- A baroneza de Kargére traz ao Rio uma coleção curiosa de bonecas com 53 miniaturas das mais famosas figuras femininas de todos os tempos.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

Champanhota

PETER



Todos adoraram Audrey

● Esta história que vou contar a vocês, evidentemente, não aconteceu. Mas, isto não impede que eu a conte. Vamos a ela. Certa senhora resolveu dar um jantar na época em que São Paulo atravessava a grande crise de energia. A «entrada» seria um «cock-tail» de camarão que foi metido na geladeira na véspera. No dia seguinte, quando a dona da casa acordou, foi informada pela cozinheira de que a geladeira estivera parada por falta de luz. Olhou: os cubinhos de gêlo estavam degelados. Quanto tempo estivera desligada? Estariam os «cock-tails» em bom estado de conservação. A copeira, adivinhando seus pensamentos perguntou: «Escuta, madama, por que não experimentamos os camarões no cachorro que apareceu aqui em casa há dias?» Primeiro, a dona da casa se revoltou com a idéia, pensou no seu filho caçula que gostava tanto do bicho. Mas, e o sucesso do jantar? Adotou a idéia da criada e, nesse dia, o totó foi alimentado a «cock-tail». Se até às 21 horas não morresse, os camarões seriam servidos. E assim foi feito, como diz a Santa Bíblia. Às tantas, quando o jantar já ia a meio, já comidos os «cock-tails» de camarão, a dona da casa correu os olhos pela mesa. Realmente, o jantar havia sido um sucesso. À sua frente, havia uma seqüência alternada de bonitos decotes e belas camisas de peito duro. O «menu» tinha sido perfeito. Mas, seu sorriso sumiu e seu rosto ficou branco quando seu garção segredou-lhe ao ouvido: «Patroa, o cachorro morreu». Ficou branca e pulou da cadeira como se fôsse mola sôlta. E, entre muito gaguejar, explicou a seus convidados tôda a história. Ao criado que lhe tentava dizer qualquer coisa, mandou embora com um gesto brusco.

● Primeiro, houve na sala um movimento de revolta entre os convidados. Depois as mulheres começaram a se sentir mal, tiveram os enjôos próprios, acompanhados de mais próprios «chiliques». Quanto aos homens, houve alguns mesmo que pediram tônicos para o coração e, vítimas do feroz envenenamento começaram a perder o pulso, já na expectativa da morte. A «linha» foi-se embora e as camisas de peito duro, amolecidas pelo suor frio, foram abertas.

● O elegante e desarrumado cortejo deu entrada no «Hospital de Clínicas», transportado por quatro ambulâncias, com algumas senhoras carregadas e homens amparados por outros que se mostravam mais fortes aos efeitos mortíferos do camarão deteriorado. Tudo isto acontecia ao mesmo tempo que a copeira tentava dizer alguma coisa, enquanto a patroa negava-se a ouvi-la, atacada como estava pela forte dor de estômago e constantes tonteiras que lhe davam uma idéia de escuridão reinante no outro mundo. Na enfermaria, já todos medicados com soros para o fígado, lavagens do estômago e outros tratamentos próprios para o caso, a empregada voltou à carga. A dona da casa, que já se sentia melhor depois de muito enjoar, resolveu ouvir a empregada que, no meio de todos os convidados, disse: «Patroa, o cachorro morreu, mas foi de atropelamento. O carro matou êle».

● «Roman Holiday»

Numa «avant-première» que reuniu tôda sociedade carioca e grande número de membros da colônia norte-americana, inclusive diversos diplomatas, a sra. Dolores Guinle fêz apresentar um excelente filme de Jean Manzon e o já famoso «Roman Holiday». Para sucesso da noite concorreram diversas senhoras de sociedade e algumas casas que ofereceram prêmios que foram distribuídos. A festa foi de finalidade filantrópica. Para a sra. Dolores Guinle, propomos o «Oscar» de organização.

● Casa-se o jornalista

No dia 26, casou-se o jornalista Haroldo Damásio com a senhorita Sílvia Maria Brugger de Almeida. Após a cerimônia religiosa, o sr. e sra. Antônio Homem de Almeida receberam em sua residência. Nós todos fomos dar um abraço nos noivos.

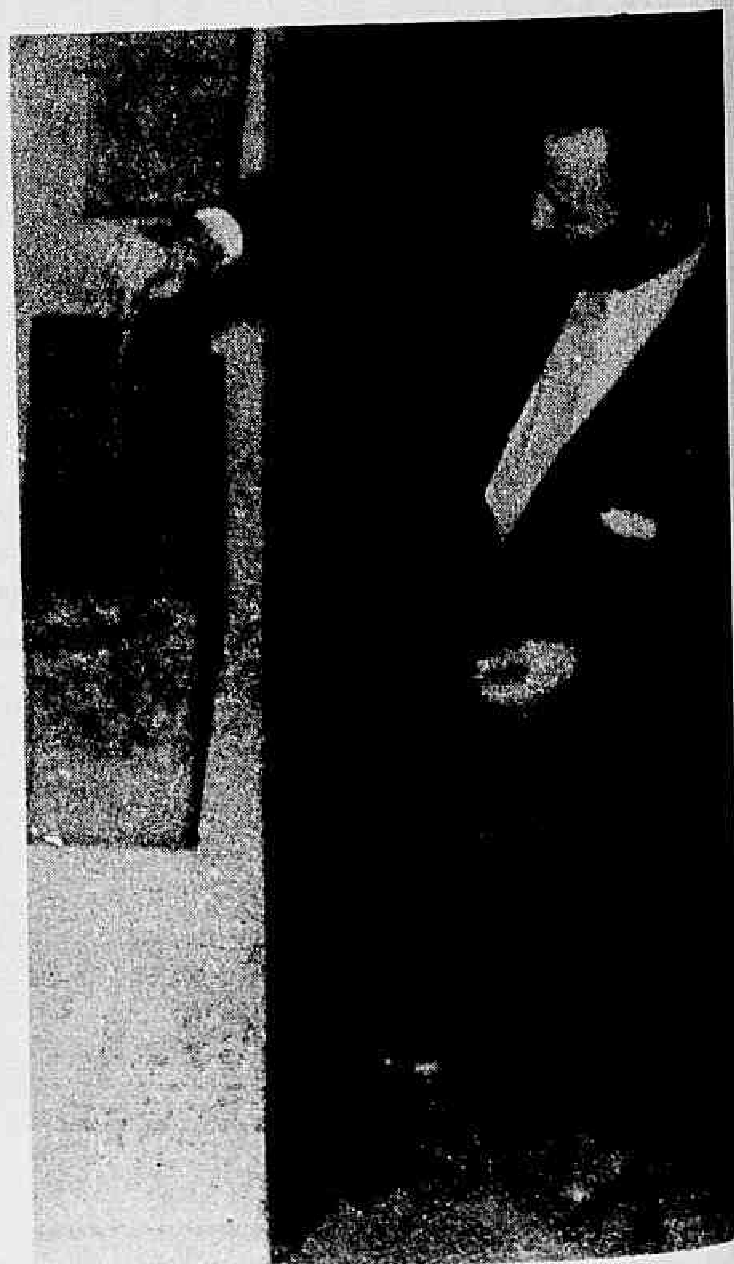
Foto Rio-Magazine



ÚLTIMO FLASH

VITÓRIA DE CANROBERT E JUAREZ NO CLUBE MILITAR

● A batalha pela direção do Clube Militar teve o seu epílogo no dia 18 último, quando, em eleição da qual participaram os associados militares do país inteiro, a chapa Canrobert-Juarez impôs-se espetacularmente, derrotando a outra, encabeçada pelo general Lamartine Paes Leme, pela contagem de 7.145 contra 4.074 votos. Após o memorável pleito, vencedores e vencidos confraternizaram patriótica e esportivamente, e ouviu-se do general Canrobert, comandante da vitória, esta declaração altamente tranqüilizadora: «O resultado das eleições não redundará em qualquer cisma. Todos estamos unidos e o Exército é um só». A chapa Canrobert-Juarez venceu em todos os Estados e na Capital Federal. Programa dos vencedores: ampliar os meios de assistência social aos militares, quer os da ativa, quer os reformados. (Fotos «Última Hora» e «Tribuna da Imprensa).





— Vai dar choque, moço?

CUCO

Uma seção meio pancada

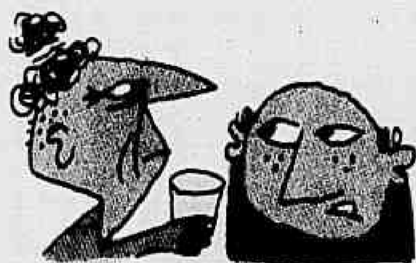
leon eliachar

Assinatura do autor, de roupa de banho.

Ilustrado por PIQUI



Empresário para a «estrêla»: «Você não fará o filme em «technicolor», mas pode crer que, com a sua presença, qualquer fita em prêto-e-branco, será uma fita colorida».



Dono do bar à uma senhora idosa: «Se a senhora deixasse de beber não teria necessidade de diminuir a idade».



Costureiro à uma senhora obesa: «Foi bom a senhora ter engordado, assim podemos gastar tôda a peça de fazenda que a senhora trouxe».

NÃO COMPREENDO...

... porque todo sujeito que conta uma anedota sem graça e ninguém ri, faz questão de contar tudo de novo, pensando que ninguém entendeu.

SEGRÊDO É TÔDA CONFISSÃO QUE COMEÇA COM DUAS PESSOAS

PONTOS DE VISTA

O autor lavando os pés

DOMINGO é êsse dia que fica exatamente entre os dias da semana passada e os dias da semana que vem.

SEGUNDA-FEIRA é o dia em que verificamos que temos um montão de coisas a fazer.

TÊRÇA-FEIRA é o dia em que chegamos à conclusão que não fizemos nada do que devíamos ter feito ontem.

QUARTA-FEIRA é o dia em que marcamos uma porção de encontros dos quais teremos que adiar alguns.

QUINTA-FEIRA é o dia em que sentimos que a semana está acabando e que já é tempo de fazermos alguma coisa.

SEXTA-FEIRA é o dia mais atarefado da semana porque amanhã é sábado e o expediente fecha ao meio dia.

SÁBADO é o dia em que prometemos fazer na semana que vem tudo o que não tivemos de fazer na semana passada.



A FAMÍLIA DO ESCAFANDRISTA FAZ UM PIQUENIQUE



Um crítico de teatro...

... é aquêle que distingue entre as peças a que apresenta mais forte expressão de bom gôsto. Êsse mesmo senso de discernimento é que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

II-88.241